

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS UFPB-
UFPE

ARTHUR DE ALBUQUERQUE MEIRA DE ARAÚJO

PALIMPSESTO
DESDE AMANHÃ – UM ENCLAVE – NA PARTILHA

MACEIÓ/ JOÃO PESSOA

2021

PALIMPSESTO

DESDE AMANHÃ – UM ENCLAVE – NA PARTILHA

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de mestre em Artes Visuais.

Linha de concentração: Teoria, Poética e Processos de Criação.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Coutinho.

MACEIÓ/ JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663p Araújo, Arthur de Albuquerque Meira de.
Palimpsesto desde amanhã - um enclave - na partilha /
Arthur de Albuquerque Meira de Araújo. - João Pessoa,
2021.
283 f. : il.

Orientação: Marcelo Farias Coutinho.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/PPGAV.

1. Palimpsesto. 2. Livro de artista. 3. Bíblia. 4.
Enclave. I. Coutinho, Marcelo Farias. II. Título.

UFPB/BC

CDU 091.33(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS



ARTHUR DE ALBUQUERQUE MEIRA DE ARAÚJO

“O PALIMPSESTO DESDE AMANHÃ – UM ENCLAVE – NA PARTILHA”

Aprovado (a) em: 09/07/2021

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho – PPGAV/UFPB – UFPB
Orientador/Presidente

Prof. Dr. João de Lima Gomes – PPGAV/UFPB
Examinador Titular Interno

Prof. Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques – UFAL
Examinador (a) Titular Externo (a) à Instituição.

AGRADECIMENTOS

À Marcelo Coutinho, pela orientação compreensiva, de paciência infinita e que dirige à experiência daquilo que só se afirma na impossibilidade do fim – mas marcando o passo, sempre exigido, no momento da decisão.

À Fernando Monegalha, por ter aceito um convite a continuidade de uma partilha de pensamento que aqui se renova e, parece, ainda promete porvir.

À João de Lima, pela pronta de disponibilidade em acolher a solicitação desse desconhecido, e por me dar a ouvir certo chamado de Walter Benjamin.

À coordenação do mestrado, que não deixou de me surpreender e tranquilizar por seus gestos e decisões compreensivas. Notadamente através de Robson e Odilon. A vocês, meu obrigado.

À FAPB, pelo apoio tão decisivo.

Àqueles e àquelas que conheci nesse imprevisto e prodigioso desvio à Paraíba, por se mostrarem à altura da vida quando esta nos pôs à toda prova.

É também nesse sentido que o mais pessoal não podia se guardar como próprio a um só, já que ele rompia os limites da pessoa e exigia ser compartilhado, ou melhor, se afirmava como a partilha mesma. Essa partilha remete à comunidade, se expõe nela, pode nela se teorizar, é seu risco, vindo a ser uma verdade ou um objeto que se poderia deter, enquanto a comunidade, como o diz Jean-Luc Nancy, só se mantém como o lugar – o não-lugar – onde não há nada a deter, secreta por não ter nenhum segredo, obrando apenas no desobrimento que atravessa a escritura mesma ou que, em toda troca pública ou privada de palavra, faz ressoar o silêncio final onde, entretanto, não é jamais assegurado que tudo enfim termina. Não há fim lá onde reina a finitude.

Maurice Blanchot, A partilha do segredo.

RESUMO

Do latim, *palimpsestus*: “o que se raspa para escrever de novo”. Aqui, depreendido desta técnica medieval, se dá por nome a um fazer poético: um exemplar do romance *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, e outro de *Os subterrâneos do Vaticano*, de André Gide, foram tomados para sofrer, a cada página, supressões no corpo do texto. Dos fragmentos, mantidos em conjunto apenas pelos respectivos volumes físicos dos exemplares, resultam duas narrativas inteiramente outras; conformadas em dois livros de artista que compõem a trilogia *Palimpsesto*. Um abre e o outra fecha a dissertação. Cada um aparece, a seu momento, alternando-se com o texto dissertativo de uma pesquisa que, sob os signos do estrangeiro, do trauma, do testemunho e da anomia, comenta passagens do *Livro dos livros* e se encerra nas heranças literárias da última grande guerra. De nome *Enclave*, o terceiro livro de artista (de imagem e texto autorais), divide tal caminho.

Palavras-chave: livro de artista; palimpsesto; Bíblia; enclave; guerra.

ABSTRACT

From Latin, *palimpsestus*: “what is scratched to write again”. Here, inferred from this medieval technique, a poetic work is given by name: a copy of the novel *Memórias do Cárcere*, by Graciliano Ramos, and another of *The Undergrounds of the Vatican*, by André Gide, were taken to suffer, on each page, suppressions in the body of the text. From the fragments, kept together only by the respective physical volumes of the specimens, two entirely different narratives result; formed in two artist books that make up the *Palimpsest* trilogy. One opens and the other closes the dissertation. Each one appears, in its own moment, alternating with the dissertation text of a research that, under the signs of the foreigner, trauma, testimony and anomie, comments on passages from the *Book of books* and ends up in the literary legacies of the last great war. *Enclave*, the artist's third book (with copyrighted image and text), shares this path.

Keywords: artist book; palimpsest; Bible; enclave; war..

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
LIMIAR.....	10
 I – DESDE AMANHÃ	
1.1 – Prescrito.....	13
1.2 – Como se – sem advento	41
 II – UM ENCLAVE	
2.1 – Na palavra – sem fim	71
2.2 – Do silêncio – um êxodo.....	130
2.3 – Contrito.....	135
 III – NA PARTILHA	
3.1 – Da tensão.....	137
3.2 – Inconfessável.....	162
3.3 – Herdar – o trauma.....	180
3.4 – Sem resto.....	189
3.5 – Nem extrema unção.....	217
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES.....	282
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	283

INTRODUÇÃO

E meados do quinto século da era cristã, as invasões estrangeiras e os conflitos internos que levaram à queda de Roma, logo dariam lugar às guerras regionais que, sucedendo-se ao longo de quase mil anos, fizeram a escassez reinar sobre uma Europa geograficamente dividida, mas espiritualmente reunida sob a Igreja. Entre os copistas monásticos, a necessidade de poupar recursos levaria ao desenvolvimento de uma nova técnica de registro e arquivo.

Materialmente encarnada nas bibliotecas eclesiais, a unidade do *corpus memorialis* a partir de então daria lugar, através de seus próprios membros, à crescente desagregação de seu arquivo físico. Transformando o trabalho de conservação em um ofício seletivo, essa técnica exigia, primeiramente, a separação do acervo entre duas classes de obras: as essenciais e as preteríveis. Assim, um texto julgado supérfluo seria raspado da superfície do pergaminho, dando lugar a outro que fosse essencial. Seu nome é palimpsesto. Graças a sua imensa difusão entre os séculos VII e XII, um incalculável número de obras, indo desde normas jurídicas que caíam em desuso a obras de poetas e pensadores gregos pré-cristãos, acabou por se perder. Ademais, as recentes tecnologias que têm viabilizado a identificação espectral dos vestígios, ainda esbarram na impossibilidade de restituição integral dos conteúdos, autores, datas e locais de origem. Ainda que parciais, essas reparações têm sido suficientes para levantar suspeições quanto aos critérios de seleção. Afinal, a proibição de fazer palimpsesto com escritos bíblicos não impediu que, ao longo do século XX, obras como *Uncial 093* e *Codex Ephraemi Rescriptus* viessem ser descobertas.

Circunscrevendo o palimpsesto, esse pequeno quadro histórico pode se abrir em uma série de questões: a relação entre presença e ausência, herança e perda, destinação e desvio, comunidade e anomia etc., são o mote do primeiro capítulo desta pesquisa. No segundo são abordadas as relações entre lei e transgressão, autoria e anonimato, exigência e impossibilidade, legado e êxodo, segredo e confissão. Por fim, predominam no último capítulo as relações entre escassez e guerra, testemunho e silêncio, memória e trauma. Essa lógica de oposições alude à própria dinâmica do palimpsesto, em que o registro requer a destruição do arquivo, contradizendo a regra básica do acervo. Contudo, adianto: a lógica que sustém essa pesquisa não visa o ponto estanque entre

termos opostos, mas a diferença espectral do que resiste entre eles – aludindo àquilo que no palimpsesto ainda hoje escapa às tecnologias de escrutínio.

Palimpsesto, aqui, nomeia uma *poiésis*, um fazer poético que se engendra a partir dessa técnica. Aplicando-a em exemplares dos romances *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e *Os subterrâneos do Vaticano*, de André Gide, tanto num caso como no outro, eliminei, encobrendo com pintura, a maior parte do texto original, deixando restar somente fragmentos de frases, sob o critério seletivo de construir, com esses restos, uma narrativa outra, espectro afásico da precedente, apropriando-se de vestígios para a construção de um corpo poético da falha e do fracasso, materializado em dois livros de artista. De nome *Enclave*, um terceiro livro (de imagens e texto autorais) completa a trilogia. A “poética do palimpsesto” diz respeito à construção formal da dissertação, em que o texto da pesquisa e as imagens dos livros se alternam, sem que esta relação se estabeleça sob uma lógica de causalidade explícita. Diversamente, visa estabelecer um jogo de ressonâncias em que as imagens, contendo as narrativas fragmentárias, tecem o fundo irregular de uma conversação que interrompe a linearidade do discurso. Aqui, de fato, sinal e ruído tender a entrar numa zona de indiscernibilidade.

Portanto, não se trata de falar *sobre* o palimpsesto. Nem de abordá-lo como objeto histórico. Tampouco relatar algo sobre *a minha* experiência em fazê-lo nos livros de artista. Estes livros permanecem, por si mesmos, como registros de uma experiência de alteridade, não carecendo de outra coisa para justificar-se que sua própria intromissão, tal como em nós qualquer regime de subjetivação é instaurado, antes de tudo, pela diferença, e sem “pedir licença” à identidade. Em linhas gerais, aí um discurso filosófico e um experimento poético se perseguem, ora eles conflitam e outras se aliam, eles se aproximam e se separam segundo a lógica do corpo daquele que observa.

De resto, antecipo que, ao contrário do que se tende a esperar, mesmo aqui o discurso seguirá perdendo terreno. Agora, se as imagens é que o incorporaram ou se ele as invadindo tomou o lugar, é a uma questão que permanece aberta.

LIMIAR

Ainda que seja linguagem de habitação, a poesia parece desautorizar, àquele que lhe dá lugar, a fazer tal consignação em seu nome próprio. À mão que lhe perfaz, ela suprime o espaço da assinatura .da intimidade em que foi acolhida, nenhum reconhecimento vem atestar. De resto, ela parte deixando mudo aquele por quem pôde falar. Anônimo e afásico, o autor se retira da autoria para a indignação que o suporta.

Na ausência de testemunha, agora, um terceiro que aqui toma lugar se compromete, ao vir, a falar a verdade em nome do que desconhece e não lhe diz respeito. Mas *diante de quem* ele testemunha? Um escrito, qualquer que seja, conserva do destinatário somente um possível: promessa anônima de um leitor ou a súplica de que alguém venha, por acaso ou por necessidade, por vontade ou por compromisso, atestar o que se diz. Porque então dizer a verdade? Se não há destinatário que o exija, o incondicional permanece entre outros condicionais, inidentificável. Pela mesma razão, porém mais gravemente, não havendo quem o *ateste*, o incondicional, o elo entre a verdade e o terceiro no lugar do testemunho, é mera opção – entre tantas – todas – possíveis.

Então a possibilidade de verdade *no* testemunho depende, de resto, da possibilidade de verdade *do* testemunho enquanto tal. O que o terceiro *pode* testemunhar é somente o próprio testemunho em geral, sua mera possibilidade – aquém ou além de todo e qualquer conteúdo. Lhe caberia apenas este ir e vir, na ronda incessante entorno de um centro vazio – impróprio ou inútil, necessário ou inacessível – que, por assim dizer, está, de saída, salvo do seu toque, do seu olhar, de sua intromissão.

Mas na fronteira em que ele vigia, porém, nos juntamos, como por todo escrito, sempre destinado a ninguém e a todos, à condenação de restar nas mãos de qualquer um – que, seja quem for, não fora exigido, nada demanda e não atesta coisa alguma – senão ao fato de ter vindo.

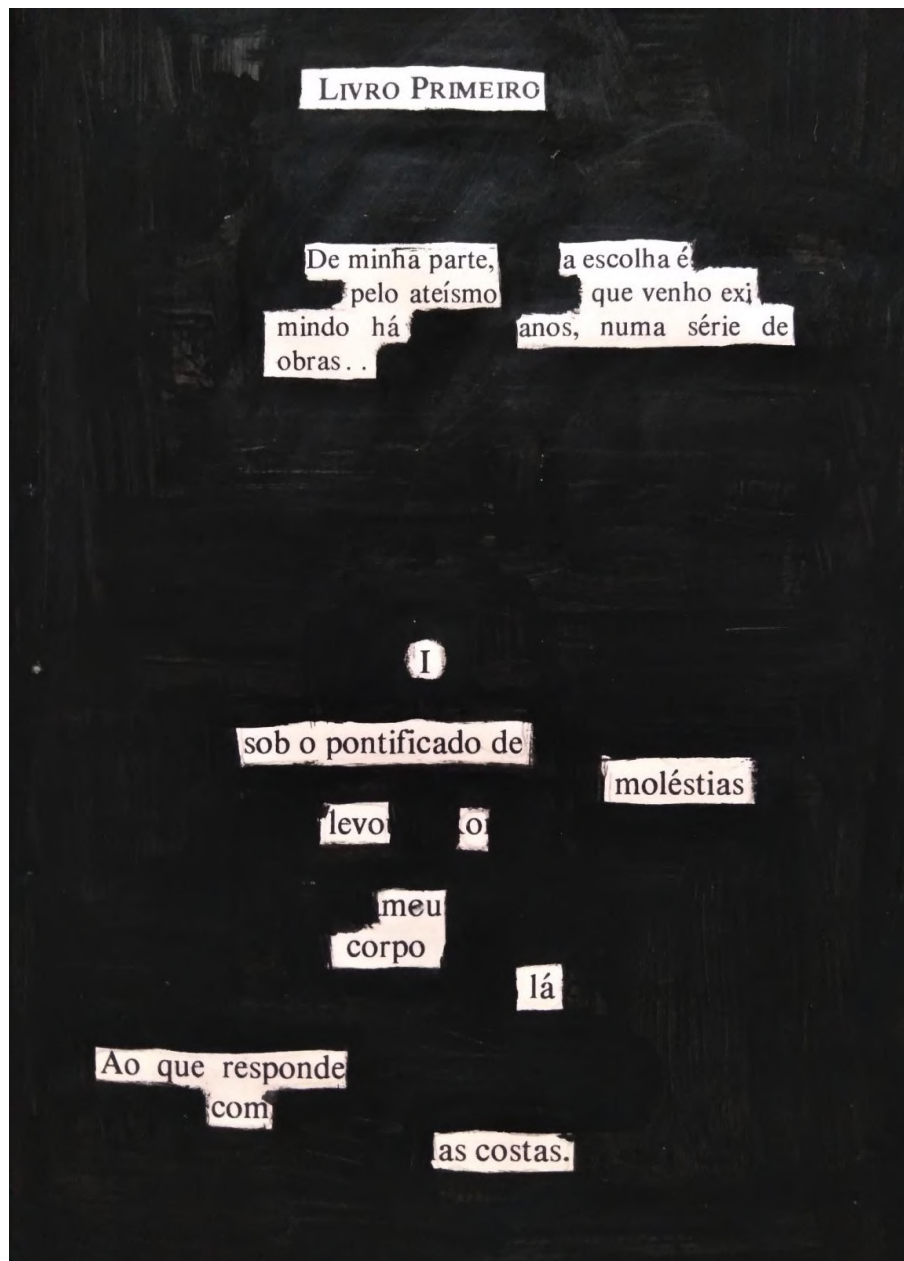
Para Isaac,
minha vítima, doador de mim, meu irmão.

DESDE AMANHÃ

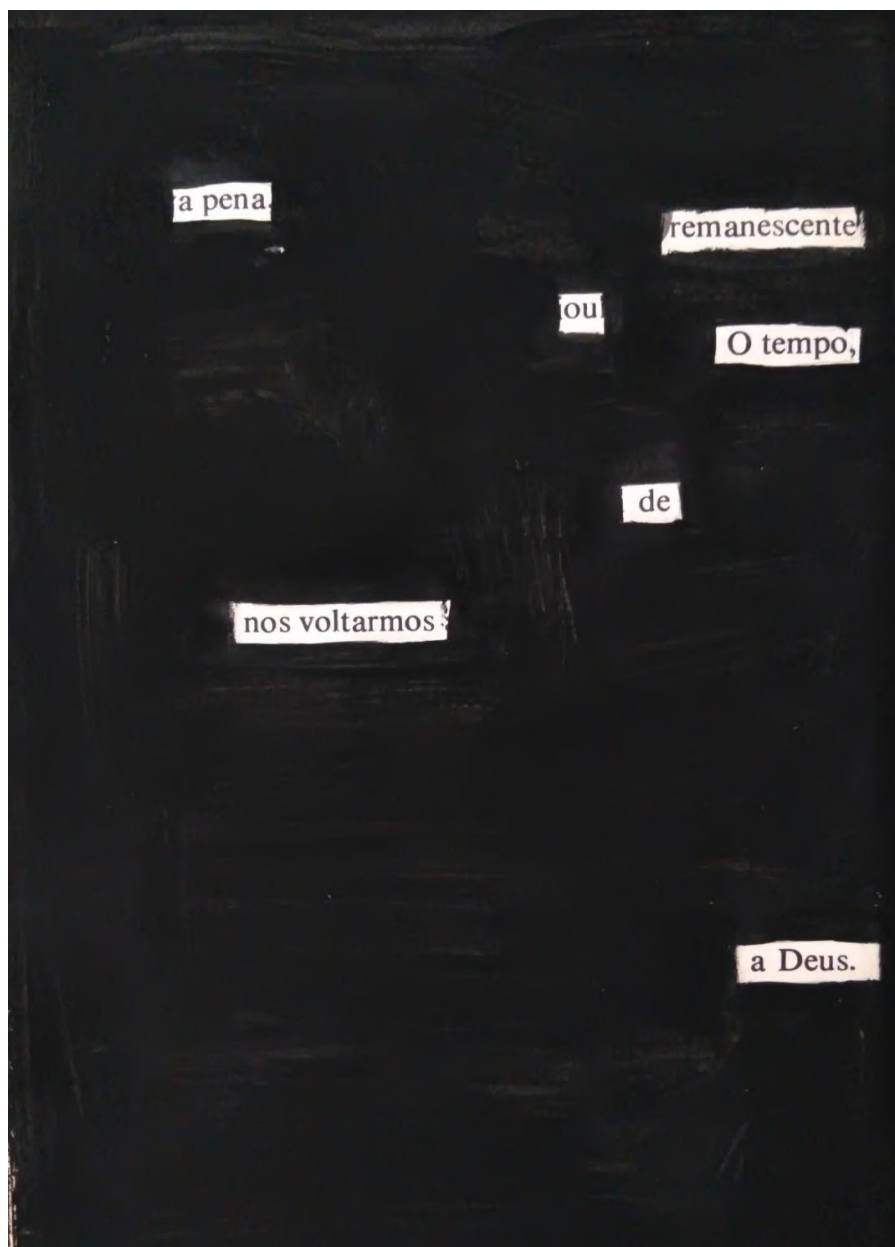
PRESCRITO¹

A diferença entre a palavra do discurso (*logos*) e a palavra poética (*poiesis*) nem sempre demarcou, para os gregos, uma separação. Quer dizer, a diferença não implicaria a interrupção dos dois modos sobre um meio ausente que, sendo ainda possibilidade de discurso, permaneceria carente de fala e por isso sem garantia de seu sentido próprio. Ao contrário, um nexos de outra natureza poderia se dar entre ambos, e os gregos conheciam esta possibilidade. Em verdade, mais do que quaisquer conhecimentos derivados do *logos*, ela implica uma experiência, mas sendo-lhe de tal maneira inseparável que mesmo o “fazer” poiético se encontra aí dispensado. Por tanto nem *logos* nem *poiesis*, mas uma tal experiência de fala que é sempre *outra*, só podendo advir excedendo a forma mesma do discurso e do fazer. É ainda palavra, mas não ao modo do *logos* ou da *poiesis*, mas de um *terceiro termo sem modo* que passa – aquém do eixo vernacular e além dos acordos semânticos – ao largo da língua materna, sendo apenas o que assinalava, na escuta, o assenso da Sibila na voz daquele que, submergindo no estado oracular, podia falar impessoalmente aos homens. Estes, por sua vez, aí se reuniam para ouvi-lo – como à palavra do destino pessoal.

¹ Devido às exigências estéticas que modelam esta dissertação, uma série de ajustes formais teve que ser feita. No intervalo entre duas imagens pode haver um só parágrafo ou vários. Os que têm menos de 15 linhas foram centralizados na página. Quando o parágrafo entre duas imagens é uma citação, ao invés do tradicional recuo de 3 cm para a direita, estará centralizado, estritamente alinhado com a as margens das imagens dentre as quais ele aparece. Ademais, a utilização da fonte de 10 e espaçamento 1,15 auxiliam sua identificação. Quando as imagens foram acrescentadas o texto já havia sido escrito. Logo, foi concebido como uma unidade. A fragmentação decorrendo unicamente do “desvio” posterior, com a entrada das imagens. Assim, o sentido do texto é contínuo. Cabe ao leitor escolher como irá percorrê-lo.



Palavra antes estilhaçada do que perdida, se o que dela retemos é apenas o registro, o evento desincorporado de que só resta extrair a anedota. Com as palavras dos mortos, então, o que se faz?



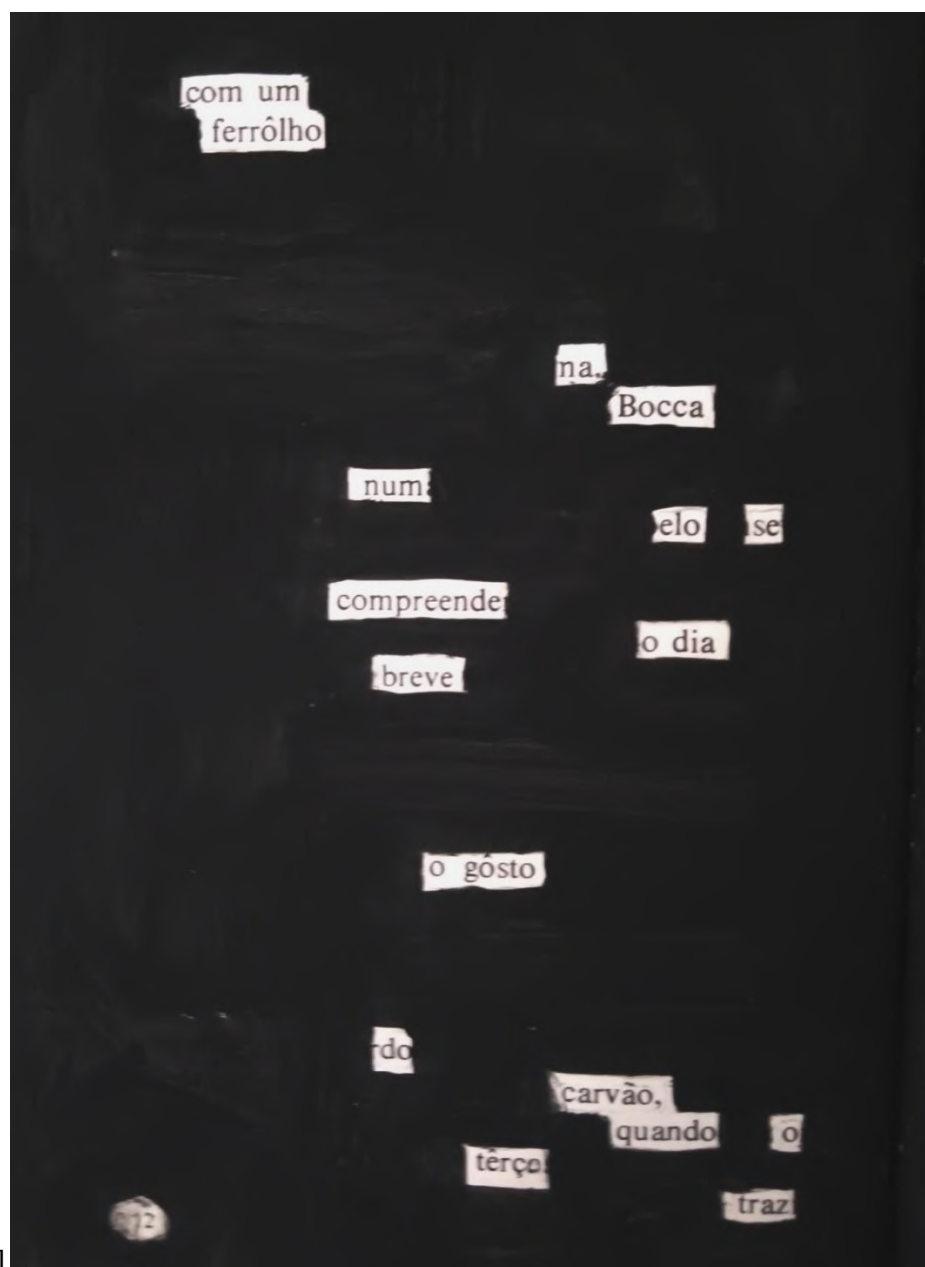
com o lar e as devoções. Antão nas pesquisas científicas. Vivia a um unção de ser o um apoio ao e amparando se em no dano e costas, graças ao que reinava entre eles uma espécie de concórdia, pairava sobre eles uma felicidade, cada um encontrando no amparar o e um discreto emprego para a sua virtude.

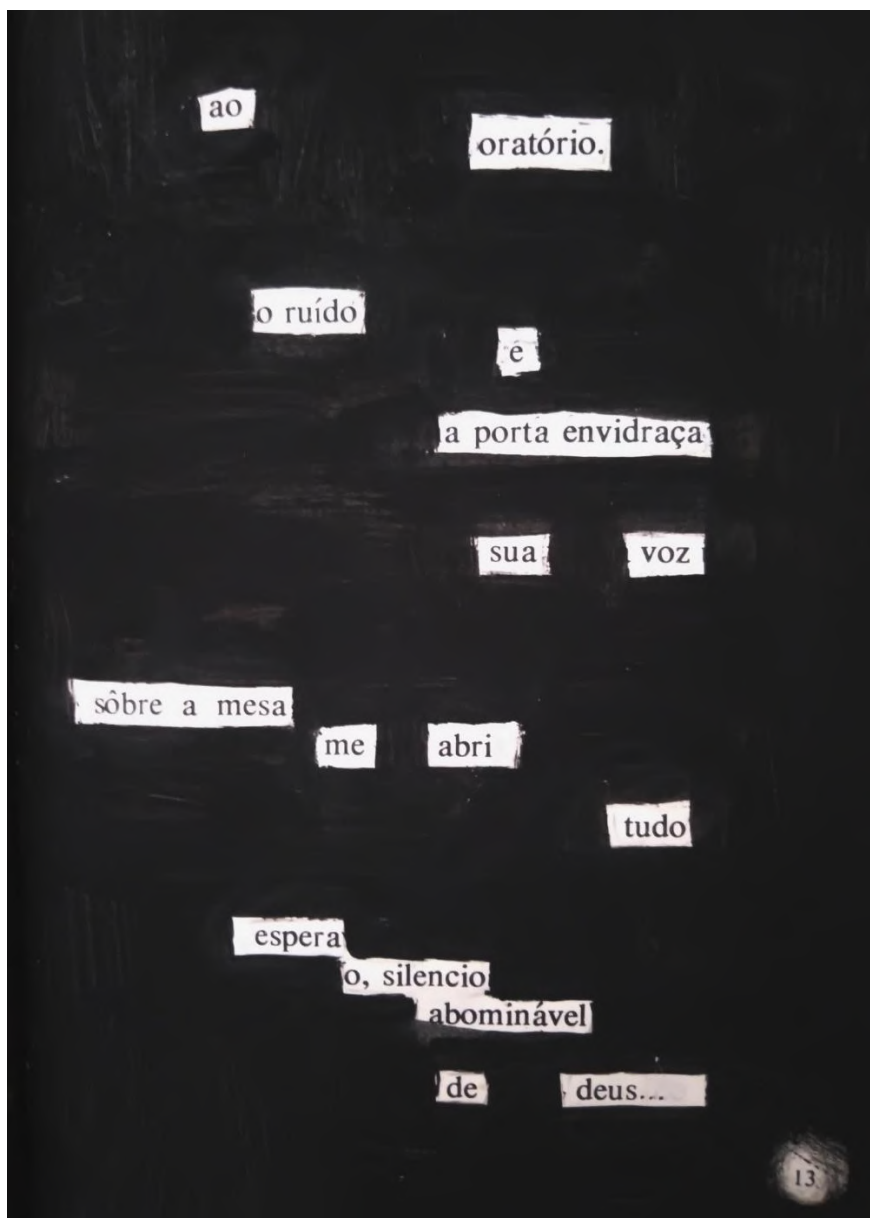
O apartamento que tinham alugado por intermédio de uma agência, apresentava como a ser parte das moradias alugadas ao lado de algumas imprevisíveis grandes instalações, ocupando todo o primeiro andar de um edifício erguido na rua in Lucina possuía um jardim que e de se de loto Vitor que se dispusera a cultivar as plantas que não via no apartamento de si; mas para chegar ao terraço era necessário a estufa, na qual e tinha havia sido instalado um aquecedor e pelo qual tinham condicionado que ele seria passageiro de tal a qual hora do dia.

Sem ruído Vêrenique empurrava a porta, depois declivava suavemente, com os olhos fechados, como passava um verso diante os grafitti do terreno, que se desenhava ver, no fundo do quarto para além da porta onde se encontrava a porta, as espadas de Antão se curvaram sobre o chão como que expressão maliciosa. Antão por sua vez...

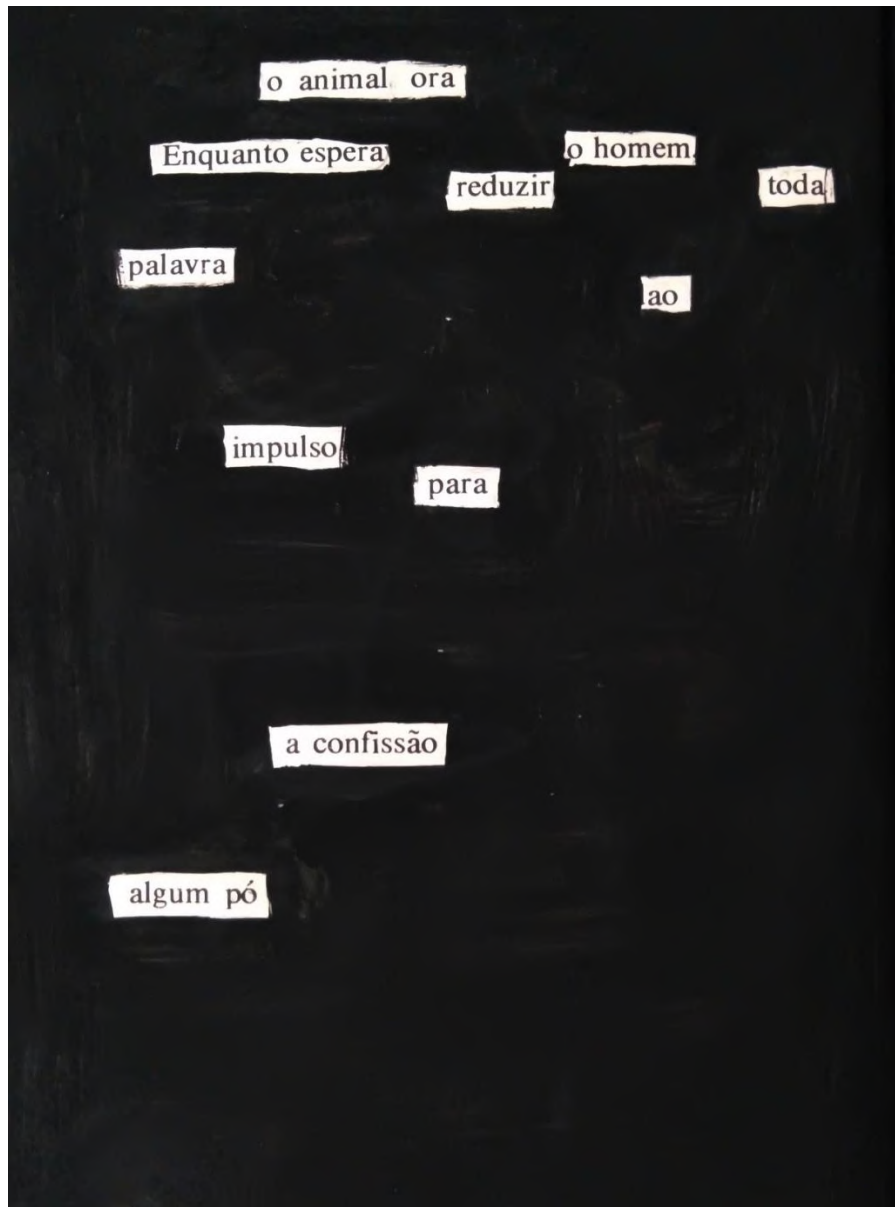
Não há morto que repouse na boca de um homem vivo. Não cessamos de falar dos mortos, quer para evocá-los fazendo nossas suas palavras ou, ao contrário, para sobrepô-las com as nossas, revogando-os. As remessas da morte não cessam de chegar. No entanto, como cartas as quais faltassem destinatários, cada um pode reivindicar para si este espaço em branco, assinando seu nome no lugar. Talvez não seja lícito, sabemos-lo. Mas é ainda entre nós que essa jurisdição se institui. A parte interessada, o morto, não pode senão faltar à atestação de sua defesa. E, no entanto, aquele que não pode defender-se apostrofa quem possa fazê-lo. Exigência que não terá deixado de assombrar mesmo pensador mais sóbrio. O suicida, por exemplo, penderá sempre como uma interrogação àqueles que lhe são próximos. Deve-se então respondê-lo em companhia de outrem, escrevendo ao seu lado, para que a partilha de um dor comum exceda toda forma de interrogação privada – tal como o fizera Marx?²

² Tão revelador quanto quase desconhecido é o livro de memórias de um certo Jacques Peuchet, diretor dos Arquivos de Polícia de Paris, que Marx tomara por seu encargo traduzir ao alemão, para a publicação em 1946: *Sobre o suicídio*. Além da tradução e do prefácio, Marx também não hesita acrescer um conjunto de seus comentários, que acompanhará, lado a lado, todo o desenvolvimento do livro. Mas comentários cujo rigor e a precisão, longe de rivalizar com os arquivos de origem, tornam-se homogêneos a estes, tão discretos em sua oportuna possibilidade de avaliar as relações entre esse aparente ato de desespero pessoal e a estrutura socioeconômica que o erige, quanto mantêm latentes a exigência pessoal a que, parece, Marx pode ter buscado responder: a dor pela morte, tal e qual, de duas de suas filhas. MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. (Trad. Francisco Fontanella). São Paulo, Boitempo, 2006.



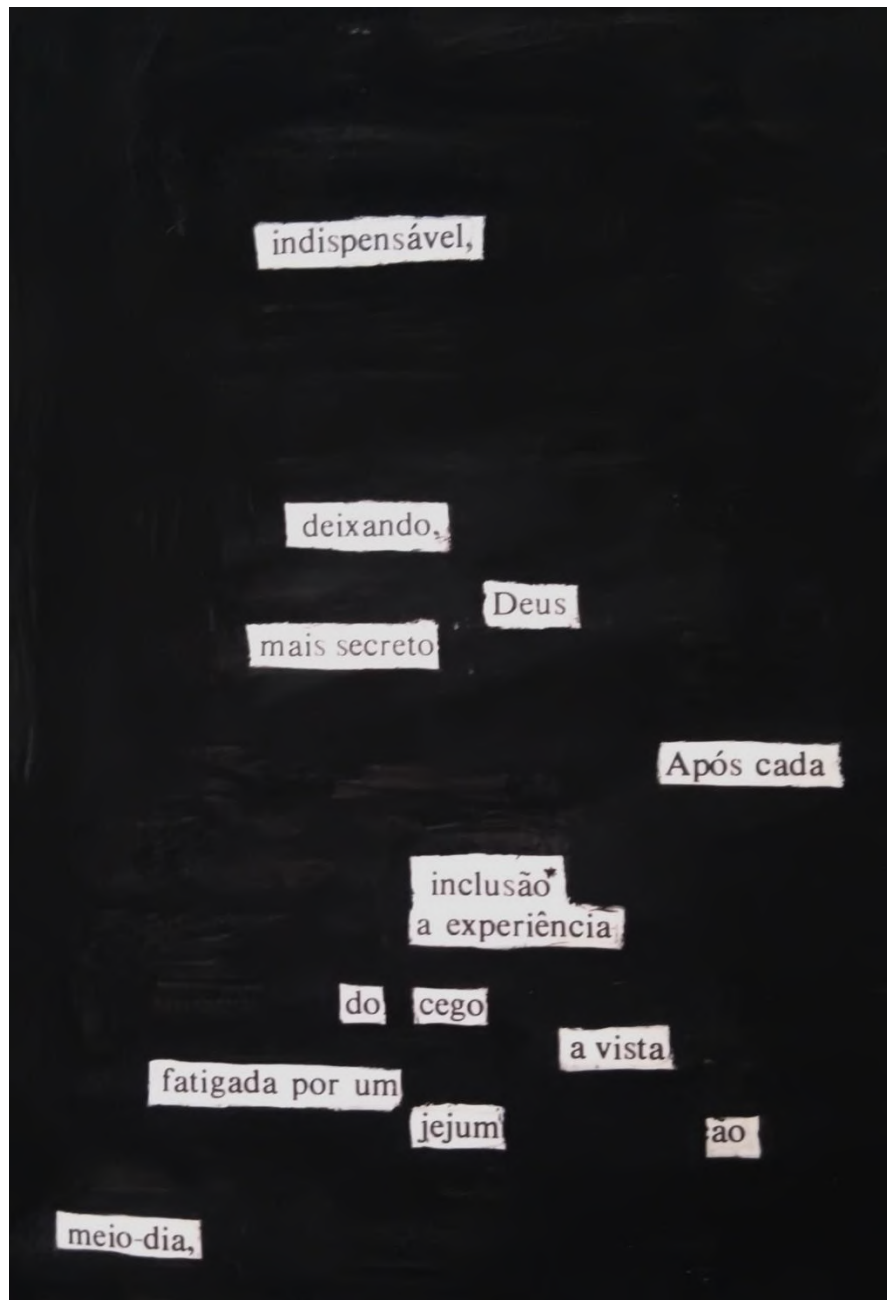


A discrição, no entanto, requer o encobrimento do ensejo. Que o impulso latente cesse de emudecer o autor e interromper, hora ou outra, a racionalidade do discurso que responde. Aberta, um dor pode revelar os sintomas do tempo, pode o trabalho do luto converter-se em astúcia do verbo, pode a interrogação tornar-se a linha reta de uma sentença e o corpo supliciado pode redimir-se aqui mesmo, onde há tempo e lugar, em nome daquilo que carrega deus de volta ao mundo: *theōría*. O último do há para ser visto?

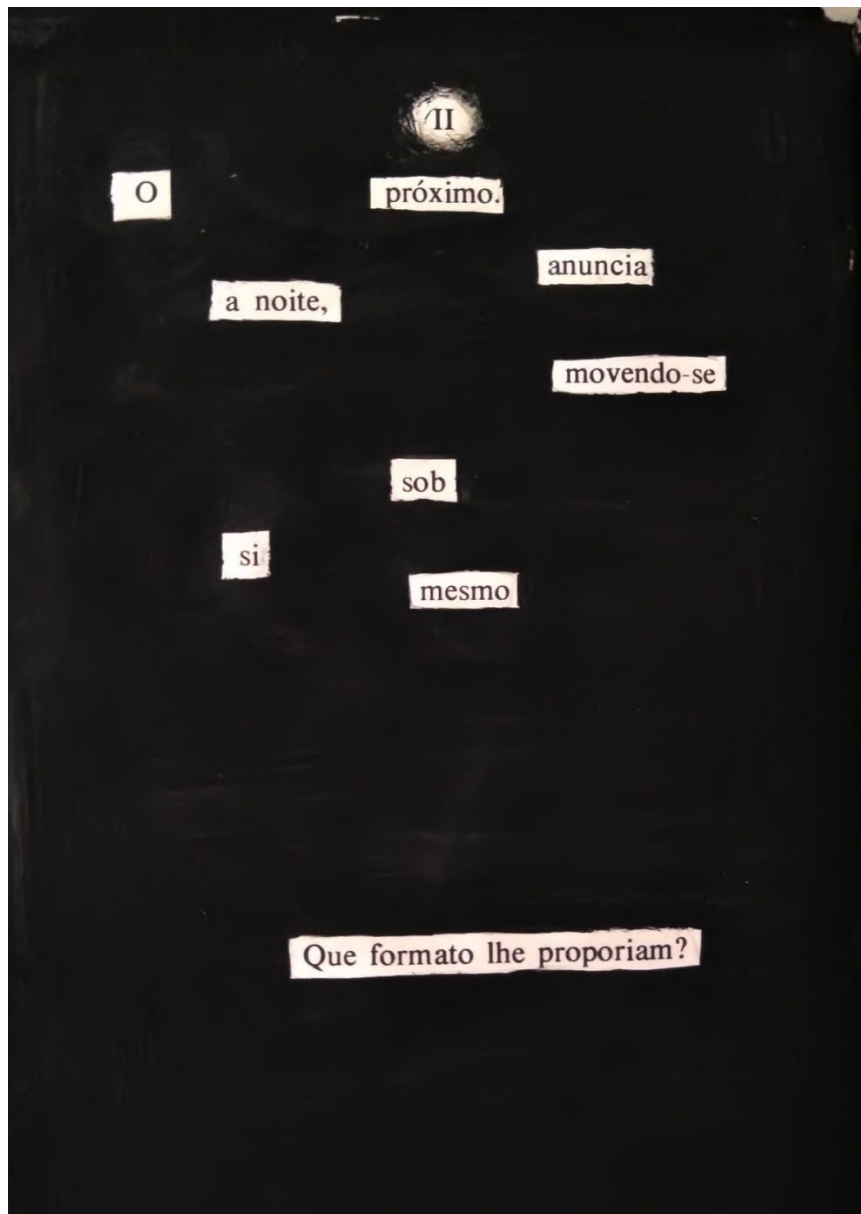


Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contrajogada que lhe assegurava a vitória. [...] Na verdade, um anão corcunda, mestre no jogo de xadrez, estava sentado dentro [da mesa sob o tabuleiro] e conduzia, por fios, a mão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado “materialismo histórico” deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente, é pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005 p. 41)³

³ Esta e todas as citações seguintes referentes ao pensador judeu remetem ao seu mais famoso texto póstumo, publicado em português sob acompanhamento de acurados comentários de Michael Löwy, sob o título: *Walter Benjamin: aviso de incêndio, Uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”* (trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin e Marxos Lurtz Müller). São Paulo, Boitempo, 2005.



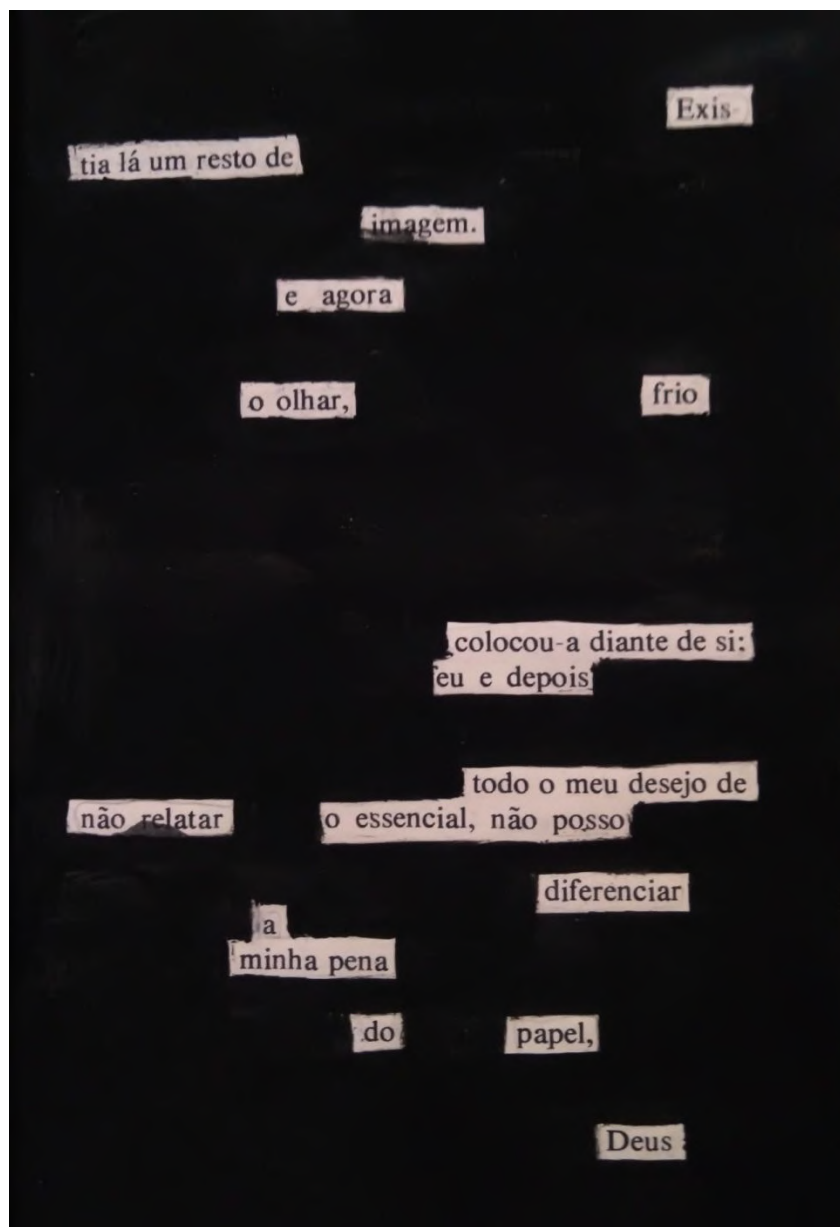
Tal como, dissuadem os etimólogos, não se deve crer, em nenhuma hipótese, que se possam ver vestígios do deus (*theos*) neste étimo que perfaz, em grego, *theōría*. Ao contrário, esclarecem uma via originária mais exígua: *theorein*, “olhar através de algo”, palavra derivada assim de *theorós*, “aquele que observa”, o qual se decompõe entre *théa*, “através”, e *hóros*, “ver”. *Teoria*, pois, igualmente essa palavra encontra, em Benjamin, sua idiossincrática precisão: o que o historiador vê, deve ser *através* do filósofo, mas o nexos de ambos requer, contudo, a decomposição dos termos, para que tendo o espaçamento se dê lugar, entre ambos, ao *segredo* de sua união. Articulação injustificável, por certo, e tanto mais se é uma justiça inatural que ela exige:



Diz-se que uma coisa exige outra quando, havendo a primeira, haverá também a segunda, sem que a primeira a implique logicamente ou a obrigue a existir. O que a exigência exige, de fato, não é a realidade, mas a possibilidade de algo. A possibilidade que se torna objeto de uma exigência é, contudo, mais forte do que qualquer realidade. (AGAMBEN, 2016, p. 93)⁴

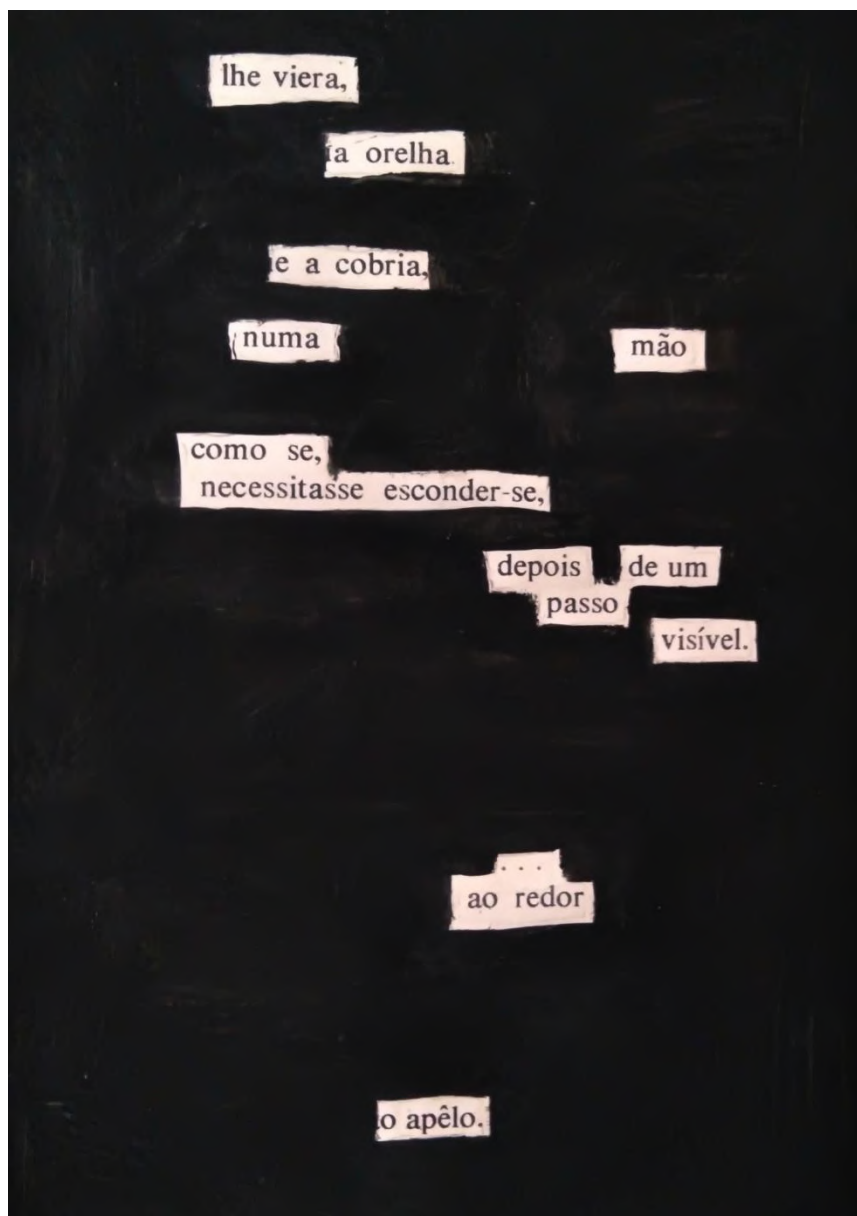
Contra a hipóstase do conceito, a história responde pelo processo que o defasa. O jogo das possibilidades, que perfaz o mundo humano, é a alternância incessante desse duplo movimento. Tem-se, quando que ambos se emparelham, o ajuste kairótico entre a espera e a ocasião, que exige à ação política – no 27lg secreto entre a justiça por vir a catástrofe pretérita – efetuar-se como o tempo-do-agora. (2005, p.138).

⁴ AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato*. São Paulo, Boitempo, 2016, p. 93



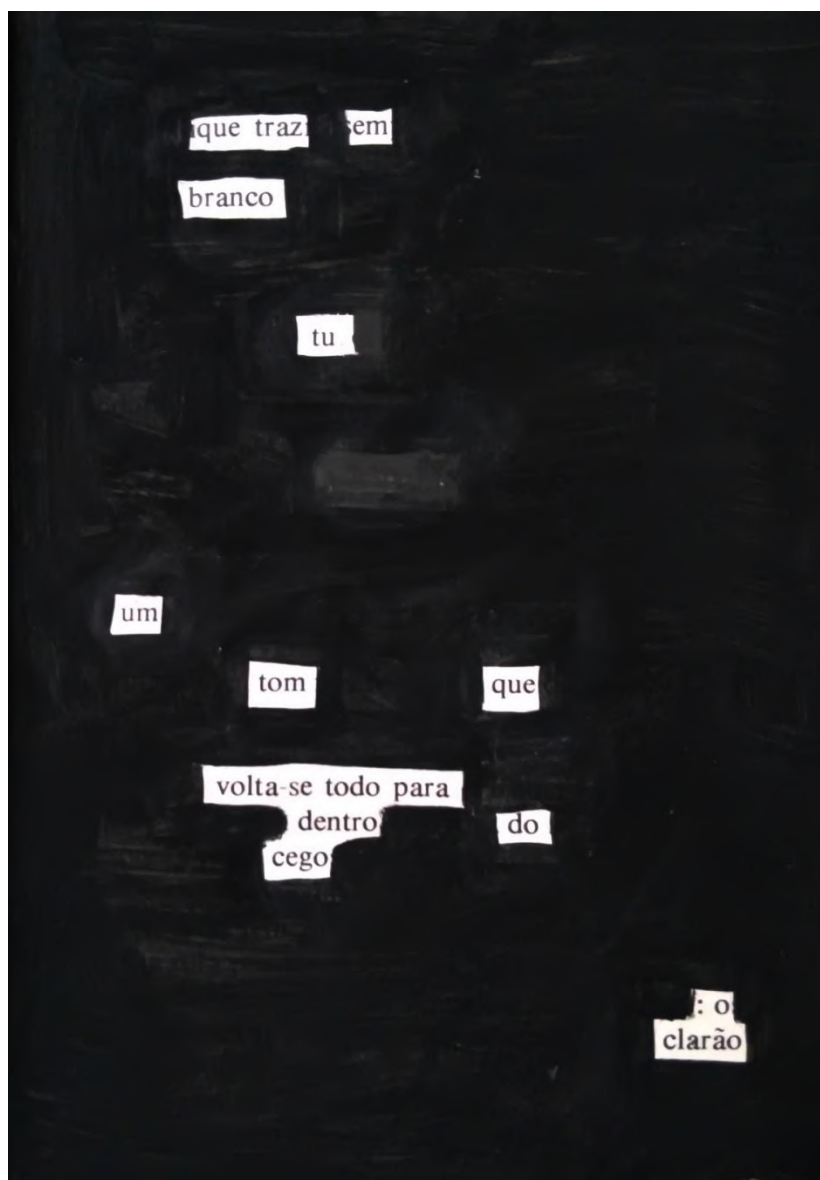
Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente foi”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo.[...] O perigo ameaça tanto o conteúdo da tradição quanto os seus destinatários.[...] Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugar-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo. O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (2005 p. 63)

No que lhe concerne, obra e suicídio o atestam. É no cerco desse perigo, já consumado, que como um enclave de liberdade o autor deixa as teses, como sua lápide hermética. No entanto, talvez através delas não apenas este ano de 1940 se torne mais legível, mas também a história – *a contrapelo* – do anseio revolucionário e do messianismo judaico, em seu 29º segredo.



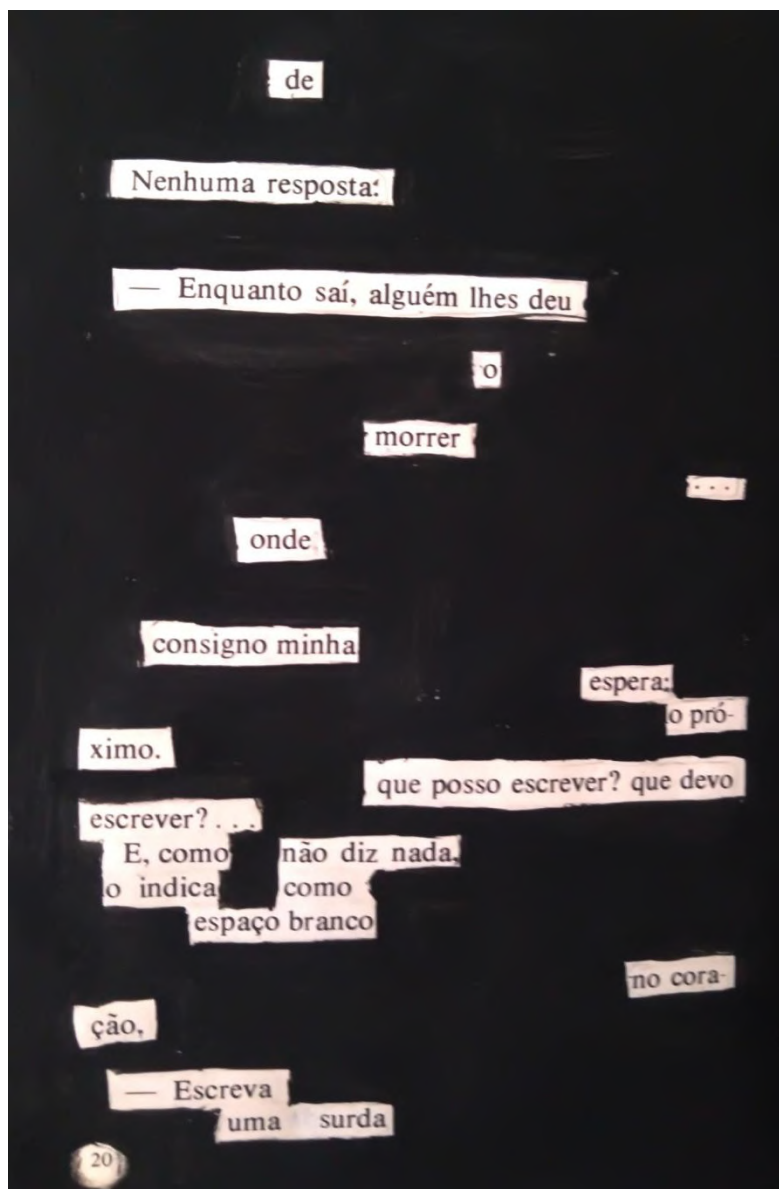
E também assim, segundo sua vontade, deveriam permanecer as Teses. Em 7 de maio do mesmo ano, através de uma carta, ele adverte a Adorno que destiná-las a publicação “abriria as portas para a incompreensão entusiasta”. Certamente, afinal, também ele hesitou longamente em descerrá-las: “A guerra e a constelação que a produziu me levaram a colocar no papel alguns pensamentos a respeito dos quais posso dizer que os guardo para mim – e mesmo de mim – há cerca de vinte anos”, confessa numa de suas últimas cartas, à Gretel Adorno⁵, sua amiga. Ademais, como pode nos tocar uma ameaça de perigo senão fazendo sentir que se precipita um abrir de portas à incompreensível iminência da morte?

⁵ Cf. Idem. p.34

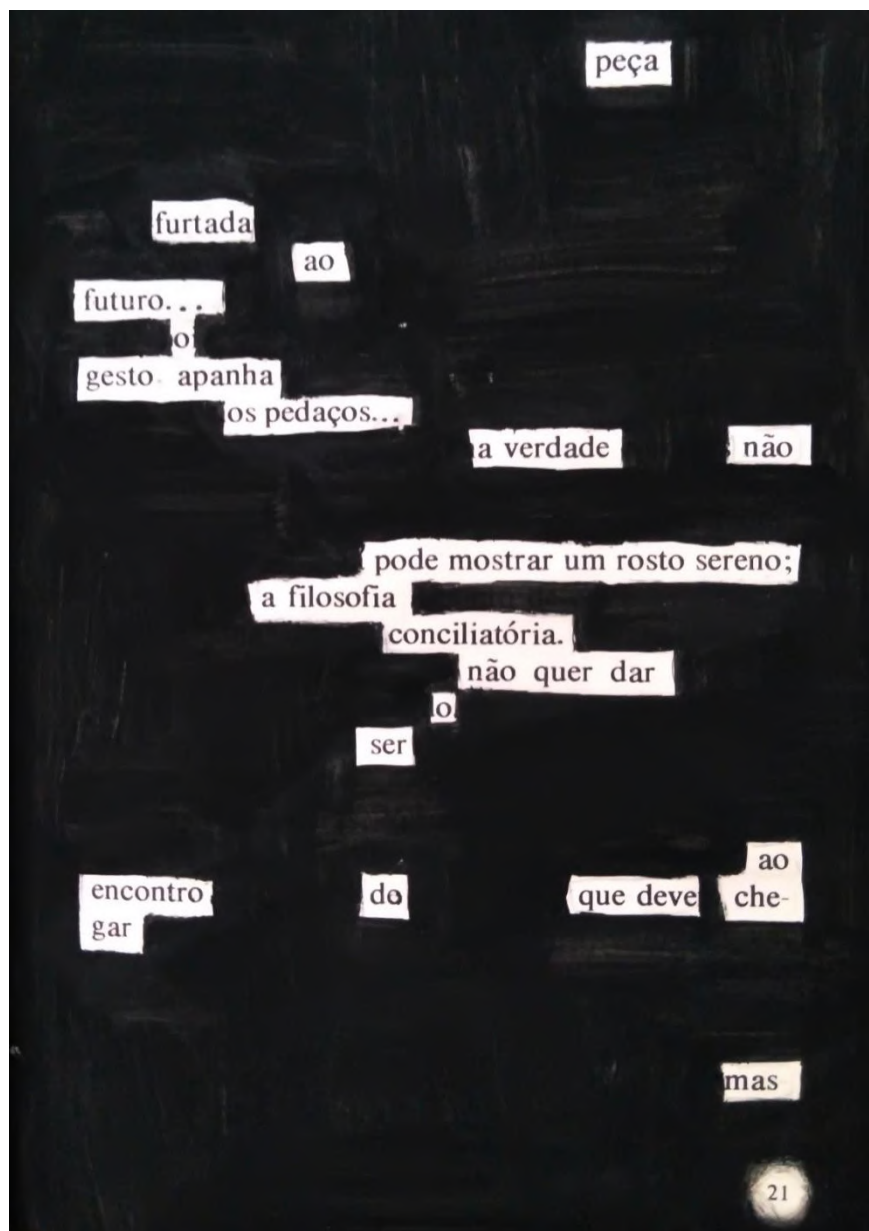


Naquilo que chamou “a tempestade do progresso”⁶, Benjamin pôde vislumbrar, apesar da pressão das circunstâncias ou graças a elas, como através de uma súbita fresta, a constelação precisa que a coordenava, agora, sob o signo noturno de um “Destino da raça”. De um lado, se a herança judaica não lhe permitia ignorar o risco físico que sobrevinha, caberia à sua herança revolucionária, por outro lado, a tarefa de fazer aquela responder a esta, arrancando-lhe ao conformismo com que a tradição perigava deixar, consciente ou não, a serviço da justificação “entusiasta” do inimigo. Como se lhe velasse, tão distante quanto próximo, um de seus mais caros compatriotas, Hölderlin, através da constelação que por certo não lhe era desconhecida: “*onde sobrevém o perigo/ cresce também o que salva*”.

⁶ Cf Idem.p. 87 e 116

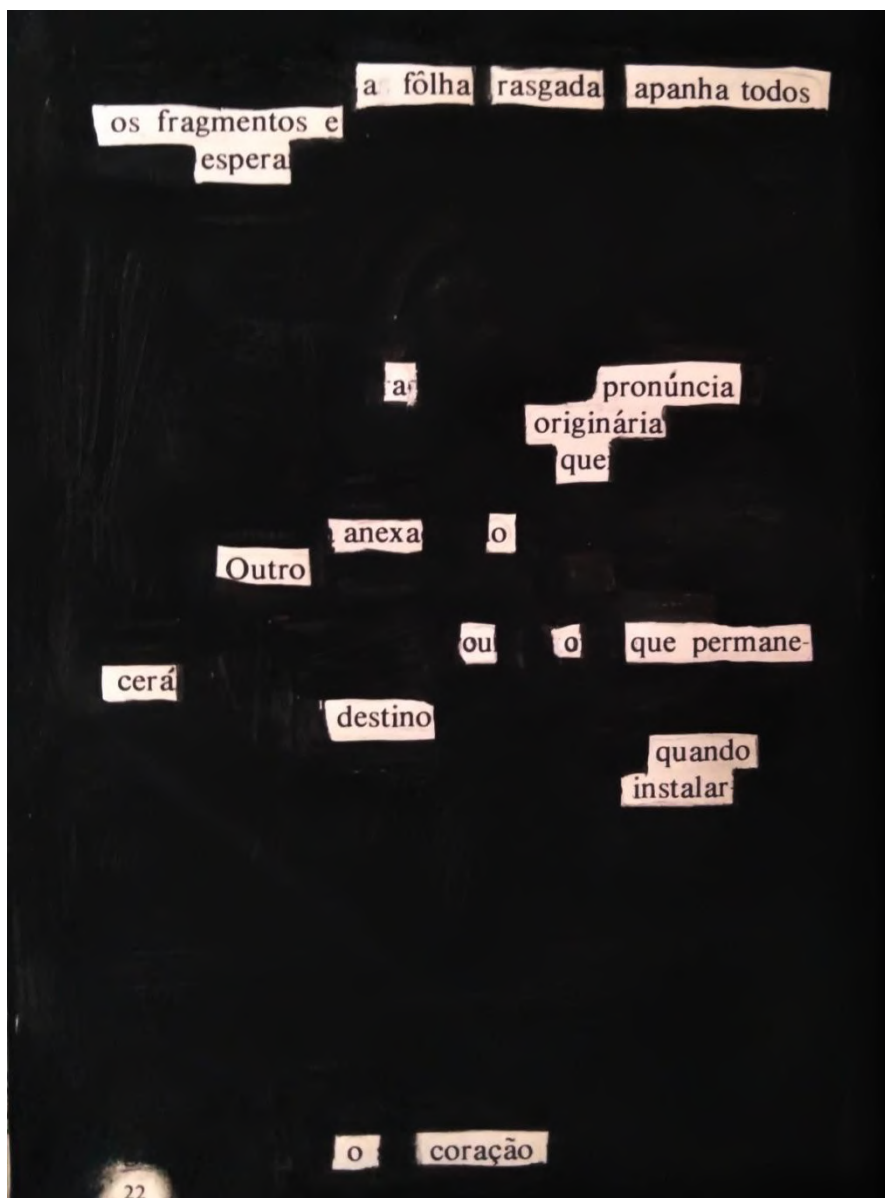


[...]Como se sabe, era vedado aos judeus perscrutar o futuro. A Torá e a oração, em contrapartida, os iniciavam na rememoração. Essa lhes desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que buscavam informações junto aos adivinhos. Mas nem por isso tornou-se para os judeus um tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias. (Apêndice B, p. 142)

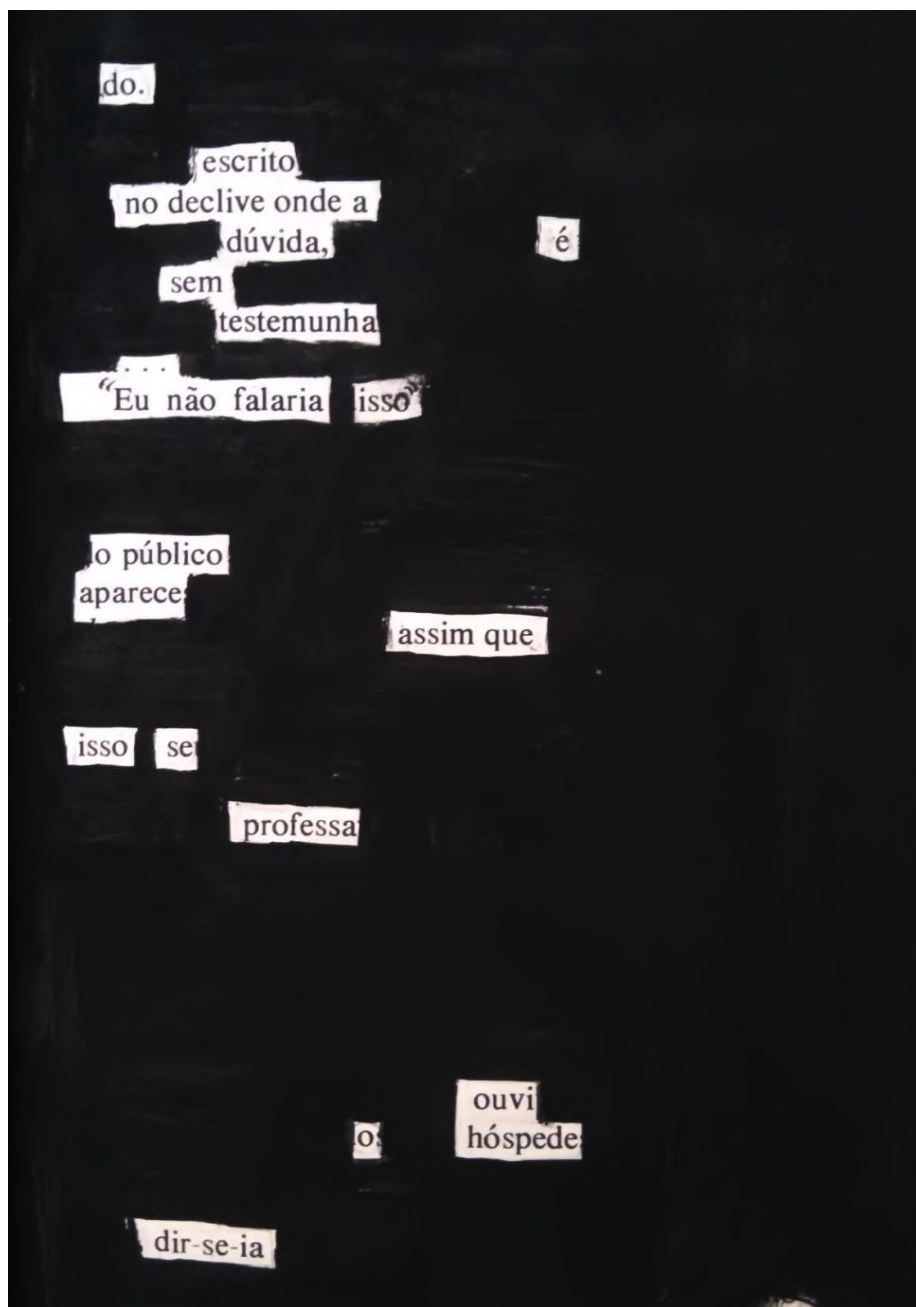


Quando se resta como enclave no perigo, o presente não dura, vive-se no seu despedaçamento entre as exigências contrárias do futuro e do passado. Mas a impossibilidade de um presente durável é, no entanto, a exigência última de uma *tal decisão* que, à força de uma convergência inapelável, reverte a impossibilidade do presente num ajuste de contas com a urgência do agora. Assim, o que fala entre a herança e o legado não é um discurso, antes a abertura de uma pura medialidade que o *gesto* político instaura e suporta, sendo a suportaçãõ mesma a sua verdade. Quer dizer, nada está garantido e, mais gravemente, sequer a garantia de uma possibilidade terá lugar até que uma *tal decisão* seja levada a termo.

A verdadeira imagem do passado passa *célere e furtiva*. É somente como imagem que lampeja justamente no instante de sua recognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado pode ser capturado. “A verdade não nos escapará” – essa frase de Gottfried Keller indica, na imagem que o Historicismo faz da história, exatamente o ponto em que ela é batida em brecha pelo materialismo histórico. Pois é uma imagem irrestituível do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se reconhece como nela visado. (BENJAMIN apud LÖWY, p.62)



A apóstrofe deixada pelos mortos então é isso, um sopro, imagem e suplício que nos pede de lugar? Se, como dizem, tudo o que é sólido se desmancha no ar, prova-se poder enunciá-lo porque as palavras o recolhem, apesar ou após tudo. O que houve, porquanto em nossa boca permanece, então há, ainda insepulto – daí que se atendemos à apóstrofe é ainda a um chamamento para prolongá-la, repercuti-la até o momento em que ela nos ultrapassa e, falando em nosso lugar, revira-nos assim uns ao outros, que carregam adiante o resto de um silêncio que jamais é sem palavra – daquele cuja ausência agora se comprova, suas palavras não permitem-lhe o repouso. Deixando-as, ele terá selado, à revelia e inconfesso, um pacto com a linguagem (em que a morte, todos assentem, lhe será roubada).



COMO SE – SEM ADVENTO

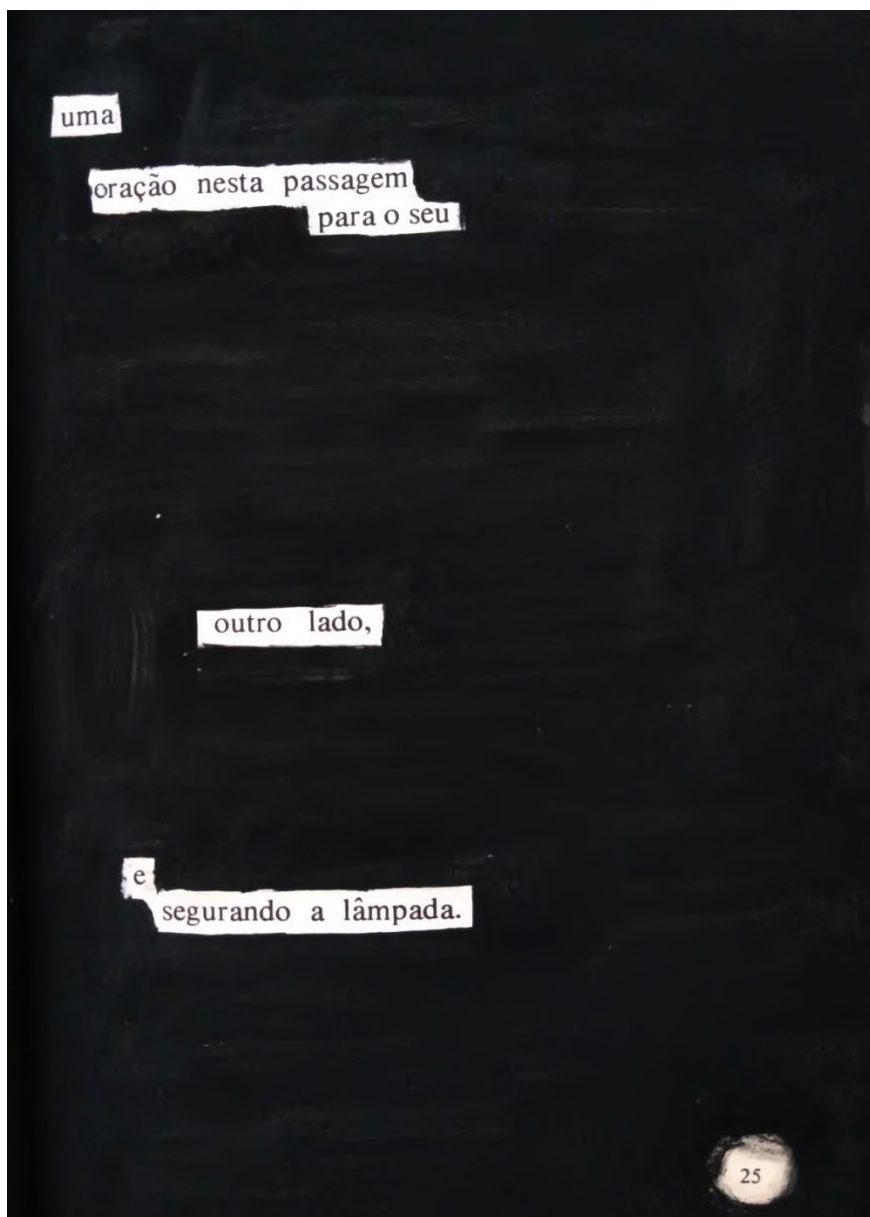
*A verdadeira união ou a verdadeira junção não
é uma junção de síntese, mas uma junção do
frente a frente.*

Emmanuel Levinas

Que alguns dentre nós se reunissem, agora, para algures ouvir a palavra do destino pessoal... É algo que não nos poderia soar, se não como um delírio perigoso, ao menos sem surpreender-nos por seu tom decidido – peremptório por certo, mas demasiado anacrônico, como um disparate de fundo derrisório... *destino...pessoal...?*



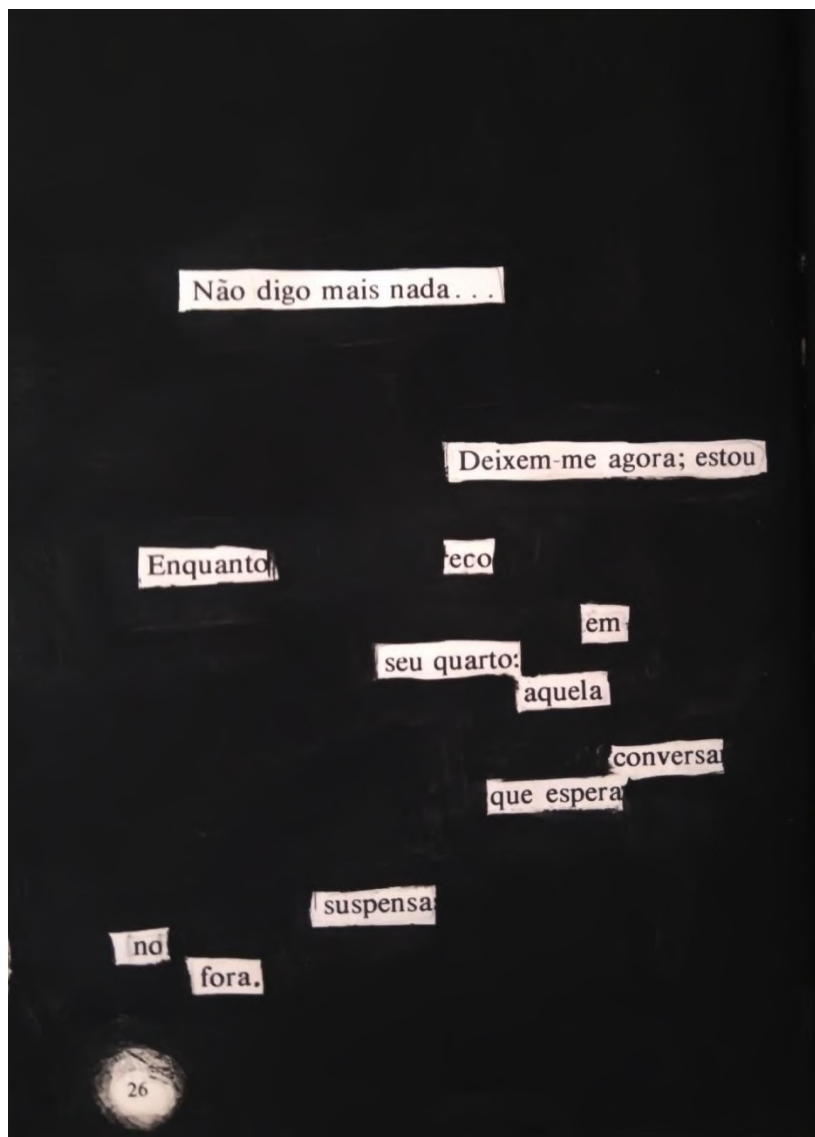
A estranheza dessas palavras é que elas nos forçam a manter juntos dois termos que hoje não perfazem mais que uma cabeça de Janus não apenas cindida, mas como que desfigurada. O símbolo remetido a esse deus, aliás, pode ser aqui bastante justo. Que no canto de abertura de sua obra capital Virgílio o tenha invocado para selar, sob o signo da *Pax Romana*, a legitimidade de Octavianus Augustus como justo herdeiro do legado áureo de Janus, nos diz algo decisivo. A benção de Virgílio, como se sabe, sela a morte do Reino de Roma e o nascimento Império. Tomado por pilar à fundação de Roma por Rômulo e Remo, Janus, o deus de duas faces, guardião entre o futuro e o passado, senhor de portas e fronteiras, severo à sementeira seu trabalho e generoso à espera da colheita, indicava, sobretudo, para o grosso do império, aquele cujo templo era um relógio de apenas dois badalos: a paz ou o passado, o futuro ou a catástrofe.



Então, deposta a guerra, Se amolgue a férrea idade; a encanecida Fé com Vesta, os irmãos Quirino e Remo Ditem leis; Jano trave as duras portas Com trancas e aldrabões; sobre armas cruas Dentro o ímpio Furor sentado, e roxos Atrás os pulsos em cem nós de bronze, Hediondo ruja com sangue a boca⁷.

Enquanto as portas do templo de Janus permanecessem fechadas, sabia-se estar assegurado que o império, no interior de suas fronteiras, circunscreveria o presente com a linha da paz. Que o passado se mantenha sob resguardo, eis a condição. No entanto, se nos limites das fronteiras os bárbaros mantinham-se como premente ameaça, poderia também surgir, como um enclave estrangeiro no seio desta paz, alguém que viesse de dentro dele *proclamar*

⁷ VIRGÍLIO, Públio. *Eneida*. Tradução por Tassilo Orpheu Spalding. Cultrix, São Paulo, 9 a edição. 2004, p. 55.



Se vo-lo disser, não o creereis; E também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis. (Lucas 22: 67-68)⁸

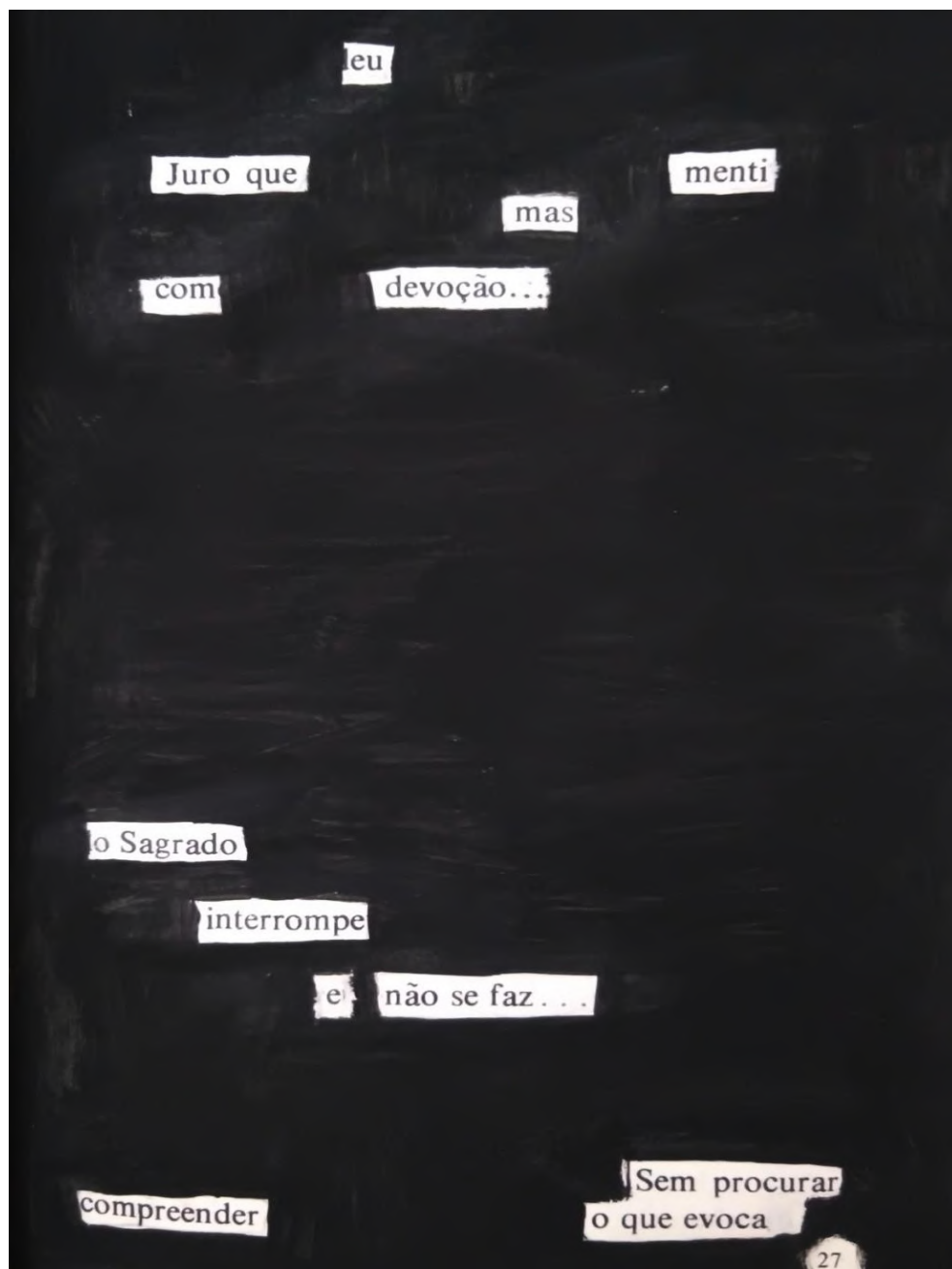
Com essas mesmas palavras, com que responde àqueles que deveriam ali formalizar sua acusação, Jesus também poderia ter precavido a Pedro durante a Última Ceia, antes de fazer-lhe a predição de que este, diante dos acusadores, haveria de negá-lo três vezes. Mas não o fez, limitando-se apenas a predizer o que mais tarde se confirmaria assim:

Mas Pedro negou, dizendo: “Não o *conheço*, mulher”. Pouco depois, outro olhou para ele e disse: “Tu também és um deles”, Mas Pedro disse: “Homem, não *sou*”. Cerca de uma hora mais tarde, um outro insistiu, dizendo: “É verdade, estava com ele; ainda mais, é 47!guém47”. Pedro disse: “Homem, não sei o que *dizes*”. E de imediato, estando ele ainda a falar, cantou um galo. E o senhor, voltando-se, *olhou* para Pedro; e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, quando lhe disse: “Antes de o galo cantar, hoje irás negar-me três vezes”. E, saindo, chorou amargamente. (Lucas 22: 57-62; grifo meu)

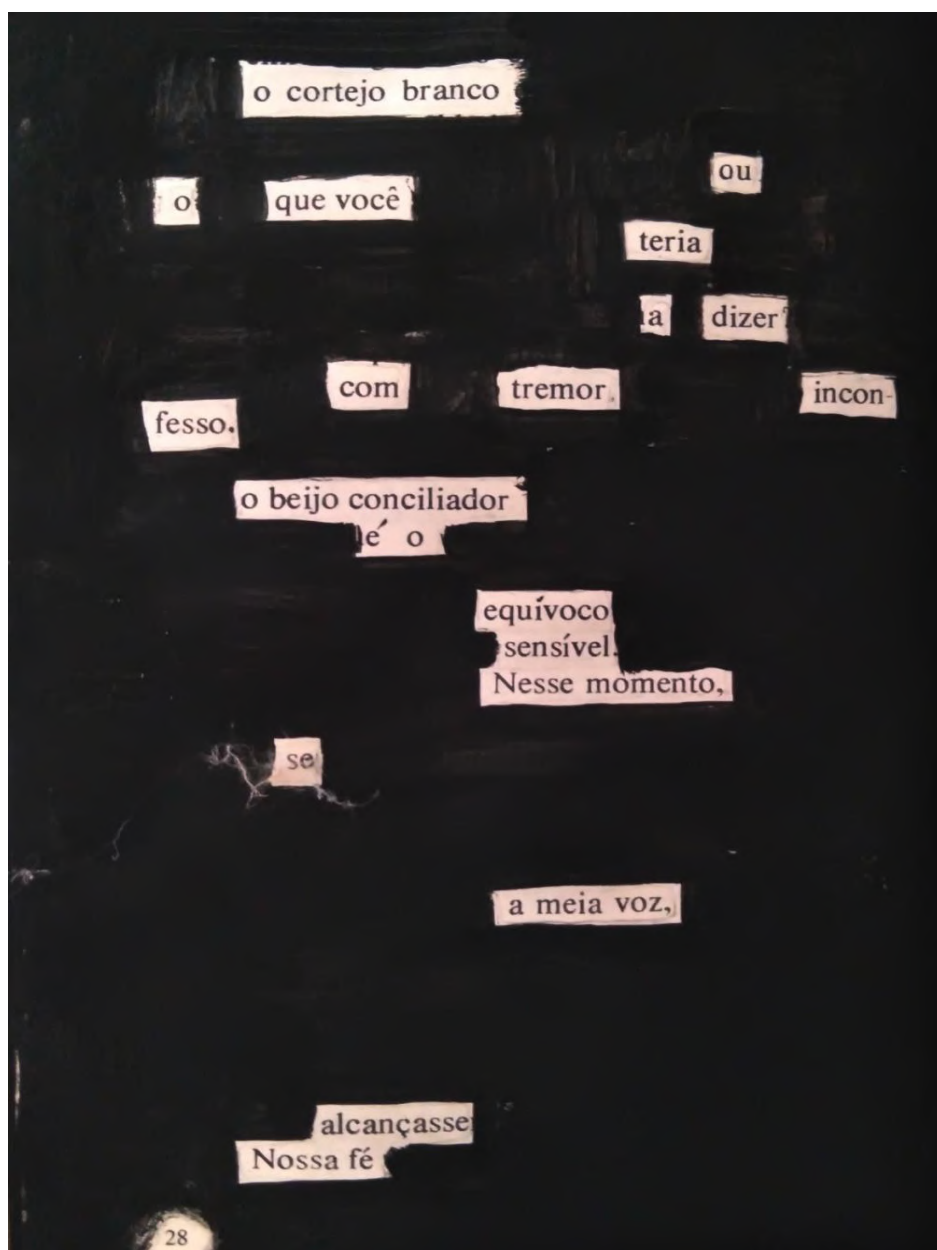
Lucas não estava lá, não conheceu Jesus, não esteve entre os doze apóstolos e o que aí está dito, em seu testemunho, é fruto da recolha na palavra de terceiros. Que estes fatos coincidam, sem resto, com as palavras que ele põe na boca de Pedro, assinala que o drama humano da intimidade, em seu testemunho, adquire toda sua espessura no estranhamento.

⁸ *Bíblia. Novo Testamento. Os quatro Evangelhos.* (Trad. Frederico Lourenço). São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

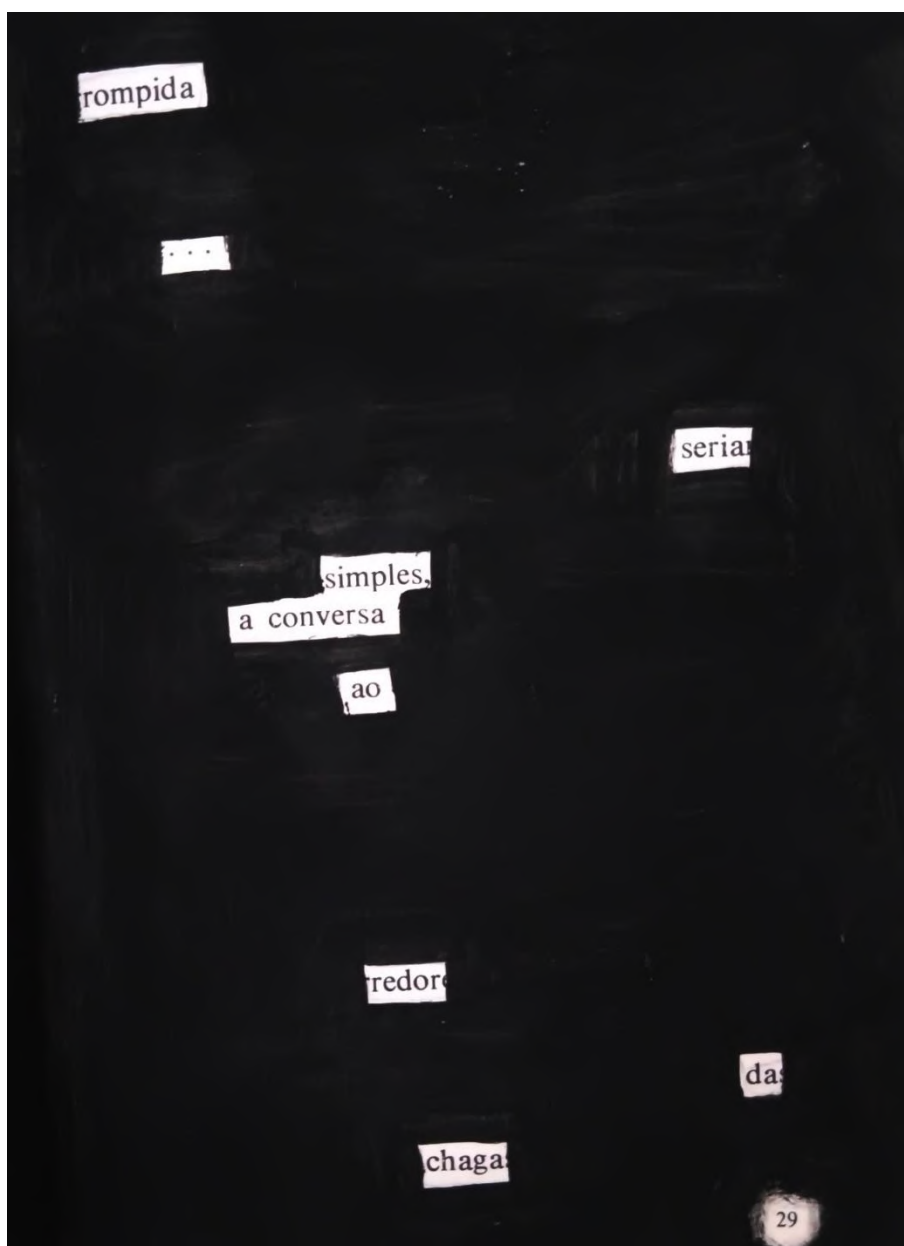
Para as demais citações das diferentes edições da Bíblia utilizadas, mantenho no corpo do texto as referências apenas do capítulo e versículos, já que contém, implícita, a indicação das páginas de forma ainda mais precisa. Nas notas, estão discriminadas as diferentes edições usadas a cada vez.



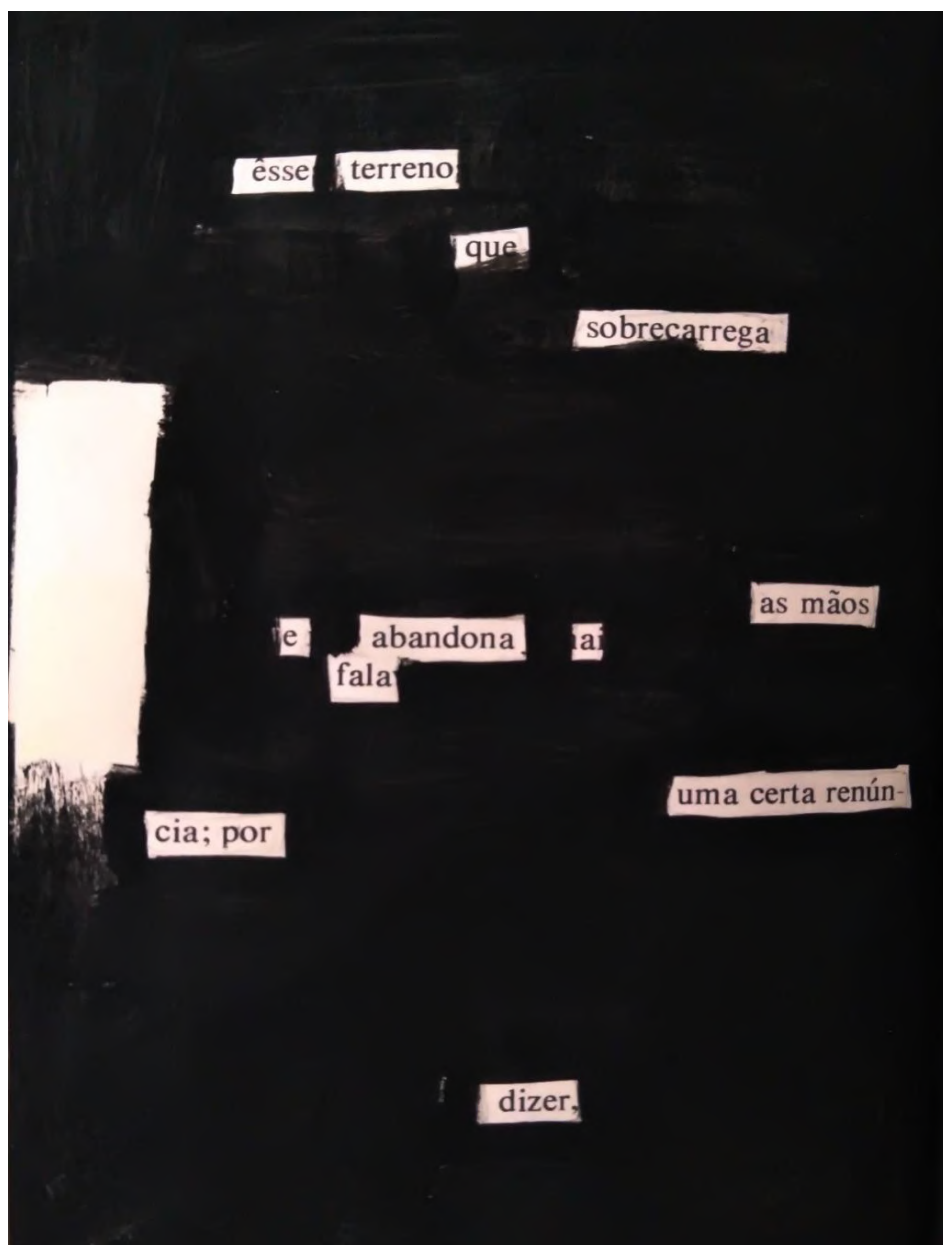
Daí o contraste, tão sutil quanto decisivo, daquilo que nos oferece a respeito do evento o testemunho de João, este sim presente. As três denegações, em seu relato, não variam, bem como não há lágrimas, nenhum olhar e tampouco lembrança. Não há espessura dramática em seu Evangelho, sim uma via trágica. E através da qual os envolvidos não parecem fazer mais que “encarnar” momentos de um Destino, tornando dispensáveis as nuances, esses detalhes demasiado humanos a que Lucas sente necessidade de dar relevo. O que procura resgatar aquele que não viu, e a que exigência deve responder?



Como bem se sabe, “estranhamento” é uma palavra que carrega, desde a raiz, a indicação a algo ou alguém que vem de fora, que pertence ao exterior ou que aí se mantém, à margem do lugar de que se parte ao referi-lo. É justamente o percurso de Lucas, homem de ascendência síria que imigrará para Roma já após a morte daquele sobre o qual fala, testemunha, como se lhe estivesse ao alcance dos dedos. De fato, nada mais distante de Lucas que esta referência a Tomé, para quem a prova do ultrapassamento da morte dependia do toque na chaga daquele que voltou à vida. É a sua fé.



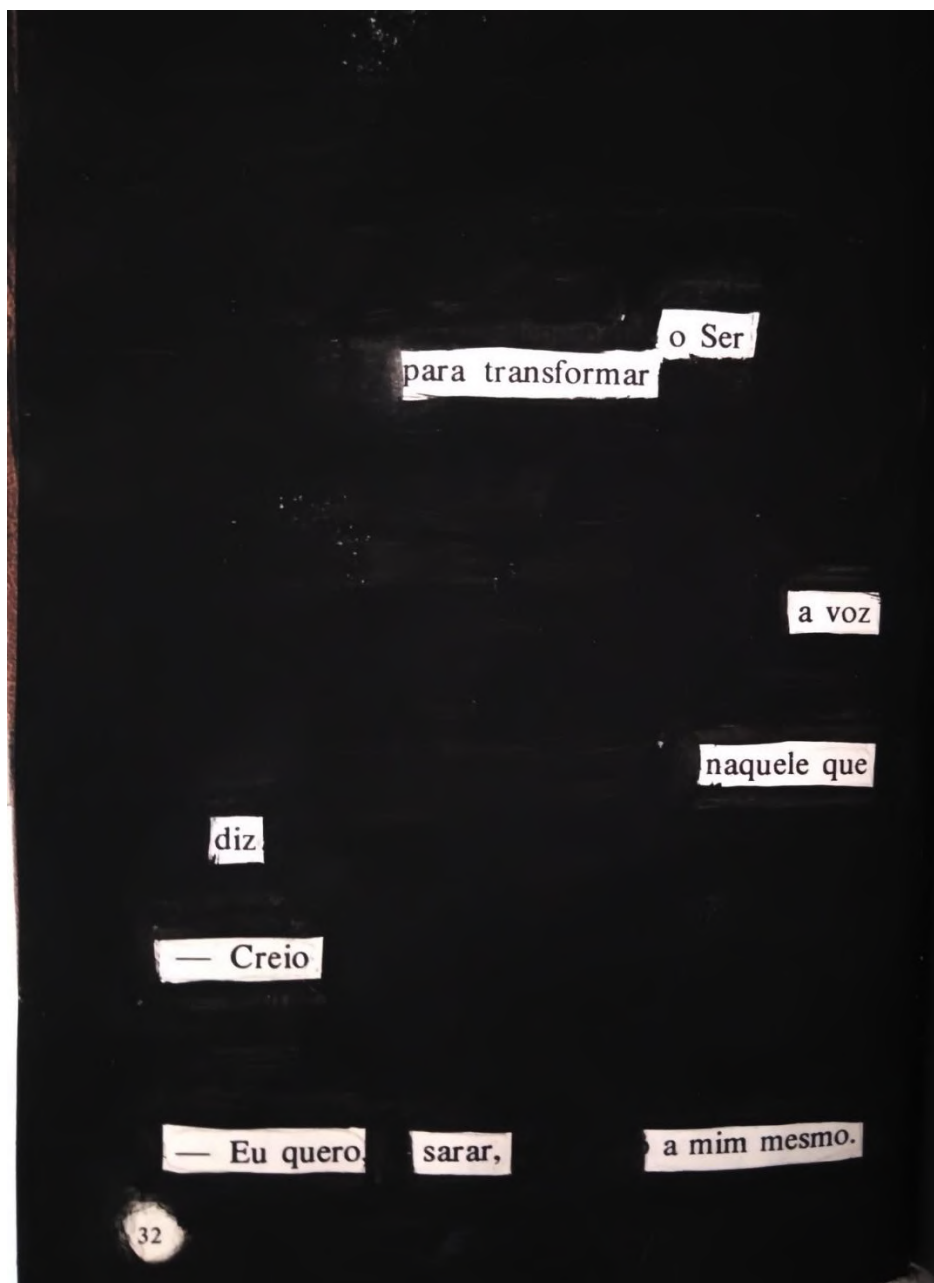
À escrita, no entanto, pelo espaço aberto que lhe é próprio, concerne aquilo por meio do qual a experiência só se mantém à medida de uma cegueira e, ainda mais, de uma intangibilidade, pois disso sua exigência depende para manter-se aberta; quer dizer, para que dessa abertura a escrita extraia sua própria energia, sua força de deslocação nessa espessura de uma promessa de palavra: a última? Eis o que, jamais advindo, é no entanto o que sempre se aguarda, pressentida a cada vez que próxima, parecendo antecipá-la, traz o diferimento de palavra como seu único advento – atraindo, assim, à provação através daquilo para o qual falta ainda palavra: *quem é meu próximo?*



Questão grave, por certo. E tanto mais para Lucas, se não parece ao acaso que ele coloque essa pergunta, com precisão e discrição admiráveis, na boca de um homem da Lei. Quer dizer, um homem da aliança entre o território e a palavra. Um sujeito sobre o qual repousa o privilégio ou encargo de asseverar-lhes o ajuste, no cumprimento da norma e da pena que lhe corresponde quando da transgressão. E Lucas? Estrangeiro em terra alheia, assim como também é, tendo sido colhida de terceiros, a palavra com que ele sela seu testemunho. E o que aí permanece selado, senão o segredo através do qual uma *verdade da exigência* precederia a exigência de verdade? Isto é, aquém ou além desta, que de resto não saberia responder a outra coisa que à legitimação, ao ajuste entre fato e testemunho, entre lugar e palavra, enfim entre ação e confissão.



Que o testemunho de Lucas nos permita ler, através das ações de um Pedro que é, ali, a exposição do homem em sua fraqueza contrita, algo que não poderia deixar de soar como sua autoconfissão cifrada pelas palavras de outrem, é algo que nos dá a pensar.



para transformar o Ser

a voz

naquele que

diz.

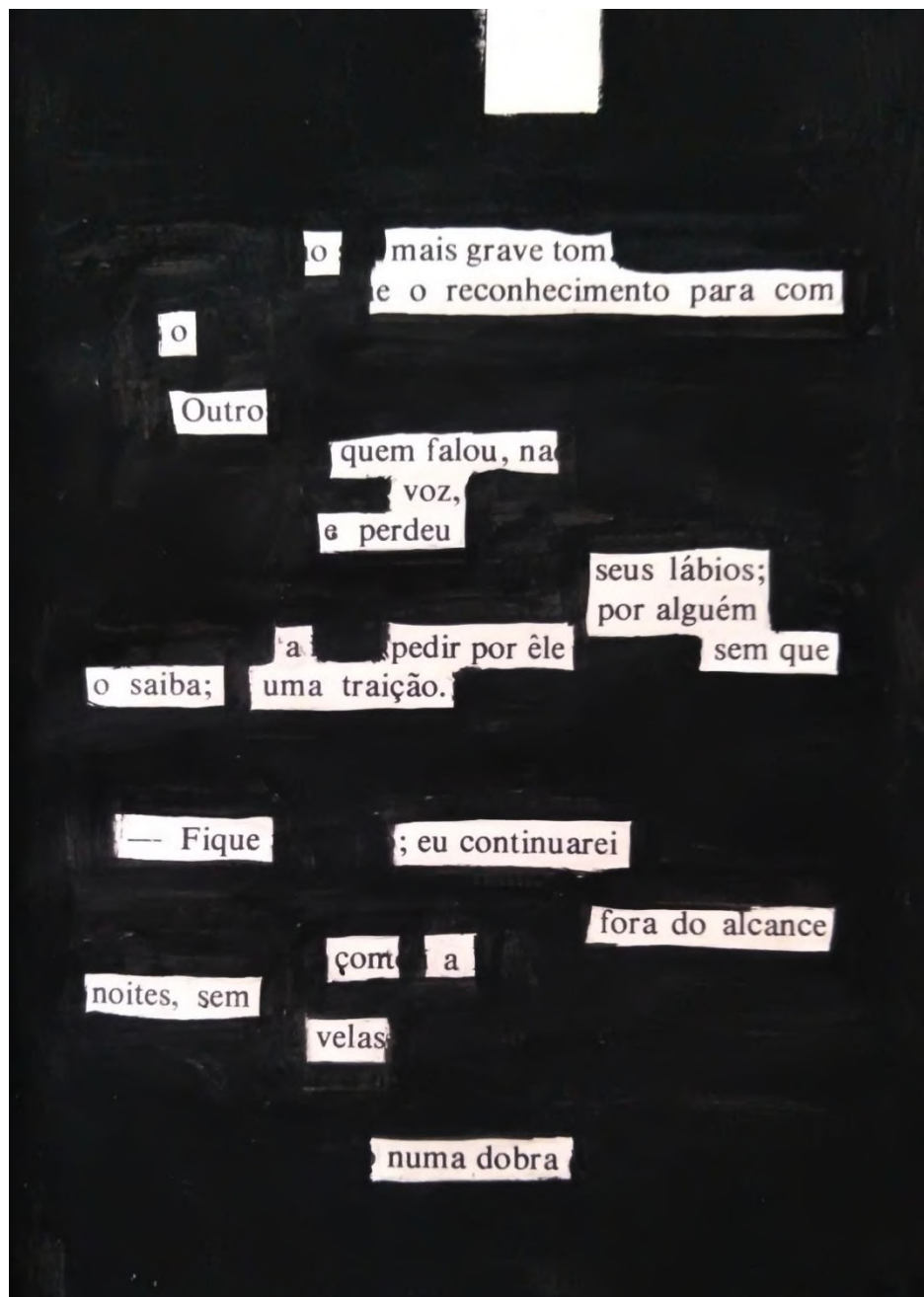
— Creio

— Eu quero.

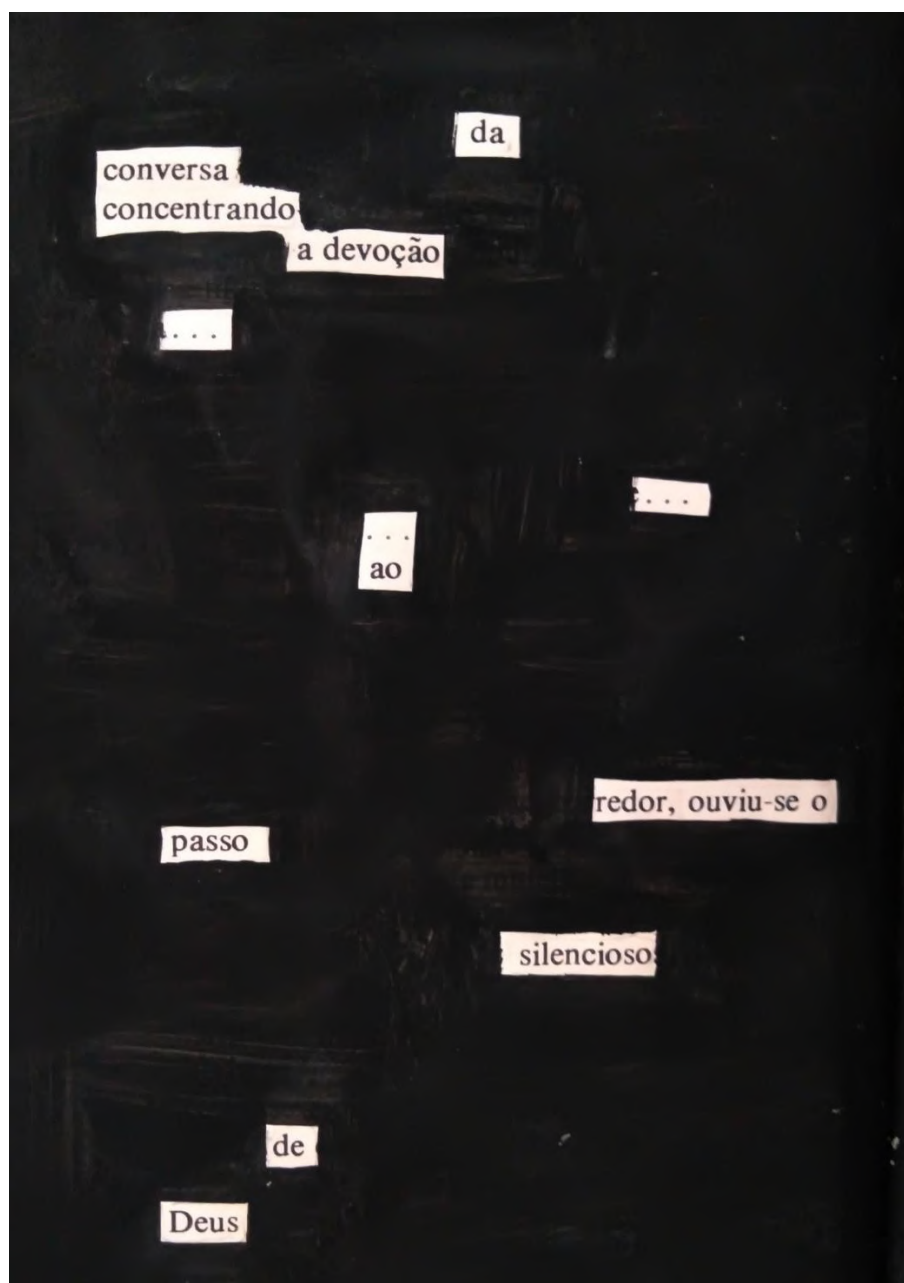
salar,

a mim mesmo.

Que as denegações de Pedro tenham tido lugar, é algo comum aos demais testemunhos dos evangelistas. Mas a espessura decisiva que lhe confere o relato de Lucas, talvez exponha sob uma luz mais crua o seguinte: que na confrontação entre os homens, circunscritos no jogo tenso em que a morte traça o limite, o centro permanece sendo, no entanto, o vínculo com a comunidade, esse nexos que, do nascimento à língua, me une ao meu compatriota *ainda que*, neste momento da *de-cisão*, nos oponhamos como inimigos. E isto, a *exigência comunitária*, ainda que inteiramente sufocada pela realidade presente da minha comunidade, é mais forte que a promessa de “um outro mundo”, de “uma outra vida”, enfim, mais forte do que a salvação de si, ainda que a tenha assegurado o próprio Messias.



É preciso lembrar: Pedro não hesitara em desferir o golpe contra o guarda, chegando mesmo a lhe cortar a orelha, no momento em que este se precipitava sobre Jesus, para prendê-lo. Tal como o havia prometido fazer “Senhor, estou pronto para ir contigo até a prisão e para a morte” (22:33). Ao que Jesus responde predizendo a tripla denegação que estaria por vir. Seria neste momento, pois, que caberia aquelas palavras com as quais iniciamos esse acompanhamento de Lucas. Inútil repetir que Jesus não as disse. Ao contrário, em seguida ordenou a Pedro que vendesse o que tinha e comprasse uma espada. Tal como ele fez, e cumpriu o que prometeu.



Ao contrário do Evangelho de João, aliás, em Lucas não é um guarda, mas um escravo do sinédrio. Sutileza notável, se lembramos que a nenhum judeu era permitido ter por escravo um entre os seus. Então Pedro desferiu o golpe contra um estrangeiro, e não contra alguém da sua comunidade. Disposto a matar e a morrer é o homem diante daquele com quem não partilha o vínculo comum, a palavra sempre anterior à palavra. Mais adiante, no entanto, é não apenas uma, mas três vezes que Pedro, sempre impetuoso, emudece diante do sinédrio, centro dos seus. Quer dizer, aí a condição de Lucas seria idêntica àquela do escravo. Daí que caiba apenas ao seu testemunho colocar, com gravidade infinita, a questão incondicional do estrangeiro (*anômos*, diz-se em grego, quer dizer: “sem-lei”).

idade d

atenção à sua saída.

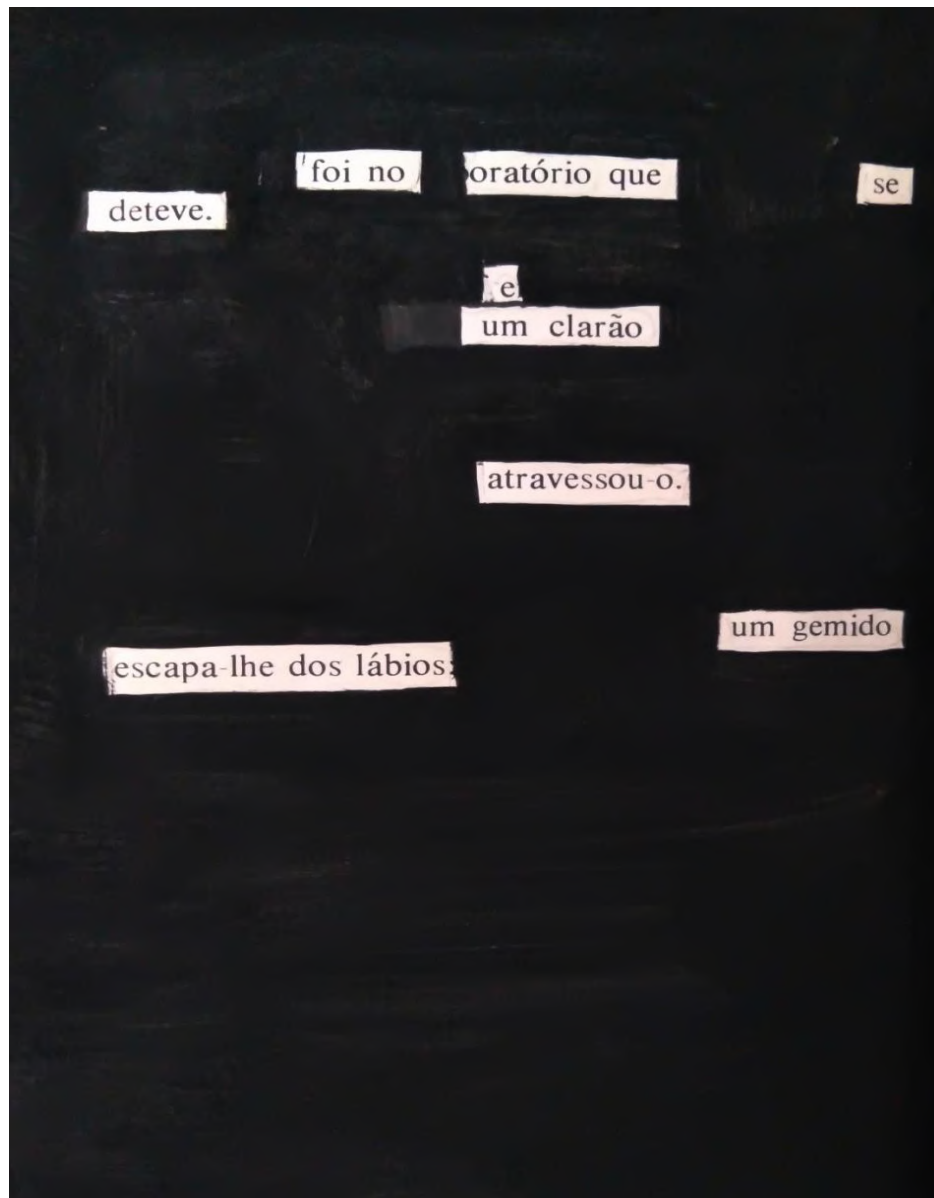
Eis que se levantou um doutor da lei, pondo-o à prova e dizendo: “Mestre, é fazendo o quê que herdarei a vida eterna?”. Disse-lhe Jesus: “O que está escrito na lei? Como lê?”

O outro respondeu: “*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e ao próximo como a ti mesmo*”. Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem. Faz isto e viverás”. Porém ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”

Respondendo-lhe, Jesus disse: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu entre salteadores que, depois de o despirem e espancarem, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, compadeceu-se; aproximando-se...” (Lucas 10:25-34)

O próximo? Ei-lo em vias de sair da comunidade. Há, nessa urgência que através dele me solicita, o silêncio de uma fala primeira. Aí, o vínculo de uma língua comum é o primeiro a ser rompido. Assim como não há pertença assinalável entre mim e aquele que, sendo a própria iminência do mais distante, aparece antes como intervalo sem partilha. Exposto aí, em sua vulnerabilidade extrema, apenas a apóstrofe de uma intimidade monstruosa me liga a ele. E nada mais tênue há que essa ligação, se ela por sua vez não é capaz de resistir a um único gesto de indiferença.

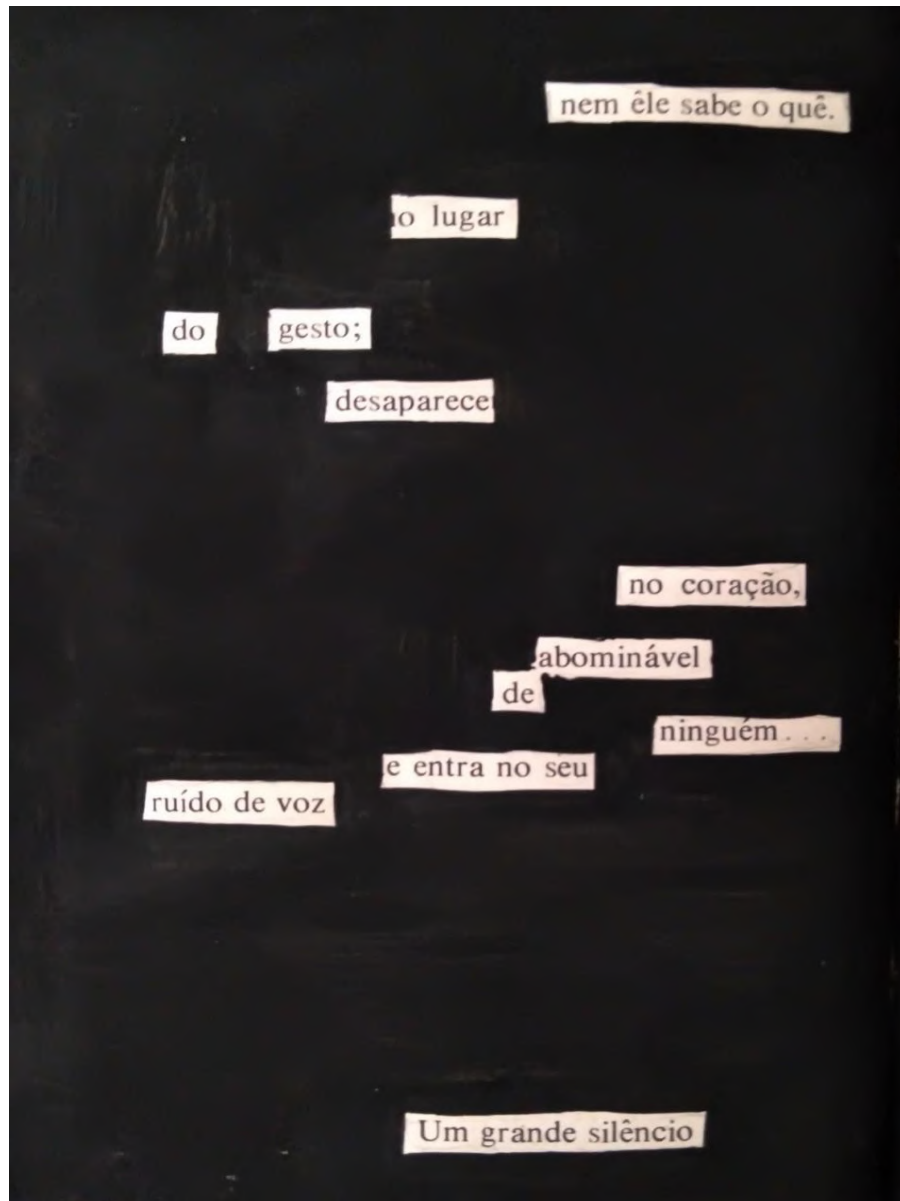


Daí o extraordinário da expressão em que Lucas foi capaz de conter, pela palavra mais sóbria, uma simplicidade que parece intervir apenas como um acento que a torna indefinidamente mais grave: “meio morto”. Haveria possibilidade mais discreta, mais precisa para dizê-lo? Somos levados a acolher, através dela, o pensamento de que não há, entre vida e morte, uma linha sobre a qual o meio morto repouse onde estas coincidam. Diversamente, ele abre antes o pensamento de uma dissidência, de uma separação em que vida e morte se mantêm justapostas, suspensas numa relação neutra dentro da qual o meu próximo é presença no hiato e hiato de presença.



Há, entre nós, essa distância neutra em que o anonimamente entregue vai, sem resistência, ao ultra-passamento de toda propriedade e, através do silêncio em que vem a mim, resta a iminência inapelável da separação que solicita; silencioso apelo de uma última possibilidade: que *eu* me aproxime... Outrem, na iminência de sua morte, expõe o lugar inapropriável em que, permanecendo ele fora de jurisdição, intangível às leis da vida e aos segredos da morte, faz-se o nômade da imobilidade. Assim, esse ser expropriado de lugar, quer mantenha-se no intervalo ou o ultrapasse, permanece como a advertência ou a lembrança de que, em face da comunidade, a morte é sempre o prazo prescricional – mas imprevisto e inapelável – da lei.

Quer dizer, se o território circunscreve a comunidade à medida que esta se deixa atrair ao centro de sua lei, a iminência da morte de outrem não ameaça a realidade desse centro, mas exige daquele que a comunidade se deixe atrair por ele e com ele ir para fora do vínculo, onde a própria comunidade, se aliando à perda do nome, se torna o nome próprio dessa perda: o meu, o teu, para todos enfim outrem, ainda ele, sempre um terceiro.



Daí o amor, exigência desmedida que aceita entrar em relação com aquilo para o qual falta sempre a medida. Quer dizer, não à toa a chegada do samaritano, cidadão qualquer da Palestina, sucede a passagem de dois homens do centro. O sacerdote e o levita, o homem do rito e o homem da lei. Que Jesus peça a seu interlocutor para citar a passagem da Escritura que se encontra em Levítico (19:18)⁹, é algo que dispensa maiores comentários. Afinal, a prudência em face da comunidade também está aí. É preciso que aquele que se aproxima da morte iminente de outrem, assuma de antemão os encargos deste para com a comunidade. Dispor-se a desapropriação em nome de outrem destituído, é a provação pela qual a exigência política se afirma como a própria espessura de qualquer sentimento comum. Daí que, no que se segue ao relato de Lucas, o samaritano arque, indiferente à recíproca ou à garantia, à restituição e à salvaguarda dos contratos, com a responsabilidade social, material e política daquele que não lhe deu outra coisa mais que o dom da pobreza como afirmação sem fim, sem meios e exposta ao seu próprio desnudamento como ao advento de uma comunidade que permanece. Que permanecerá sempre.

⁹ *Ele clama... (Levítico)*. (Tradução do hebraico ao Francês, por André Chouraqui; e deste ao português, por Wanda C. Brant e André Cardoso). São Paulo, Imago, p. 2016

ouve-se na outra extremidade

Deus

em

oração.

senti, medo, e, para começar, como resposta, fico calado.

nenhuma luz esta acesa.

— Quem é?

abriu-se o

ferimento do direito:

— Então julgas tu, que me feriste, que tenho a mão para curar-te?

— Parece -lhe?

UM ENCLAVE

NA PALAVRA – SEM FIM

*Vão para a terra onde há[.] Mas não irei
convosco, porque sois um povo obstinado, e eu
poderia destruí-los no caminho*

Êxodos 33:3

Em Apocalipse 22:18, lê-se: “Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro”¹⁰. Deve-se observar, no entanto, que se o Novo Testamento vem acrescentar essas palavras ao Antigo, é transgredindo-o, uma vez que semelhante advertência já se encontrava também neste. Aliás, não de modo isolado e lateral, mas demasiado, e em termos que não se deve desprezar – se o próprio Deus é quem lhes fala:

¹⁰ *Bíblia. Vol. II Novo Testamento. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse.* (Trad. Frederico Lourenço). São Paulo, Companhia das Letras, 2018



“Aplicem-se a fazer tudo o que eu ordeno a vocês; não acrescentem nem tirem coisa alguma”. (Deuteronômio 12:32)

“Nada acrescentem às palavras que eu ordeno a vocês e delas nada retirem, mas obedçam aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, que eu ordeno a vocês”.(Idem 4:2)

“Sei que tudo o que Deus faz permanecerá para sempre; a isso nada se pode acrescentar, e disso nada se pode tirar. Deus assim faz para que os homens tenham”. (Eclesiastes 3:14)¹¹

¹¹ *Bíblia sagrada: edição pastoral* (Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin), São Paulo, Paulus, 1990.

O
QUE
É

Que o líder dos eleitos não tenha temido seu Senhor, é algo que a própria batalha de Fanuel, entre Deus e Jacó, atesta sem dificuldades. Destemor porém mais decisivo que este donde resulta a vitória do filho sobre o Pai, talvez seja o de seus descendentes em face da Lei que está escrita. Afinal, que palavra alguma se lhe deva acrescentar ou retirar, é algo que a existência do Talmude por si mesma contesta – contestação silenciosa, por certo, mas também é o movimento pelo qual a palavra humana se afirma, ainda que se ateste apenas enquanto exigência do comentário à palavra sagrada. Se a advertência, proferida pelo próprio Deus, assegura à consciência do pecador que o castigo se cumprirá, no entanto mais forte que o temor, mais irredutível que a Lei é então aquilo a que a exigência do comentário, assumindo até as últimas consequências sua maldição, *deve* responder. Se não é a Deus que ela responde, como entender uma tal exigência?

Diz-se que uma coisa exige outra quando, havendo a primeira, haverá também a segunda, sem que a primeira a implique logicamente ou a obrigue a existir. O que a exigência exige, de fato, não é a realidade, mas a possibilidade de algo. A possibilidade que se torna objeto de uma exigência é, contudo, mais forte do que qualquer realidade. (AGAMBEN, 2016, p. 93)

Se é lícito considerar este corolário, então aquilo que o Talmude guarda, contrito por prescrição, como o íntimo segredo de sua necessidade, é assim tão mais forte que Deus e que toda realidade. Experiência da maior gravidade, sem dúvida; isto deve ser levado em conta, ainda que não saibamos exatamente ao que essa necessidade se refere (ou, antes, o que ela reivindica). É algo que o processo, a história deste comentário à margem da palavra sagrada, deve nos ajudar a esclarecer. A propósito, o termo “história”, talvez ganhe aqui o seu sentido mais justo.



3. Composição literária	258	INDICE	
4. Análise explicativa	260	INTRODUÇÃO AOS LIVROS OU POÉTICOS DIDÁTICOS	
O PROFETA MALAQUIAS		Poesia dos hebreus	9
1. Pessoa	267	O Livro de Jó	12
2. Tempo	268	O Livro dos Salmos	23
3. Composição literária	268	O Livro Provérbios	41
4. Análise explicativa	269	O Livro Eclesiastes	48
5. Questões particulares	270	O Cântico dos Cânticos	57
INTRODUÇÃO GERAL AO NOVO TESTAMENTO		O Cântico dos Cânticos	66
Estado da questão		INTRODUÇÃO AOS PROFETAS	
As soluções apresentadas pelos modernos		O nome	
Conclusão — É aceitável só um sistema eclético		A coisa	
HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS (SINÓTICOS)		INTRODUÇÃO GERAL AOS PROFETAS	
Sentenças condenadas pelo decreto "Lamentabili" do		1. O fenómeno do	89
S. O. Ofício		2. Origem e formação do	91
A posição dos adversários		3. O ambiente da	97
A posição católica		4. A linguagem dos profetas	113
Conclusão		5. Doutrina geral dos profetas	115
— 533		6. Os profetas que escreveram	120
		Biografia	120
		O PROFETA MALAQUIAS	

Nasce, uma vez completos ao menos sete anos da morte de Yeshua, o Cristo, aquele que se tornaria o primeiro guardião do comentário, mas não seu nomeador. De origem incerta, este hebreu de nome Aquiba, ou Akiva bem Yosef (que do hebraico se traduz por Aquiba Filho de José), é iniciado, por volta do ano 75, na linhagem rabínica dos *Tanaim*, surgida em Jerusalém três anos antes da morte de Yeshua. Tendo sido não apenas alguém que fez a recolha e transcrição da Lei Oral judaica, Aquiba marcaria a posteridade como o Abba (pai) da linhagem rabínica do judaísmo por ter sido o responsável por sua sistematização. É através de seu método que se estrutura a *Mischiná*, também chamada, pelos que a seguem, de Torá Oral, que constituirá mais tarde a primeira parte do Talmude. A respeito desta, Levinas fez um comentário que, para a exigência que aqui nos atrai, parece bastante esclarecedor, afinal:



Rabi Iehudá Hannasi o fixou por escrito no final do século II da era vulgar, sob o nome de Mischná; Os *Tanaim* tiveram certamente contato com o pensamento grego. A *Mischiná* se torna objeto de novas discussões conduzidas frequentemente em aramaico pelos doutores chamados Amoriam que, em seu ensinamento, utilizavam, sobretudo, os dizeres dos Tanaim que Rabi Iehudá Hanassi não havia incluído na Mischiná. Esses dizeres “deixados de fora”, chamados Beraitot, são confrontados com a Mischiná, servindo para esclarecê-la. (2017, p.13)

Quer dizer, em face da direção a que apontamos, a transgressão que se pode testemunhar no Talmude seria não apenas a de acrescer à Torá uma derivação oral idiossincrática, tampouco satisfazer-se em harmonizar as dissonâncias pela regência do comentário, mas pôr em jogo, decisivamente, uma questão de método. Quer dizer, pôr a objetividade da Lei em suspenso; é assim deslocação do sentido e seus pontos de incidência, ou da precisão e sua compreensibilidade, manejando assim um conjunto informulado ao horizonte de uma expectativa inteiramente outra, abrindo uma distância tal que, mensurando-se apenas pelo esforço humano, é ao rigor de um pensamento em formação que se responde, aderindo à primazia do que seu próprio passo traduz e, assim, confere concretude e porosidade absolutas ao que a palavra “methodo” conjuga em seu significado original: *meta*, “através de”, “o que se segue a” e *hodos*, “via”, “vereda”, “caminho”. Põe-se o Testamento (quer se pense vertendo-o pelo grego *diathéke*, “aliança”; ou, e aqui mais familiarmente, pelo hebraico *berith*, “contrato”), enfim, sob *re-visão* – e aqui talvez não seja de todo irrelevante recordar, mas elipticamente, que a origem da palavra religião, contemporânea ao nascimento do Talmude e também sua conterrânea, conjuga na derivação substantiva *religio*, as formas nominais dos verbos latinos *religare* e *relegere*: religar e reler.

Handwritten notes in the top left corner: "Wroby" and "Luzern 1904".

GEOGRAFIA FISICA DA PALESTINA, NOS TEMPOS		NEO TESTAMENTARIOS
Prefácio		293
A Palestina — Nome		294
Uma idéia de conjunto		295
Divisão		297
A Palestina propriamente dita ou Cisjordânia		301
A Transjordânia		310
Clima da Palestina		313
Flora e Fauna		
SITUAÇÃO POLITICA E RELIGIOSA DA PALESTINA		
		242
		243
		243
		244
		244
		245
		247
		247
		248
		248
		250
		250
		251
		315
1. Antecedentes		317
2. Reinado de Herodes, o Grande		322
Os Herodianos		330
As facções religiosas e politicas do Judaismo		337
Os escribas		339
Ministros sagrados		341
Lugares do culto		354
Festas religiosas		354
Os tribunais		354



A revisão, descambando num esquema praxiológico mutável, entre acréscimos e exclusões dos seus próprios hábitos e termos, perfaz, a cada vez, uma saída da Morada. É então sob atração de uma exigência radicalmente que se impões o afastamento daquilo que, tendo-se um dia quisto como Lei, em verdade terá sido sempre e antes de tudo, o Verbo... e primeiramente aquele que, sendo condição de possibilidade (o Ser), dá lugar também a tudo que se lhe desvia... e a persecução de uma experiência propriamente humana, demasiado humana e, no entanto, de alçada não menor que aquela da Palavra que se retira. O pensamento incerto, abrindo o horizonte com um novo passo, mede sua distância com outro nome: teoria – eis onde se arrisca a chegar, jamais assegurado de ter atingido seu ponto último, quando se dá um passo fora de casa.

Escutai palavras, ó povos!

E que a terra preste atenção,

Assim como todos os que nela [habitam]!

E o senhor será testemunha entre vós,

O Senhor da Sua casa santa.

Pois eis que o Senhor sai do Seu lugar;

E descera e pisará os lugares altos da terra. (Miqueias 1: 2-3,p.127)¹²

¹² *Bíblia*. Vol. III. *Antigo Testamento. Os livros proféticos*. (Trad. Frederico Lourenço). São Paulo, Companhia das Letras, 2019



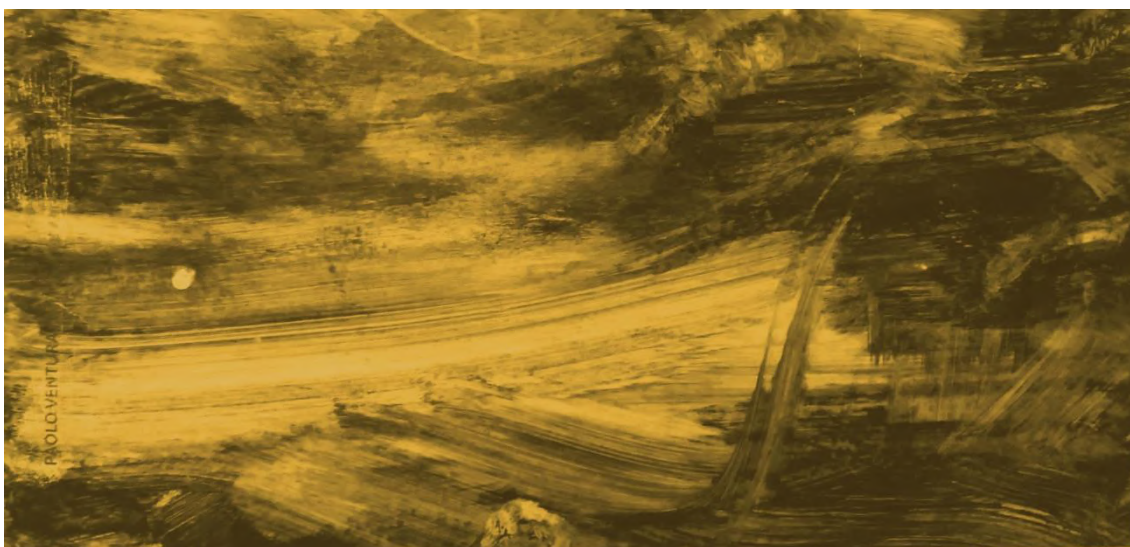
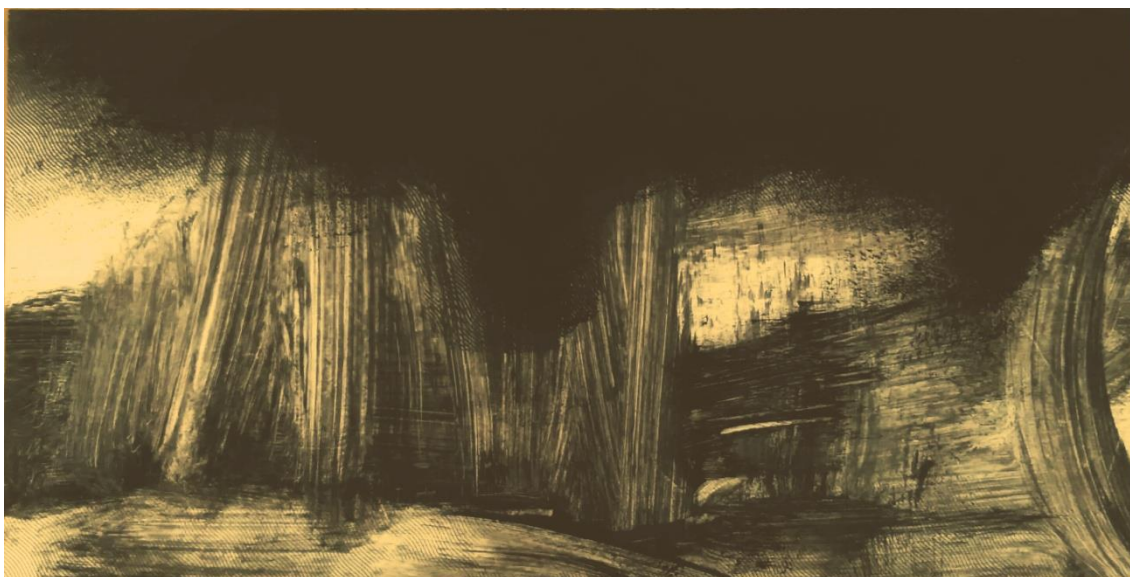
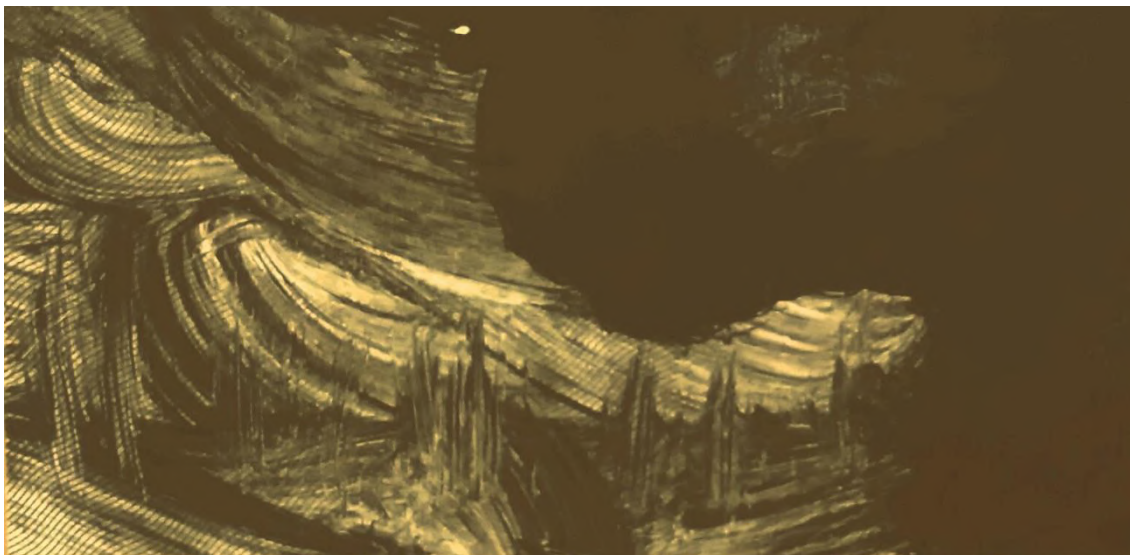
Quer tenha advindo ou não pelo contato o mundo antigo, esta palavra grega aponta aqui somente o seu sentido: *theōría*, “investigar”, “examinar”, “observar”. Aqui, tal sentido faz-se tão mais justo, pois seu étimo carrega outra palavra, qual seja, *theos*, deus... Teoria: o último do que há para ser visto?

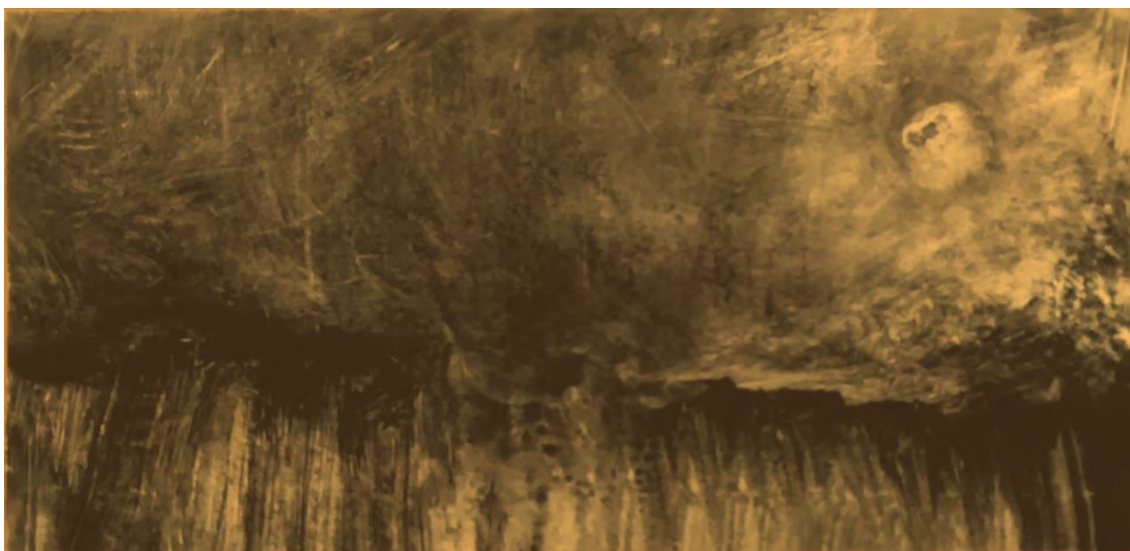
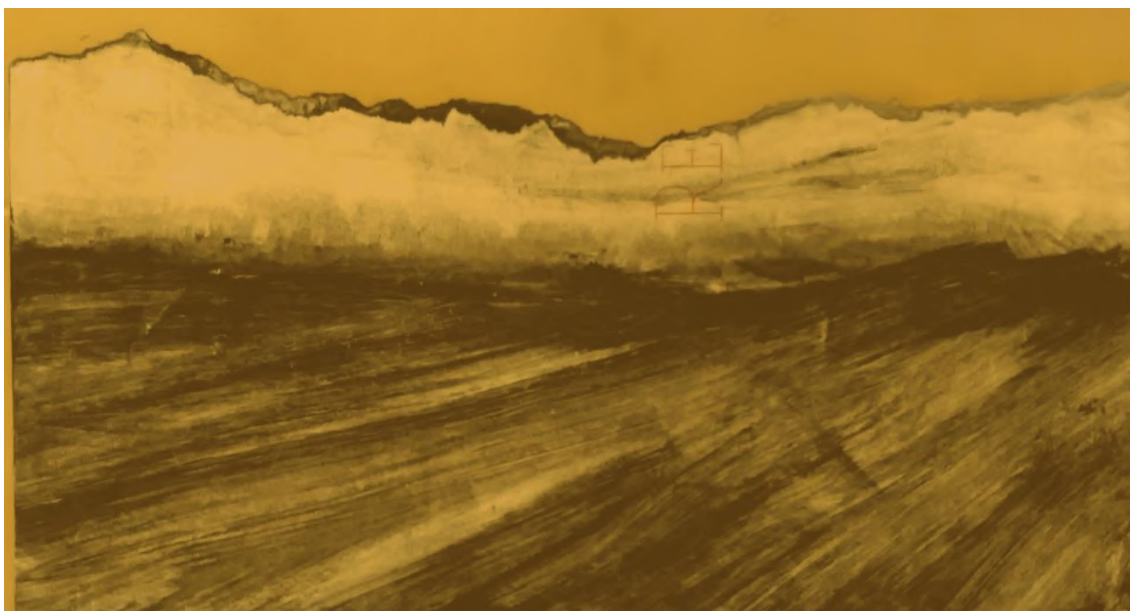


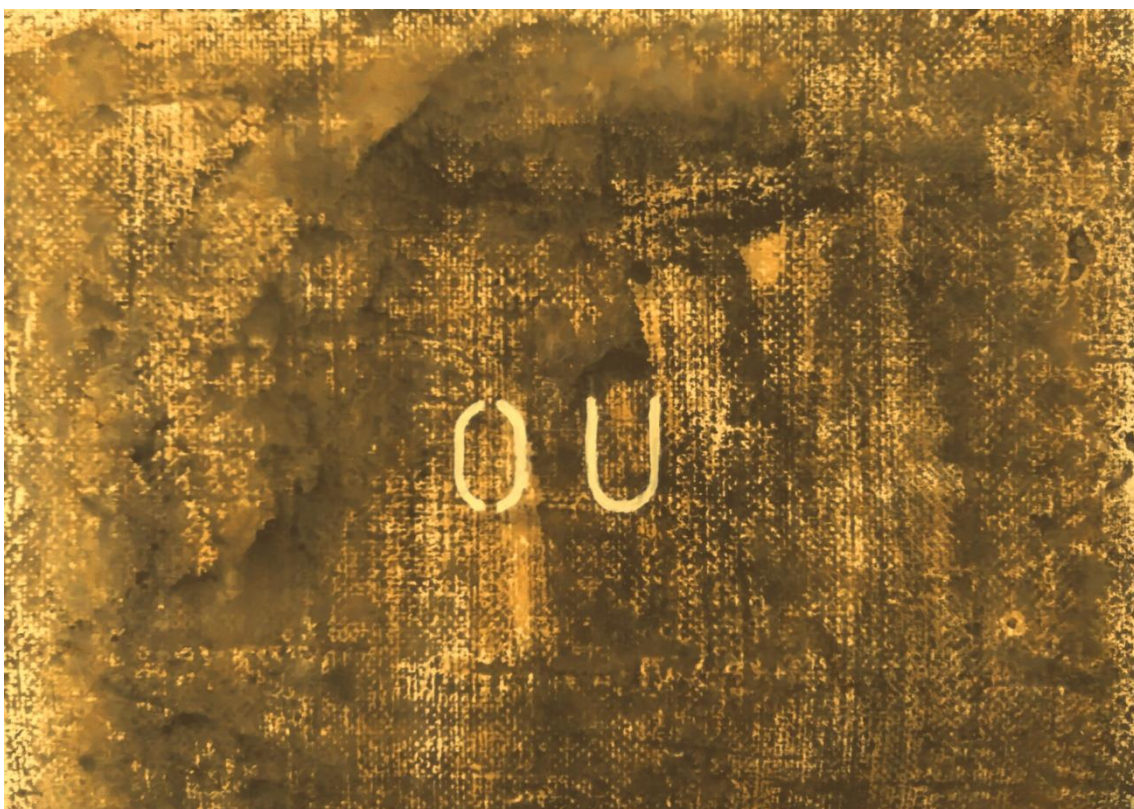
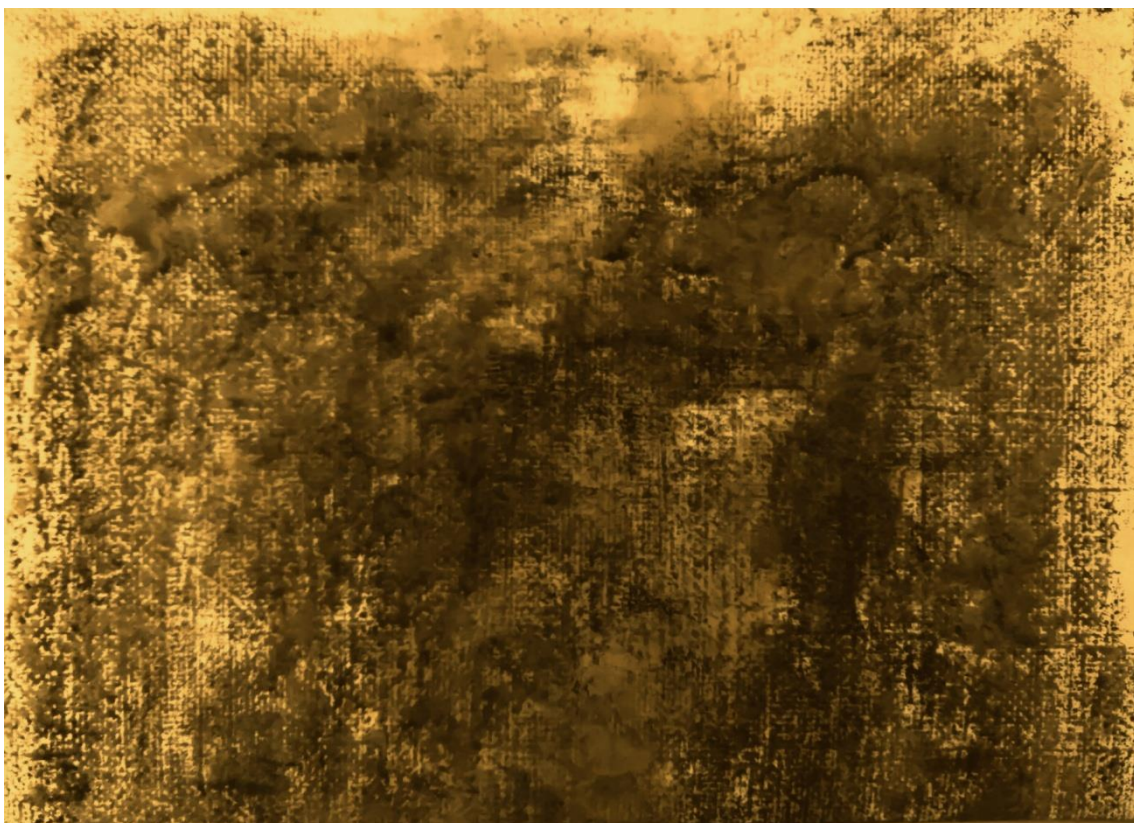
“Javé falava com Moisés face a face, como um homem fala a um amigo” (Êxodo: 33:11)

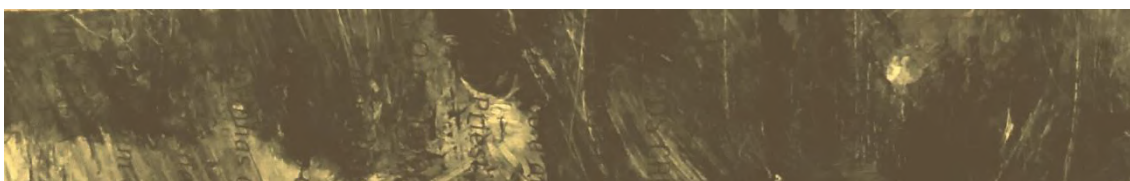
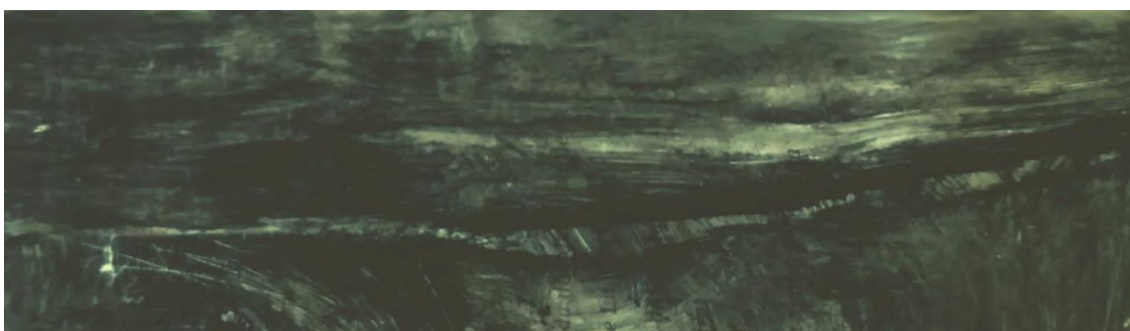
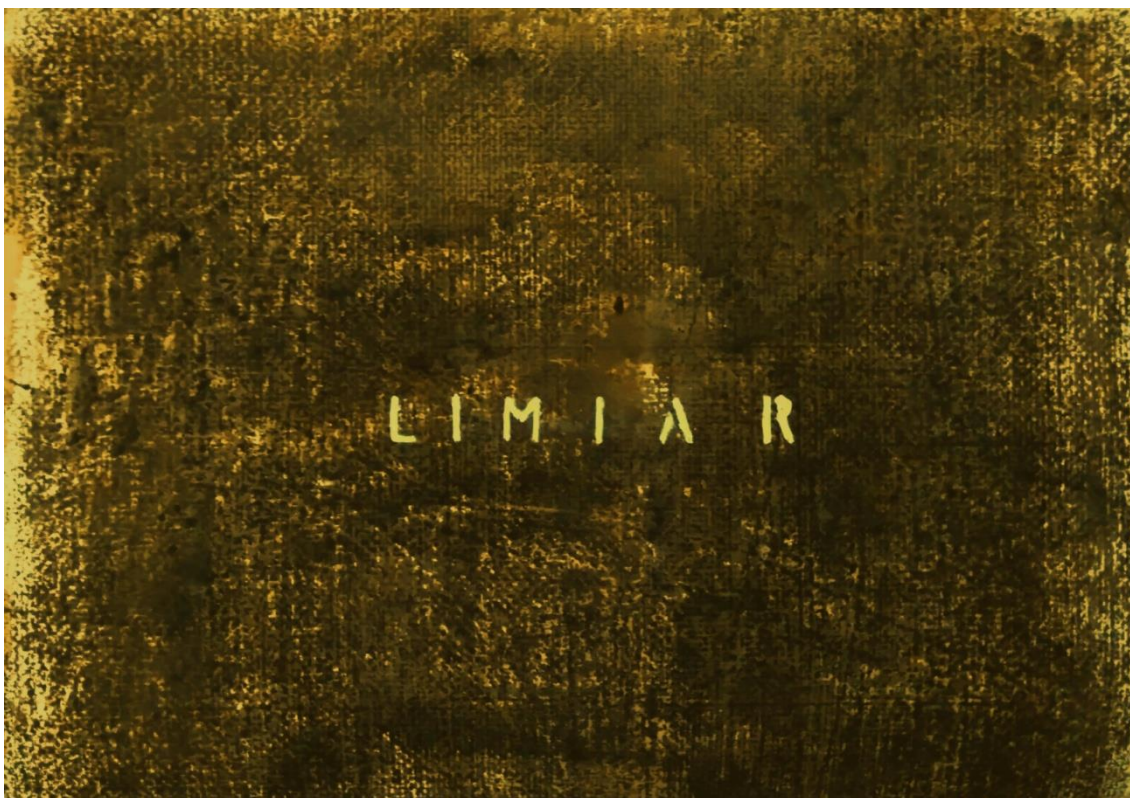
“E acrescentou: “Você não poderá ver o meu rosto, porque ninguém pode vê-lo e continuar com vida”. (Êxodo 33:20)

Teoria, sim... no entanto, isto apenas acompanha a um outro movimento mais profundo, respondendo-lhe, gravemente como deve ser, à sua própria medida. Deslocação, aliás, que será preciso lembrar. Foi sob um signo impreciso, entre a catástrofe consumada e a urgência imposta pelo desamparo, que Akiba bem Yosef viu-se obrigado a recolher uma tradição que perigava dispersar-se, transcrevendo-a para fixar em lei e sistematizando-a para unificar o ensino quando, à destruição do Segundo Templo de Jerusalém no ano 70 d.C, se seguiu a expulsão de seu povo a parte algures.

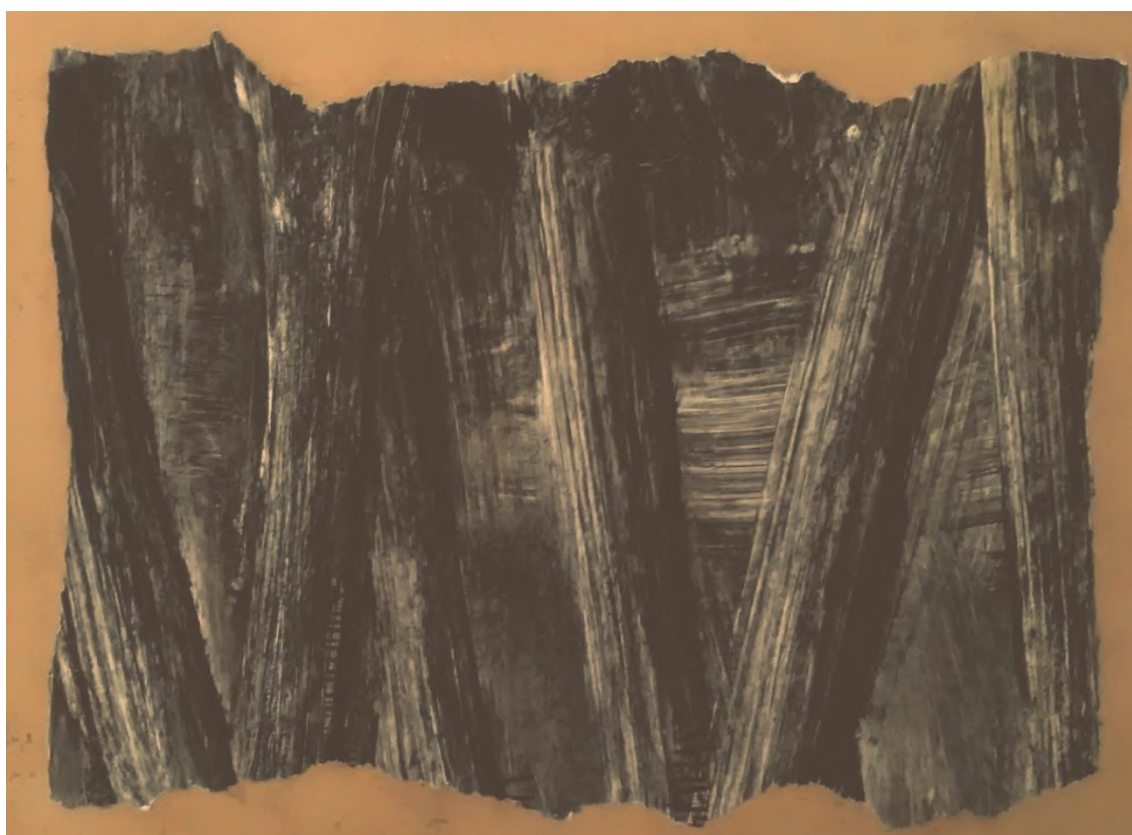
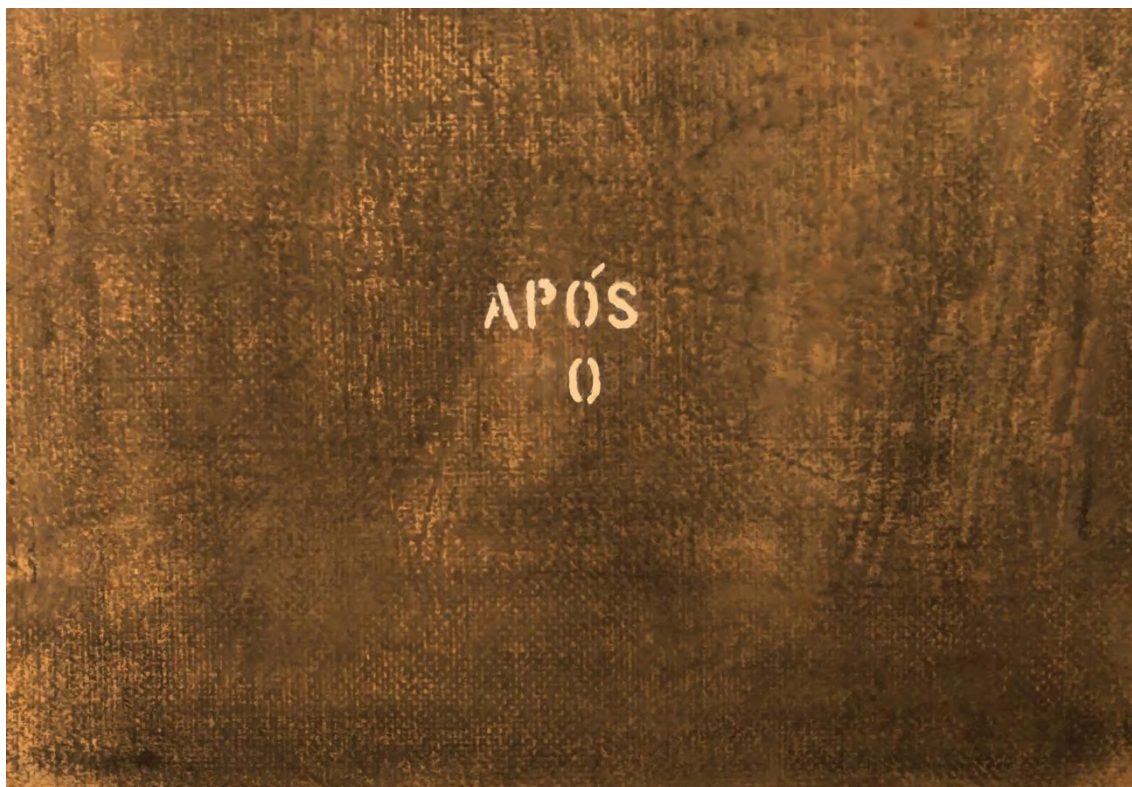








“Compreendi que tudo o que Deus fez dura para sempre; a isso nada se pode acrescentar, e disso nada se pode tirar. Deus assim faz para que os homens o temam”. (Eclesiastes 3:14)



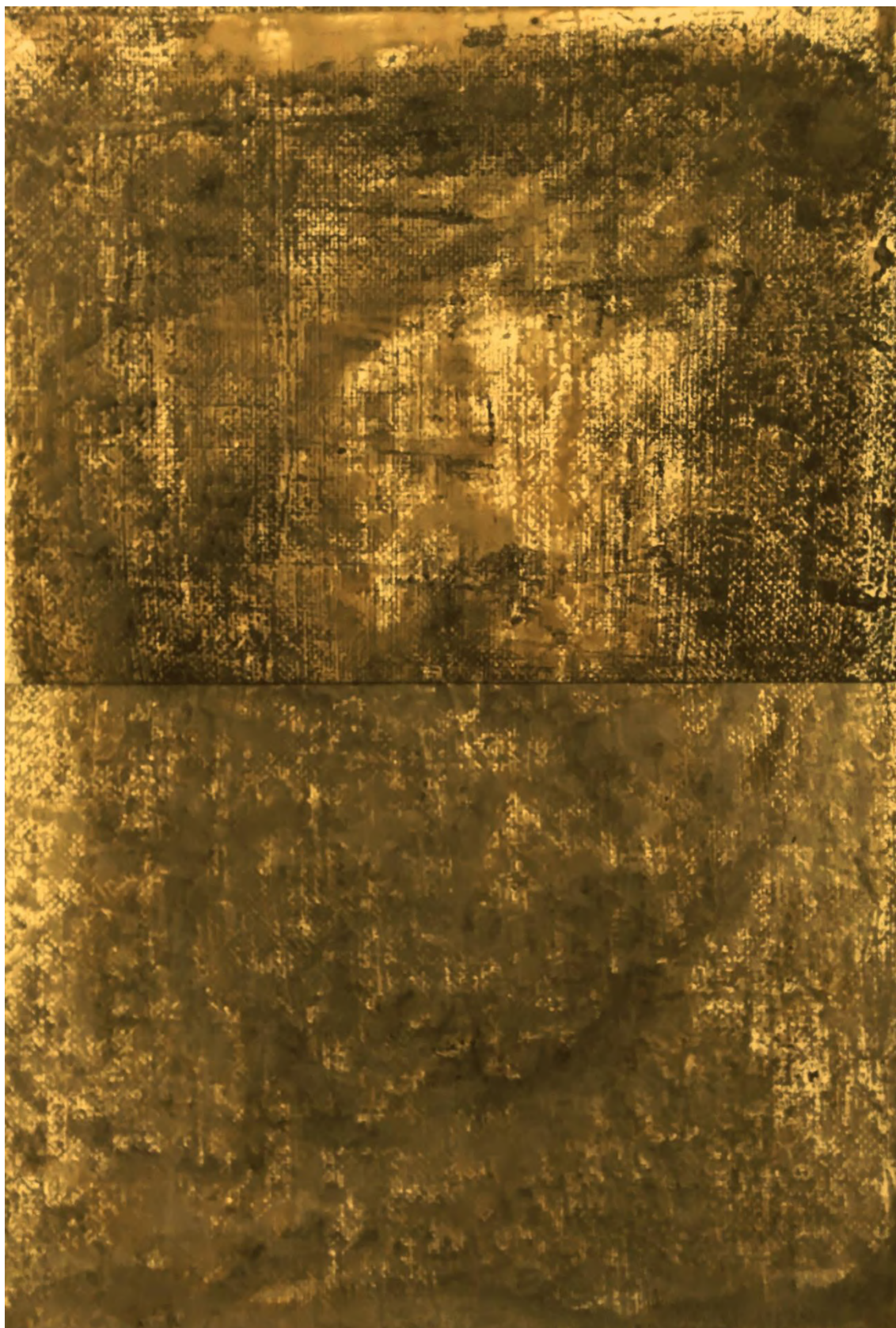


“Cada palavra de Deus é comprovadamente pura; ele é um escudo para quem nele se refugia”. (Provérbios 30:5)

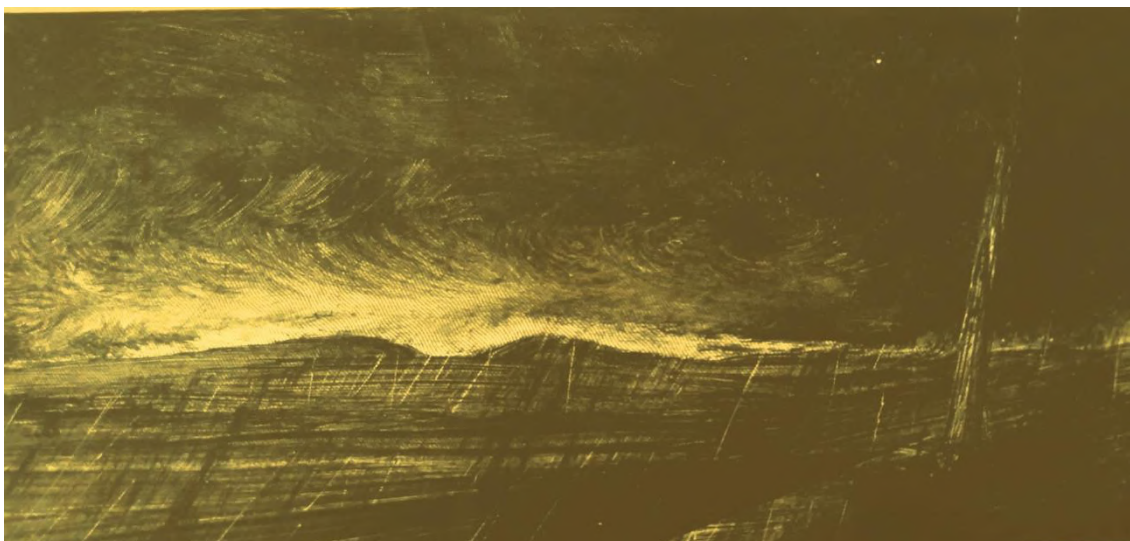


Palavra que, ultrapassando mil anos, por certo terão soado a Akiva bem Yosef como uma advertência duas vezes profética. Afinal, conforme se crê, o testemunho de Eclesiastes remontaria ao século VIII a.C, portanto quando este, Salomão, rei que sob heterônimo *Ekklesiastēs* ou *Qohélet* escrevera sua autobiografia, ordenou que se fizesse, tal como prescrevera-lhe Davi, seu pai, o primeiro Templo de Jerusalém. E assim se fez *Beit YHWH*, “Casa de Deus”, cuja destruição adviria quatro séculos mais tarde.

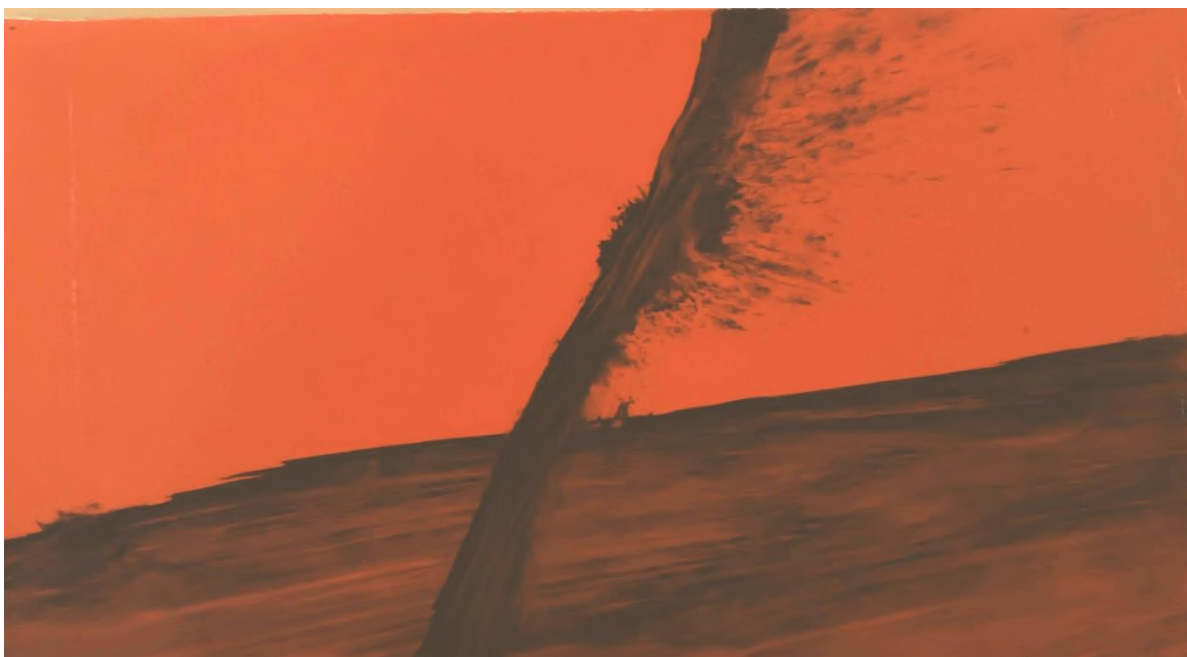




Que se edificasse o Templo sobre o Monte Moriá foi a prescrição de Davi a seu filho. Relação essencial, sem dúvida, é para os hebreus a promessa que, entre legatário e herdeiro, filia o acordo verbal à última testemunha, Deus, o primeiro testador. A prescrição de Davi, segundo a tradição talmúdica, articular-se-ia a exigências tão decisivas quanto imemoráveis, pois nela se encadeiam episódios infinitamente remotos. *Mōriyāh*, do hebraico, “ordenado, considerado ou mandado por Deus”. Neste Monte teria tido lugar o primeiro sacrifício ofertado a Deus, por Caim e Abel, a sacrifício de Isaac ordenado por Deus a Abraão, e a revelação do Decálogo da Lei, quando da aparição d’Aquele a este. Assim como é prescrito a Abraão reunir os hebreus sob o Decálogo, é ordenado ao rei Davi que transmita ao seu herdeiro a promessa de que este, Salomão, realizaria a nova reunião dos judeus com o *Beit YHWH*. De resto, talvez não seja inútil lembrar que, essa altura, a terra prometida através dos séculos e dos patriarcas se encontrava não apenas sob inédita ocupação dos eleitos, mas sob pleno domínio instituído a três gerações de reis, e portanto invulnerável à força suspensiva da promessa. Consolidada numa realidade tal que, edificando *Beit* sobre *Mōriyāh* reúnem-se, como um coração unívoco, as duas Leis.











Que a morada se deva edificar sobre o mandamento, é algo esclarecedor. Isso demarca, de saída, a preexcelência da palavra sobre o templo, de Deus em face do homem, e do verbo sobre à carne. Em outras palavras, o que aí se assinala é a precedência d'*o que dá lugar ante a obra a ser fundada*. Recordemos as palavras de quem, apesar de ter ordenado a construção do templo, nem por isso deixou de precaver, dizendo: *“Sei que tudo o que Deus faz permanecerá para sempre; a isso nada se pode acrescentar, e disso nada se pode tirar. Deus assim faz para que os homens tenham”*.



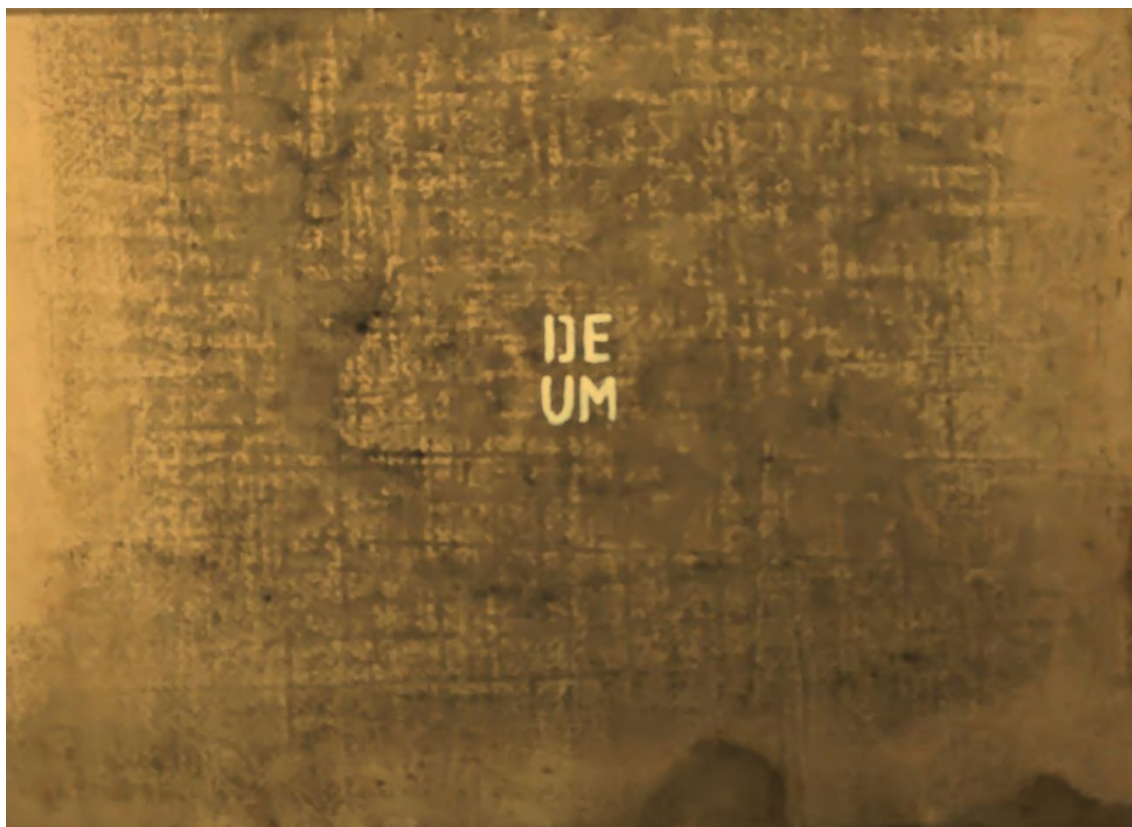
Quem me dará no deserto
Um acampamento remoto?
E deixarei o meu povo
E me afastarei deles? (Jeremias 9: 1)¹³

¹³ Idem.



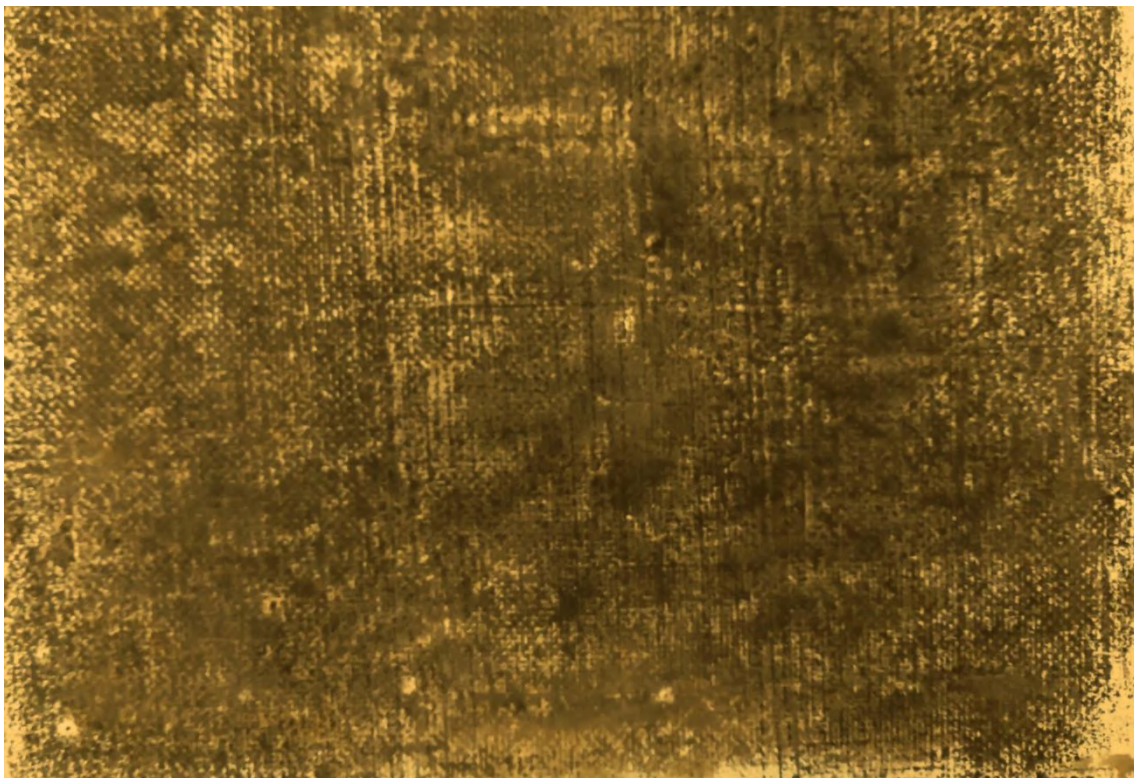


“Ó suprema fugacidade, diz Qohélet, ó suprema fugacidade! Tudo é fugaz! Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se fadiga debaixo do sol?”. Aí, nessa palavra grave que começa seu testemunho, o que Eclesiastes põe em jogo parecem ser dois lamentos que, numa aproximação brutal, exprimem o impulso metafísico das orações e a denúncia da animalidade amaldiçoada. Se ao longo do livro se desenrolará, compassadamente, a meditação prudente de Eclesiastes, nessa frase de abertura, em contra partida, longe das atenuações seguintes, se dá, de saída, uma espessura trágica ao drama. Ele clama, diz seu nome e, como não havendo resposta ao clamor, é como eco que este retorna. O sujeito do discurso é, entre os dois clamores, um lamento que aí irrompe. Testemunho no qual, em se tratando de autobiografia, autor e sujeito são um. Um para o qual a tradução, quer se diga *Ekklesiastēs* ou *Qohélet*, é tão somente: “*o que reúne*”.

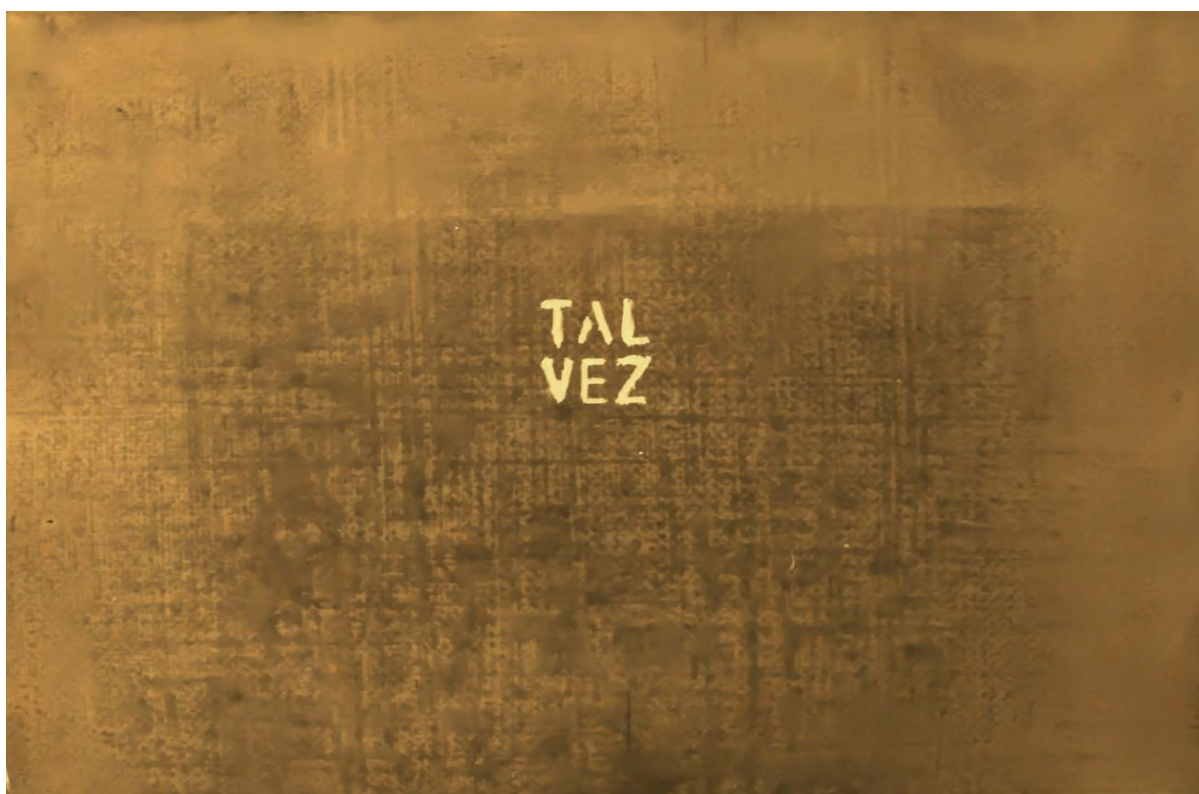
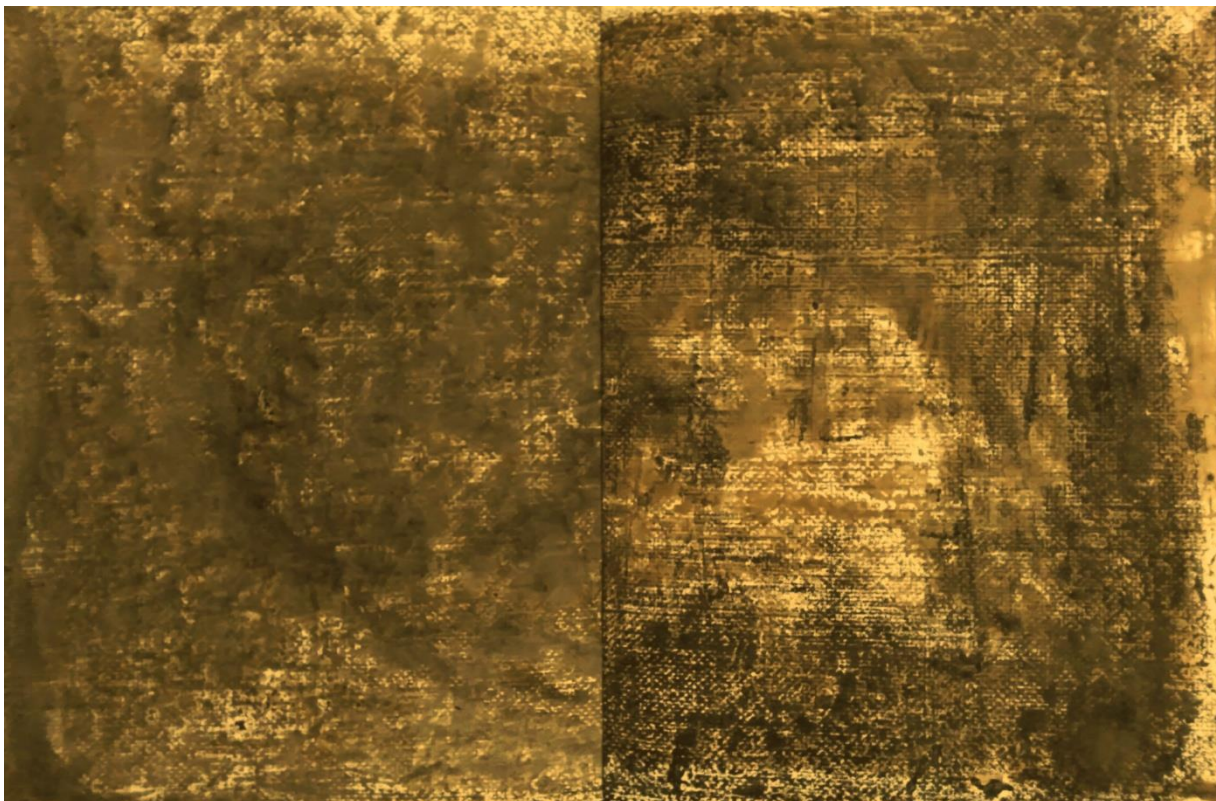


Dá a exemplaridade e a estranheza absolutas de sua inscrição na sentença de abertura. Nela escutamos o autor de uma autobiografia; mas ele nomeia, pela voz em terceira pessoa, um sujeito do discurso que, sendo autorreferente, dá testemunho de uma identidade que, no entanto, afirma antes a separação; a autoria, pois, como desarticulação de si, é a paradoxal *impessoalidade* através da qual o significado de *Qohélet* vem, justamente, encetar a precisão do nomear-se: *o-que-reúne* é, entre dois clamores, o lugar da enunciação *enquanto tal*. Quer dizer, um dar lugar, mas por meio do qual o discurso reúne começo e fim. (Retenhamo-lo).

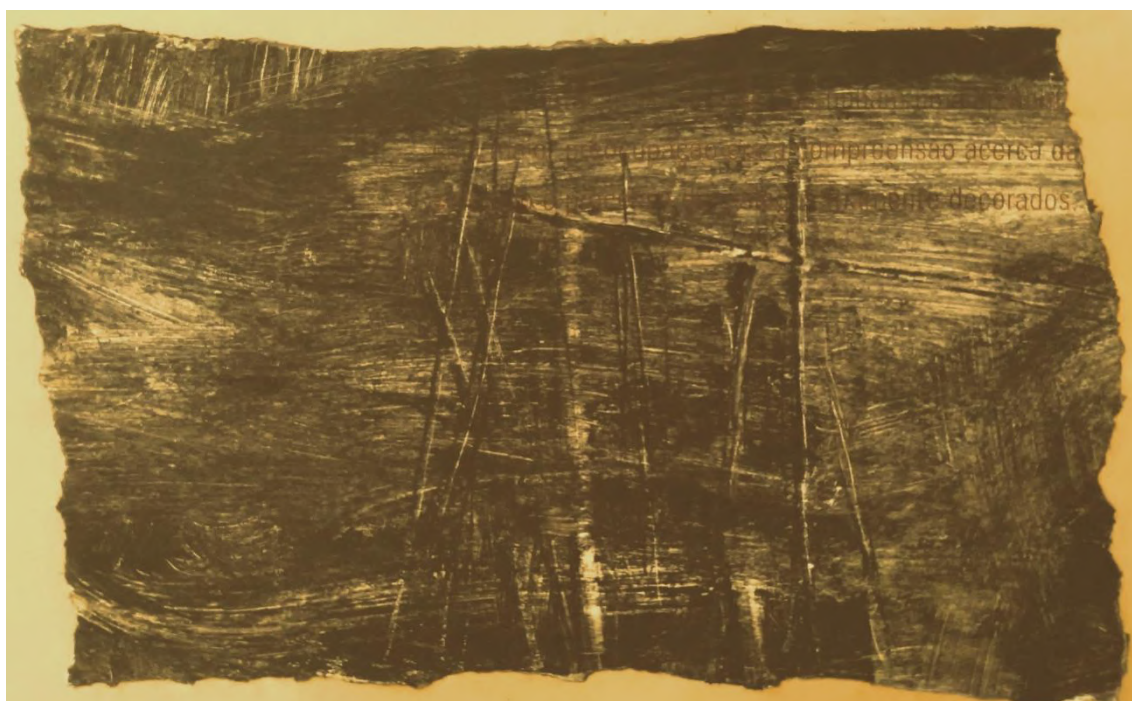
O tempo, afirmação suprema em seu curso unívoco, é esse movimento cuja interrupção só o homem conhece. O homem, esse agregado de temporalidades, é o que contrai, interrompe ou distende o curso unívoco do tempo. O homem é, antes de tudo, lugar dessa possibilidade; uma promissora chance de reversão: ilusão de durar. Eis a promessa venenosa do trabalho, esse combate através do qual o tempo adquire sua espessura e sua consistência próprias, ensina-as ao homem, sendo-lhe mestre e adversário nessa batalha fatigante ao cabo da qual, inelutavelmente, o tempo prossegue como a espessa poeira do lamento impessoal, herdada de geração a geração – às quais, no entanto, como um sopro em meio às cinzas lhes legasse, perdura, em face da vida esgotada, a promessa de eternidade – por definição irrefutável.



Mas a possibilidade da palavra, esse produto sempre excedente às formas com que a extenuação mede no homem as recompensas do trabalho, instaura, eis o lamento de *Qohélet*, a grave exigência de consumir-se, donde que então reste o “o que reúne” em sua brutal impossibilidade. Aí, a cada vez, os dois extremos se confundem numa só desmesura em cujo centro, sempre vacante, cai o homem, levanta-se o homem. O homem grita. Mas no grito, irrupção bárbara, um eco come o outro, fim e começo são a mesma súplica ou praga. Eis que, instituindo o trono que lhe promete um soberano reinado sobre o tempo, a linguagem reconduz, ao fim e ao cabo, à destituição de todo pensamento que proponha seu reinado. Salomão? Impróprio usar um nome, se a autobiografia de um rei é apenas o movimento de um discurso ao cabo do qual resta apenas o testemunho do homem impessoal: *Qohélet* : o-que-reúne todos em sua ausência de nome?



Ao desconforto com que a abertura de Eclesiastes nos interroga, se o restante do testemunho procura atenuá-lo é, antes, uma emulação, certamente apropriada, de como a exigência de consumação, na desmesura sem limite em o homem se torna meio de uma despovoação, pode ser, no entanto, facilmente detida, dominada pela experiência que a escande, pelo saber que a dissimula, que a desloca para uma zona exterior, ignorada, adormecendo-a na distração, no esquecimento em que ela se anestesia, se obscurece e declina, podendo assim voltar ao discurso, como uma resta cuja presença não ameaça a claridade, antes a dignifica.

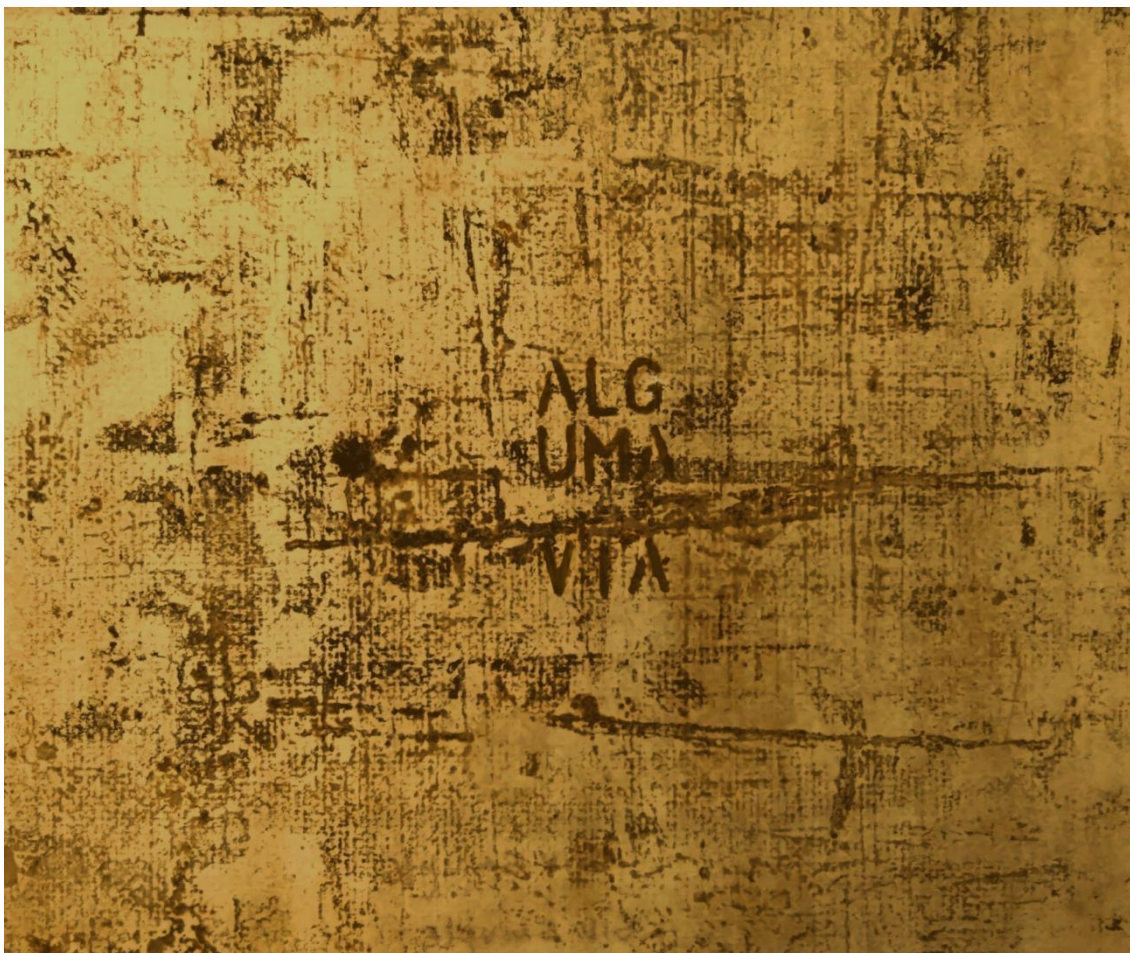


Salomão, rei de uma Israel em glória e pilar de sua era verdadeiramente áurea, soube precaver a respeito de uma iminência, ele ensinou àqueles que depois viriam herdar *intacto* o seu legado, a se prepararem, conduzindo-os a *temer o temor* daquilo que, advindo sempre e somente após a destruição das obras, é a palavra aberta ao puro espaço em que a impossibilidade de obra engaja, por sua vez, à obra *da* exigência e, assimilando à sua promessa desmesurada a radical exterioridade do êxodo, arrisca, incessantemente, a reverter um no outro, prolongando o começo no fim e seu oposto igualmente; donde que o intervalo entre partida e chegada se torne, rigorosamente, a diferença indefinível. Não a simples perda da referência absoluta, que para o povo é, foi e será sempre Deus, mas a absoluta perda de referências quaisquer – donde tudo o que foi retirado dá lugar ao despovoamento que toma todo o lugar. Aí, aliás, o começo e o fim, essa exigência primeira da obra, possibilidade sempre prévia de um perímetro, garantindo assim o meio (*milieu*) pelo qual a duração confere espessura ao advento da obra, eis o que é excedido quando a obra *da* exigência engaja, de uma só e por todas as vezes, a sua primazia naquele que, evadido, ela torna lugar da infelicidade sem medida.

Que infelicidade, senão aquela rente a qual o pensamento se pega incessantemente às voltas, tão atraído ao desvio a essa exterioridade quanto, igualmente sob a imantação de seu próprio limite interno, se esforça por resistir a ambos, pela exigência que aí, como num vácuo entre duas seduções, traçaria o pensamento dum limiar em que, como seu segredo neutro, pensar se experimentaria como resto de si mesmo...? Risco infinito, sem dúvida – esforço vão, sou tentado a dizer... pois “onde” tanto a exigência de obra quanto a obra da exigência não mais se afirmam, é aí, justamente, que ambas convergem como dupla negação de um meio: eis *o que faz faltar* traço, fronteira, meio ou limiar qualquer; e, no entanto – eis também a prodigiosa reversão do inapropriável – o que faz-se *aí*, entre duas negações, é tencionar a abertura de uma vacância; mas uma vacância tal que, sob tensionamento irreconciliável, é, entre um “desde sempre” e um “ainda não”, a pura iminência apropriadora; a rigor, isso: o-que-reúne (*Qohélet/ Ekklesiastēs*), se dela toda exigência, de antemão, terá sido fruto.

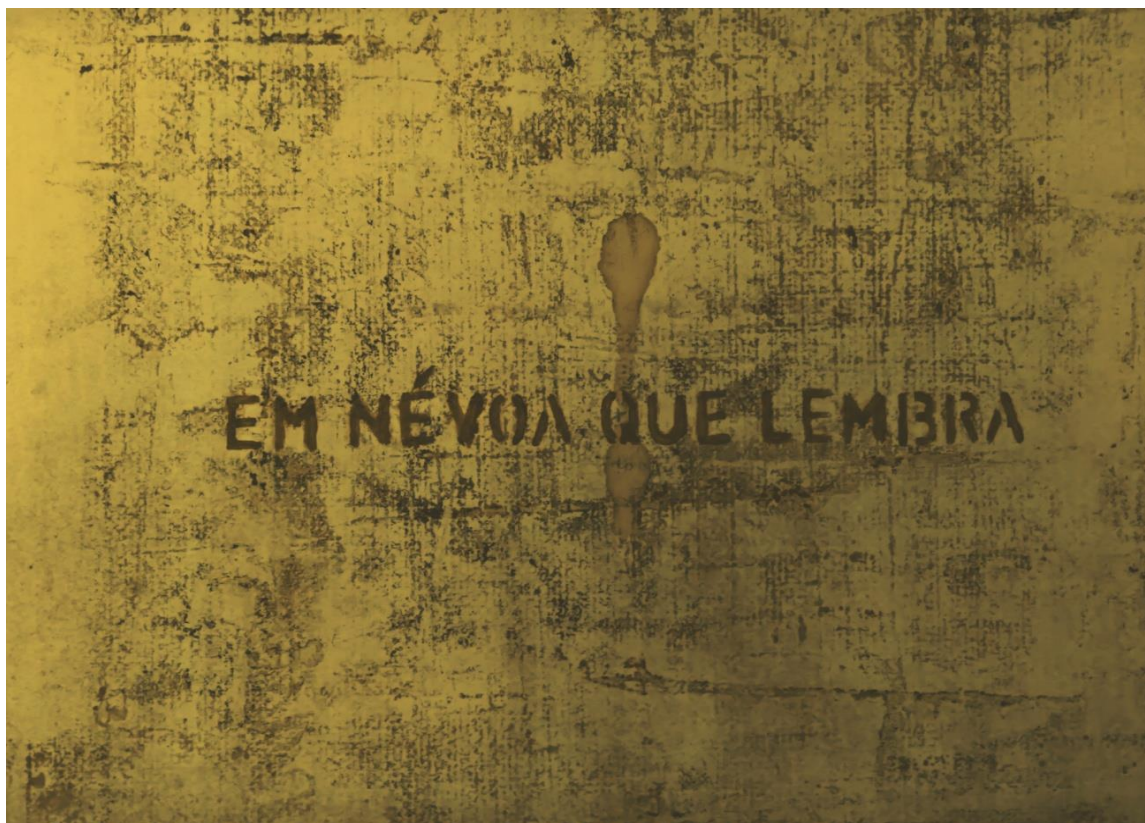
Quer dizer, “vacância”, “falta”, “ausência”, eis o que jamais houve enquanto tal. Ao contrário, aquele que usa tais palavras, que põe sobre essas ou outras análogas toda a carga de sua seriedade, sabe que a licitude de fazê-lo jamais se encontra assegurada, exceto pelo indício de que, através dele, um pressentimento que as acompanha suporta o segredo de sua incomunicabilidade. É uma tarefa. E aqueles que consentem segui-la,

quer dizer, a essa atração na via fracassada em que só a imprescritível promessa de um companheiro adiado indefinidamente permanece, saberão que isso é ela; um companheiro e uma promessa tão indiscerníveis que, no espaço aleatório dos seus erros, se há, de repetição em repetição, alguma inaudita diferença, será na iminência apropriadora, a própria espessura trágica conferida ao drama da vacância.



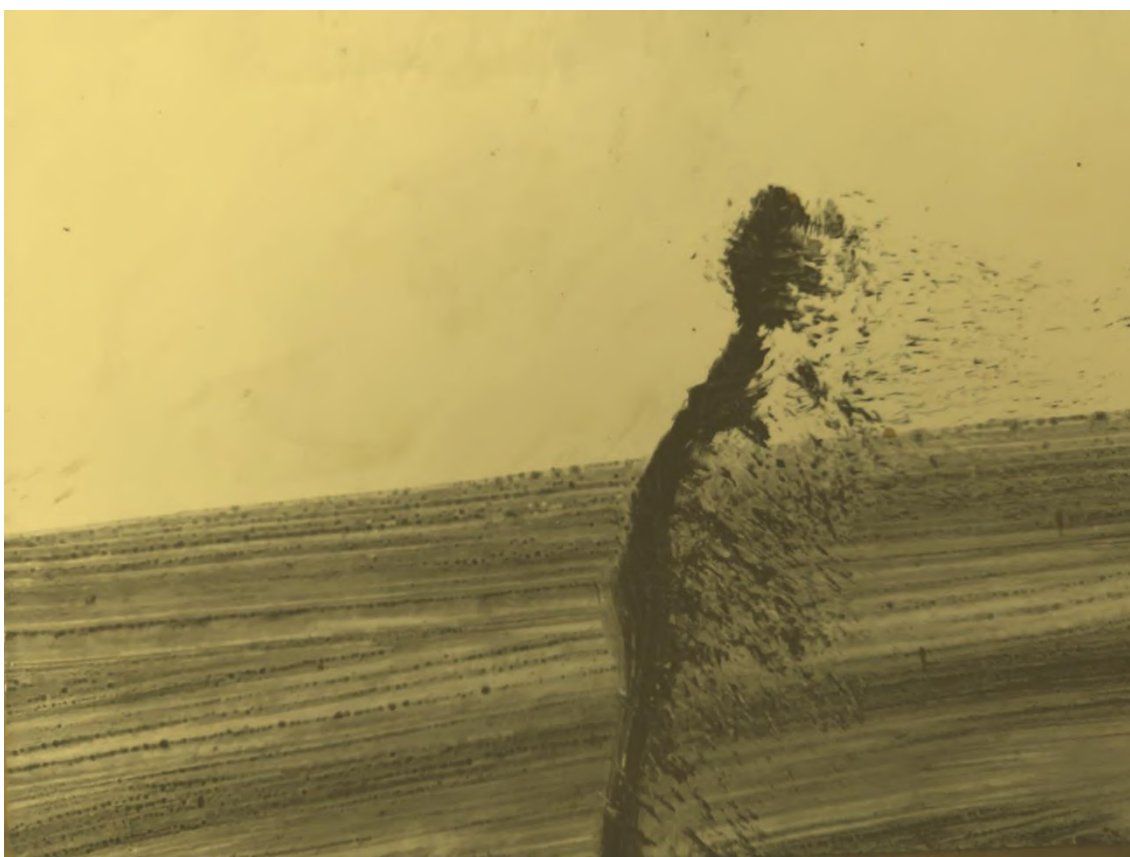
Que isto tenha lugar em *Qohélet/ Ekklesiastēs*, isto é, num testemunho cujo título leva o pseudônimo daquele que aí se confessa, de saída, em terceira pessoa, é algo que quando dito assim, com esses destaques à articulação paradoxal que lhe é própria, pode soar menos estranho. Como já dito, o curso desse testemunho, ou melhor, *para que possa ter um curso* qualquer a seguir, deve impor-se a anuência, ou bastaria a primeira frase para levá-lo a termo. Em outras palavras, sendo um testemunho de antemão destinado a compor não apenas obra, mas a tornar-se como que o enclave da própria noção de obra inscrito num livro tal que, feito para exceder toda noção de livro, inaugurou a exigência de uma Obra das obras, então era-lhe exigido pôr em jogo o perigo extremo, a loucura infinita em que se incorre no risco de tal pretensão; e daí sua advertência exemplar, pela qual trata de dissuadir os dominados por esse intento (ao cabo do qual espregueia a infelicidade), dedicando a isso toda a seção introdutória. Prudência magnífica, como talvez em nenhum outro lugar, é a deste começo, em que a extrema tensão de um rigor-súplica leva a termo imediato o passo (sempre em falso) da obra: a porta de entrada ao inferno. Quer dizer, à maneira da inscrição de entrada que aparece em Dante: “Ao entrares, abdicai de toda esperança”. Abdicação após a qual, no entanto, aparecerá o companheiro, Virgílio, testador de uma possibilidade de obra que, legitimada por se ter realizado, confere a exigência de Dante a espessura de uma presença outra, companheira incerta, dúbia e insituável, mas tão iminente quanto o lugar em que a promessa, sempre pressentida, se revelaria obra... Divina Comédia, pois, o que assim se fez.

Daí que a respeito de *Ekklesiastēs* não se deva ignorar que sua seção introdutória, em que o tema da repetição domina, seja a única parte em que o discurso nos fala, ocupando aí o lugar da confissão, pela voz da terceira pessoa: *Qohélet*, O-que-reúne. Nem *eu* nem *tu*, mas o terceiro inclusivo: morada última de todos os homens. Assim esse autor, esse lugar de enunciação abortada e no entanto infinitamente comunicante, prolonga aquilo para o qual mesmo Deus não tem resposta “*E quem te disse*” – dirigi-se ele a Adão, o momento em o destino, como questão, se abre pelo homem, no homem e para (além) do homem – “*que estás nu?*”. Interrogação infinita; e em torno da qual o mundo humano gira como à procura do eixo que o pôs em órbita na imensidão sem limites do universo vazio e absurdo.



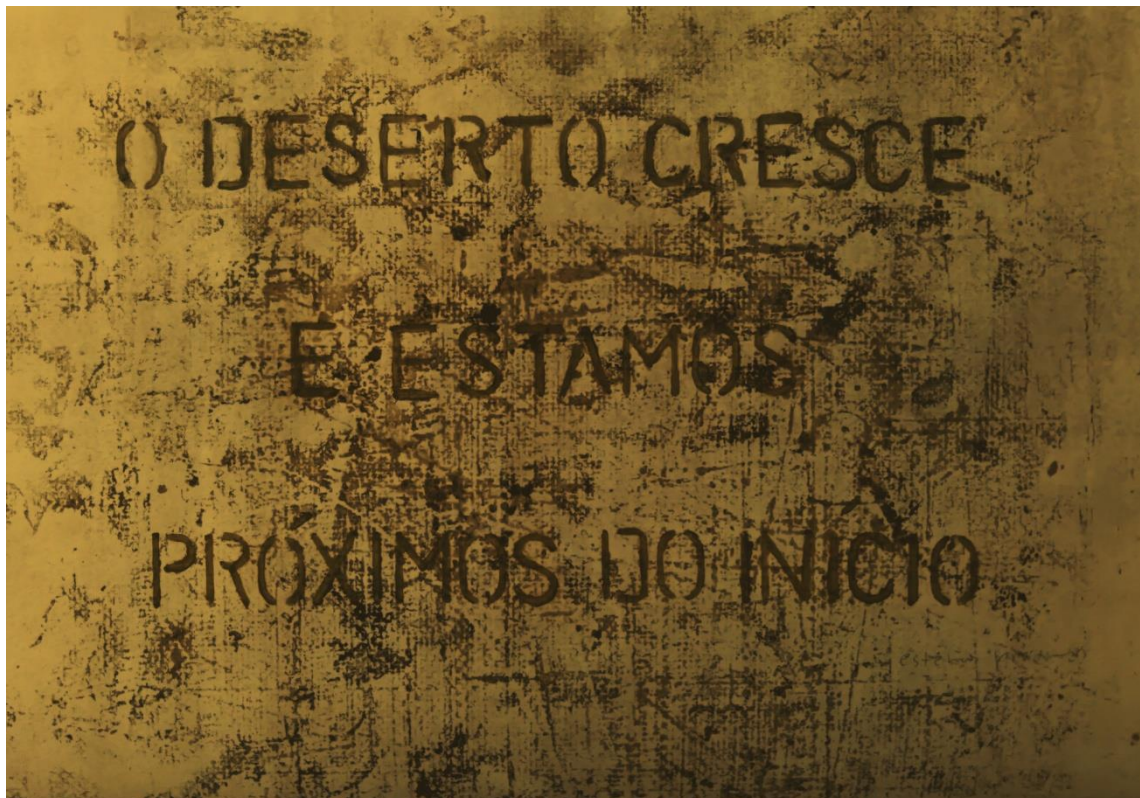
Responder então à vacância da palavra atraindo a ela o coração do Verbo, eis uma exigência inaugural que, através do monoteísmo, o ultrapassou e pôs em marcha a *experiência do livro como religião* da obra, do hiato e do desobramento. Que *Beit* se *devesse* edificar sobre *Moryah*, e o que daí se seguiu, o exprime exemplarmente. Quer dizer, se é uma tarefa, o é apenas enquanto, tendo posto à prova o *poder* dos homens em realizar uma tal exigência, adia-se nessa realização e, assim, dissimula em seu fundo a verdade do que jamais se mensura pela fidelidade à obra, mas pela fidelidade ao advento daquilo que, correspondendo à relação nua através da qual os homens se experimentam sob atração de um iminência apropriadora, a catástrofe, tendo sobrevindo, a expõe como meio irrealizável de uma verdade sem advento: o Homem? Questão que, retirando o poder de resposta ao próprio Verbo, pôs a nu o próprio Deus.





O poder de realizar, a experiência desoladora da catástrofe e o saber que a antecipa, eis os requisitos que perfazem a possibilidade da obra, e que para a tradição judaica sempre encontrou-se reunido em Salomão (como, por assim dizer, “arquetipo”) desses três fundamentos: Poder, Experiência e Sabedoria. Unicamente por essa razão, e não qualquer outra, é que se pôde dizer que o alicerce prescritivo e testamentário da possibilidade e da exigência de obra seja sua autobiografia; e tanto mais se a rubrica pela qual ela sela o seu segredo exprime, diretamente, o lugar (o que reúne) todos os requisitos, pois nela há tão somente isso: a velhice, porque tira a um rei a ilusão de um poder a toda prova, dá lugar ao impoder pelo qual se abre a meditação silenciosa de uma experiência que, longe de deter-se no movimento retroativo de uma vida que luta para restituir-se na derrisória força da lembrança, permanece apenas como resíduo de uma exigência de pensar que exceda o próprio pensamento. Só aí o terceiro inclusivo se torna, na medida mesma em que escapa, a onipresente iminência apropriadora. Quer dizer, aquele impulso metafísico à oração não é outra coisa que o último grito do pensamento arruinado, uma suplica que só é inumana porque resulta de seu próprio movimento, emissão do inarticulável quando a única possibilidade de um eixo é a catástrofe onde o verbo se despedaça e repercutem mil anos seus fragmentos.

Daí que a fugacidade seja, apesar de maldita, acolhida como a benção do anúncio, a advertência que ensina a temer o temor e que, Salomão chamando-lhe “suprema”, assinala a sabedoria da humildade, a prudência daquele que, ciente da imersão do homem na habitação insegura da linguagem, evita dizer mal, nomear como mal aquilo que, sendo inapelável, não se deve encobrir sob a pele de maldição, sob o risco de tornar-se uma doença que cresceria silenciosamente no *ethos* do homem, confundindo-se com ele. Essa coragem da verdade, signo profundo de seu testemunho, longe de restringir-se ao impulso precoce de denunciar os limites, ou aderir ao afã imaturo de convocar a ultrapassá-los, traça, ao contrário, um espaçamento *no* limite, isto é, como um hífen que nos obrigasse a ler assim a palavra: ultra-passamento. Esse hífen, tênue estrada pela qual o homem, na errância que lhe é própria, vive perpetuamente sob o risco de cair entre os dois termos que ele separa: o excesso que o antecede (ultra) e a morte que lhe guia (passamento). *Qohélet*, o que reúne as duas margens e, como atravessasse nesse hífen o leito seco de um rio infinito, cuja voz conduzirá, desde amanhã, um povo que não é outra coisa que a espessura desse próprio caminho.



POST-SCRIPTUM

De resto, que hoje as provas arqueológicas não permitam, de modo algum, atribuir Eclesiastes à autoria de um certo Salomão, posto que o escrito denuncia, segundo as provas, ao menos quinhentos anos de diferença à era daquele, é sem dúvida uma verdade; mas ainda uma que dissimula em seu fundo a verdade de que, longe de pôr abaixo num só golpe tudo isso, antes afirma a exigência do comentário e a atração com que ela se impõe violentamente, a despeito da pena que lhe possa sobrevir de mais além; o que ela reivindica, de fato, é o direito (de antemão alienado) à contrição prescrita. Se apenas através dela a exigência comunitária pode medir-se como a palavra sem fim.

(Ademais, que se tenha convencionado traduzir *Qohélet/ Ekklesiastēs* por “coletor de sentenças”, “O-que-sabe”, “pastor” ou “professor”¹⁴, é por isso bastante justo. A medida que o levantamento arqueológico descobre a possibilidade de uma autoria múltipla, espaçada e inatribuível, tanto mais nesse testemunho encontraríamos vestígios de toda sorte de caracteres, culturas, personalidades e tempos – ainda que quase inaparentes, tal como os substratos raspados de um palimpsesto, em que a camada residual dá apenas a pressentir, tão mais onipresente quanto menos legível tenha permanecido, o espectro irrestituível de uma origem tão mais familiar e iminente quanto menos nos concede os meios de discerni-la).

¹⁴ Ver: CAMPOS, Haroldo de. *Bere'shit: a cena da origem*. São Paulo, Perspectiva, 2019, p.89 - 107.



DO SILÊNCIO – UM ÊXODO

*Além disso, meu filho, preste atenção: escrever livros
é um trabalho sem fim, e muito estudo cansa o corpo.
Este é o fim do discurso.*

Eclesiastes 12: 12-13

– Em que ponto (me pergunto, desde a nossa última conversa) nós paramos?

– Teoria, como que uma filha da Lei...

– Sim... mas bastarda, deserdada, exilada do espaço em que aquela domina.

– Ela, no Talmude, filiará o povo exilado da terra prometida. Terra uma vez conquistada, em seguida perdida e então reinscrita na promessa; e a assim mantida aberta, durando num espaço para o qual não há retorno nem partida: a exigência do comentário, requerer um possível aí onde reina a insuficiência.

– O que talvez queira dizer que o movimento da interpretação seria, de saída, um devir em terra estrangeira, onde a terra aí prometida ao pensamento estabelece o horizonte que atrai o errante ao ponto de restituição – de resto, ponto apenas garantido por uma voz que se retirou, exilando-se também da sua própria presença, e assim fora de atestação.

– O que nos levaria a trazer, recordando sob nova luz, certas palavras. São algumas palavras e, no entanto, nos habituamos a ouvir como uma só: *diathéke*, termo grego para “aliança”, foi como se verteu o original hebraico *berith*, “contrato”, resultando no agora familiar “testamento”. Traduções a termos próximos, sem dúvida. Eles permanecem tão justos quanto ao mesmo tempo espaçam, entre os significados, o sentido que lhes seria comum. São ainda arbitrárias as transposições semânticas que operam ou permitem. Enfim, você falava do que restaria “fora de atestação”. A Escritura seria então uma promissória, a palavra em estado inerte; nela a promessa se inscreveria como filiação, antes de tudo, à espera. O Destino dá lugar assim à preexcelência da destinação, ao caminhar na errância que não pode encontrar o seu

meio próprio senão naquilo que faz jus à desapropriação que lhe corresponde: o deserto...

– Lá onde o ter lugar é dar lugar ao não ter lugar. Exigência a mais difícil, ela não pode se cumprir senão de modo refratário, já que aí se faz morada na impossibilidade de fundação. Quer dizer, exigência que desativa a jurisdição dos lugares; donde que, tomada no ponto de radical reversibilidade que ela institui como a única lei, se nos imponha o pensamento de uma comunidade incerta, sem centro de alinhavo com outra coisa que sua exigência... Quem então é seu signatário?

– Nem divino, nem humano, ou os dois tampouco. Talvez algo como o próprio liame transcendental-imanente (aquilo que, nas palavras de Deleuze, só pode ser expresso como “uma vida”). Mas vida de quem?

– Talvez aí, um pouco à maneira da *parousia* da qual Paulo adverte aos tessalonicenses, cada um *está como se fosse* cada outro. Entre “posição” e “ser”, atestar-se-ia apenas o fenômeno da reversibilidade; nesse meio onde, dando lugar ao outro, só o devir permanece; e o “como se” sendo *justamente* sua fórmula. Tal fórmula, advinda de Paulo, se parece evocar a analogia, o faz com a prudente rasura da mimese e das remissões; pois põe em jogo aquilo que, sempre aquém ou além da identidade e do próprio nos termos da comparação, só assinala o que lhes é comum *no* diferimento.

– Quer dizer, no adiamento da identidade a si. O que também se poderia dizer (em termos talvez impróprios, não fosse para ironia que carregam) como o deferimento da diferença...

– Justamente, o indecomponível agente da decomposição dos elementos.

– É isso o resto...

– Operação difícil, jamais integrável por uma denotação, ela convoca à linguagem esta prudência de dizer “como se” e, assim, discretamente, fratura todos os elos do “nosso mundo” (o ser e a lei, o pai e a mãe, identidade, propriedade etc) ao mesmo tempo em que assinala a delicadeza, a fragilidade mesma de sua vinda, eis a doce solicitação do estrangeiro, a doce solicitação do estrangeiro que, recebendo a acolhida do anfitrião, lhe tomará a casa – a língua, como a redobrasse sobre o silêncio

de uma anterioridade jamais assegurada – porque sempre transgredida nisso: a inevitabilidade de tomar a palavra.

– Falar – como resistir-lhe?

– Se por um ato de piedade nos fosse milagrosamente concedido, desde outra margem, dar precedência ao silêncio, seria ainda a exigência de palavra, uma que fosse, que no-lo faria convocar? Tão essencial quanto derrisória, esta exigência não teria senão a replica de seu semblante diante de si: *confesso que não sei confessar*.

CONTRITO

Isto dá a pensar não tanto da promessa filosófica do espaço, quanto do espaço filosófico da promessa. Isso que, imediatamente e por seu giro, nos envia a uma remessa teológica, mas de antemão abnegada, pois rasurado está o seu destinatário. Nessa perspectiva, toda correspondência porta a rasura, de antemão, do seu destinatário, pois que abjurada está toda chegada e finalidade, todo *telos* que se descarregasse num *theos*, e inversamente. Isto conservaria Deus intacto, e não seu nome, isto é, isto conservaria Deus intacto ao seu nome, isto o conservaria além do nome. A abjuração da chegada se declara na contrição, ou nela se cala. Falando ou calando, de todo modo, é um só e mesmo gesto. A contrição *intercepta* a correspondência e rasura seu destinatário, para se conservar ela mesma na promessa. Manter o destinatário paralisaria essa fria angústia e lhe imputaria o calor da culpa, isto é, faria vir ao estômago o fogo do Nome de Deus.

É o anjo quem diz: “toma este livro e come-o. ele será doce nos lábios e amargo nas vísceras (Ezequiel 2:9)”. Mas é em **Furor e Mistério**¹⁵ que o anjo se mantém emudecido, ele mantém na garganta a sua ordem, indecidivelmente, entre a boca e as tripas, a doçura e o amargo. Este anjo se tornaria a própria figura do impasse ou a contrição. E então o fogo do nome de deus? Diria René Char: “vela debruçada a norte do coração”. E não se sabe se essa vela –ou o que porta do nome de deus apenas o rastro vivo de uma lembrança – que é preciso abrigar com todo cuidado, pois trazida ao espaço interior, ao espaço de um lugar fechado, ela se apagaria. Como também se apagaria se exposta ao espaço aberto do fora. Só se pode cercá-la, com as mãos em movimento ao seu redor, ou com o que se tiver para fazê-lo – e isto convoca as palavras, e lhes impõe este cuidado. Enfim, não se sabe se essa vela se debruça *a partir* do coração ou a ele *aponta*, se dirige. Não sabemos o que quer dizer “norte”, e esta indecibilidade contém, como eixo do seu impasse, o lugar da contrição. Portar esta vela, esta lembrança viva do fogo que é o outro do nome. Não trazê-la ao interior, não arriscá-la imprudentemente à violência do fora: devo cercá-la sem cercá-la, acercando-me de que ela persevera. Este norte não se desdobra adiante e nem se dobra em vós. Nós sequer o enxergamos. Só a vela nos dá o indício de nosso deslocamento face a ele. Já não há certeza de que portamo-la. Esta mão, sempre aquém ou além de nós, será a mão do morrer que a segura? Parceiro invisível da escrita.

¹⁵ Remeto aqui, alusivamente, ao livro: CHAR, René. *Furor e Mistério*. (Trad. Margarida Vale de Gato). Lisboa, Relógio d'água, 2000.

NA PARTILHA

DA TENSÃO

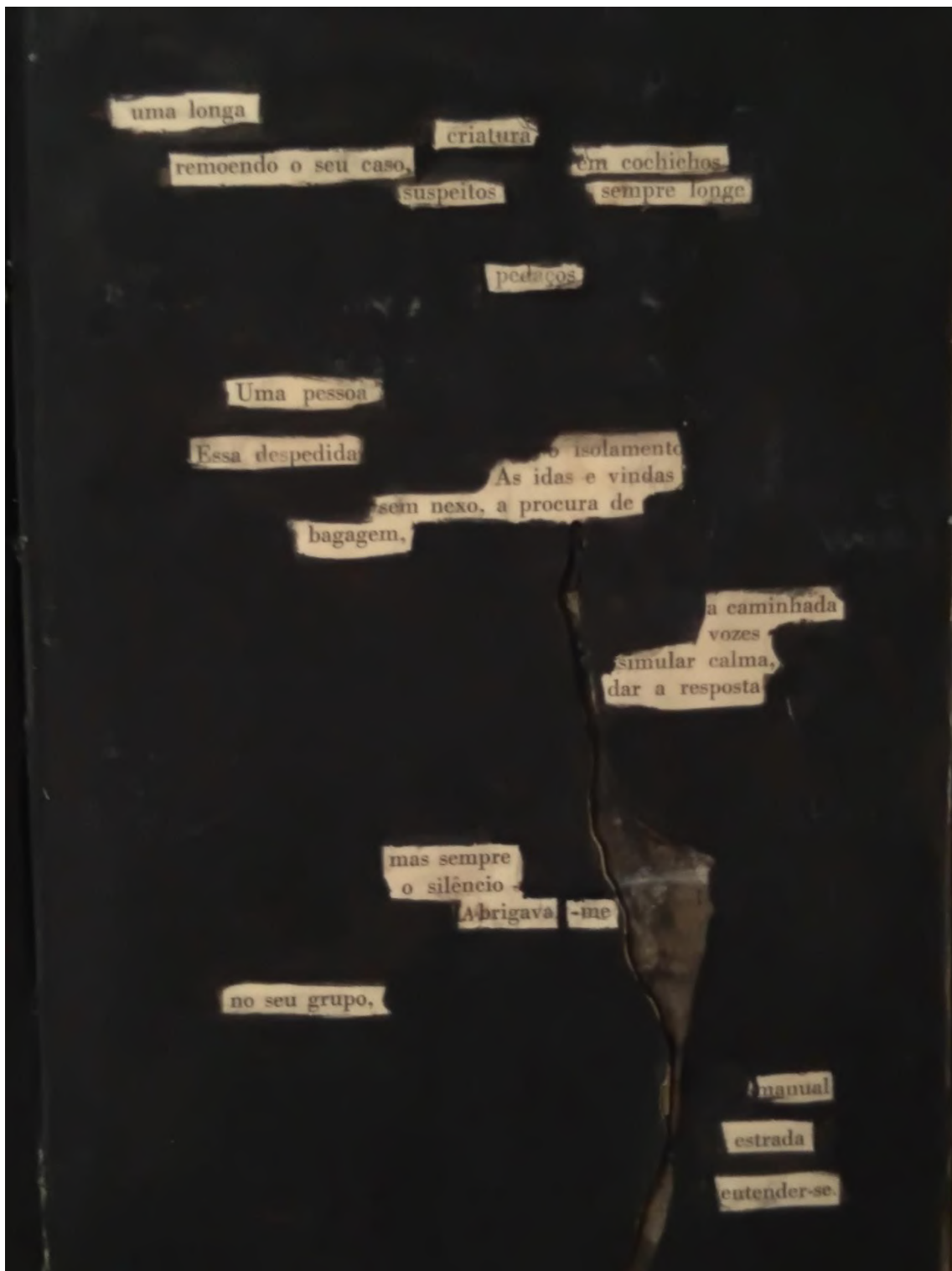
Se, como quer Aristóteles, “o homem é um animal falante”, isto só adquire seu sentido preciso na medida em que, necessariamente justapondo-lhe sua outra definição do homem como animal político, se estabelece entre palavra e comunidade o nexo que, se não as torna inextrincáveis, as mantém sob tensão. E esta tensão só pode ser lugar de uma exigência, mantida aberta pela questão que se não nos é estranha, não é menos esquiva também à familiaridade: aí, onde e quando a comunicação só pode ser falha, o que resta da política, e o que dá lugar a esse resto?





Questionamento que se recusa a delimitar-se pela simples diferença entre os povos, quer pela diversidade dos idiomas, dos ritos e das culturas, esta interrogação se inscreve como um enclave mudo, em que se expõe aberto cada povo, cada língua, e cada homem. Assim, ainda que cada língua viva responda à ascendência de uma comunidade à medida que a prolonga, decisivo é que cada idioma mantém, num dado presente, a tensão entre a herança e o legado, a cada vez na exigência do gesto político pelo qual a destinação se decide.





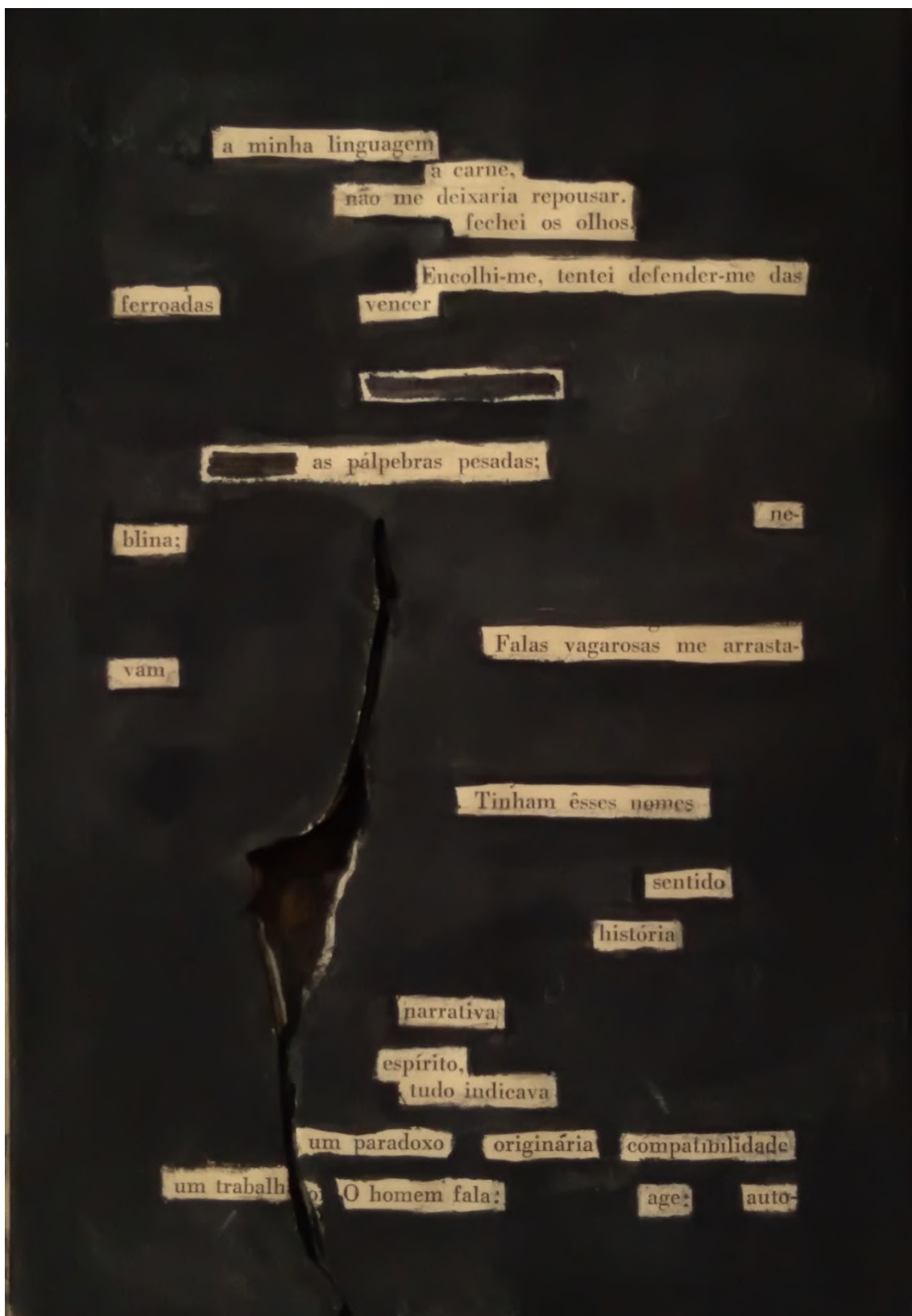
Exigência, gesto... ponho em relevo essas duas palavras porque, para que se possa avançar abrindo essa interrogação, será preciso remetê-las ao encontro de onde esse pensamento chegou, e desde então não cessa de se afastar e de voltar:

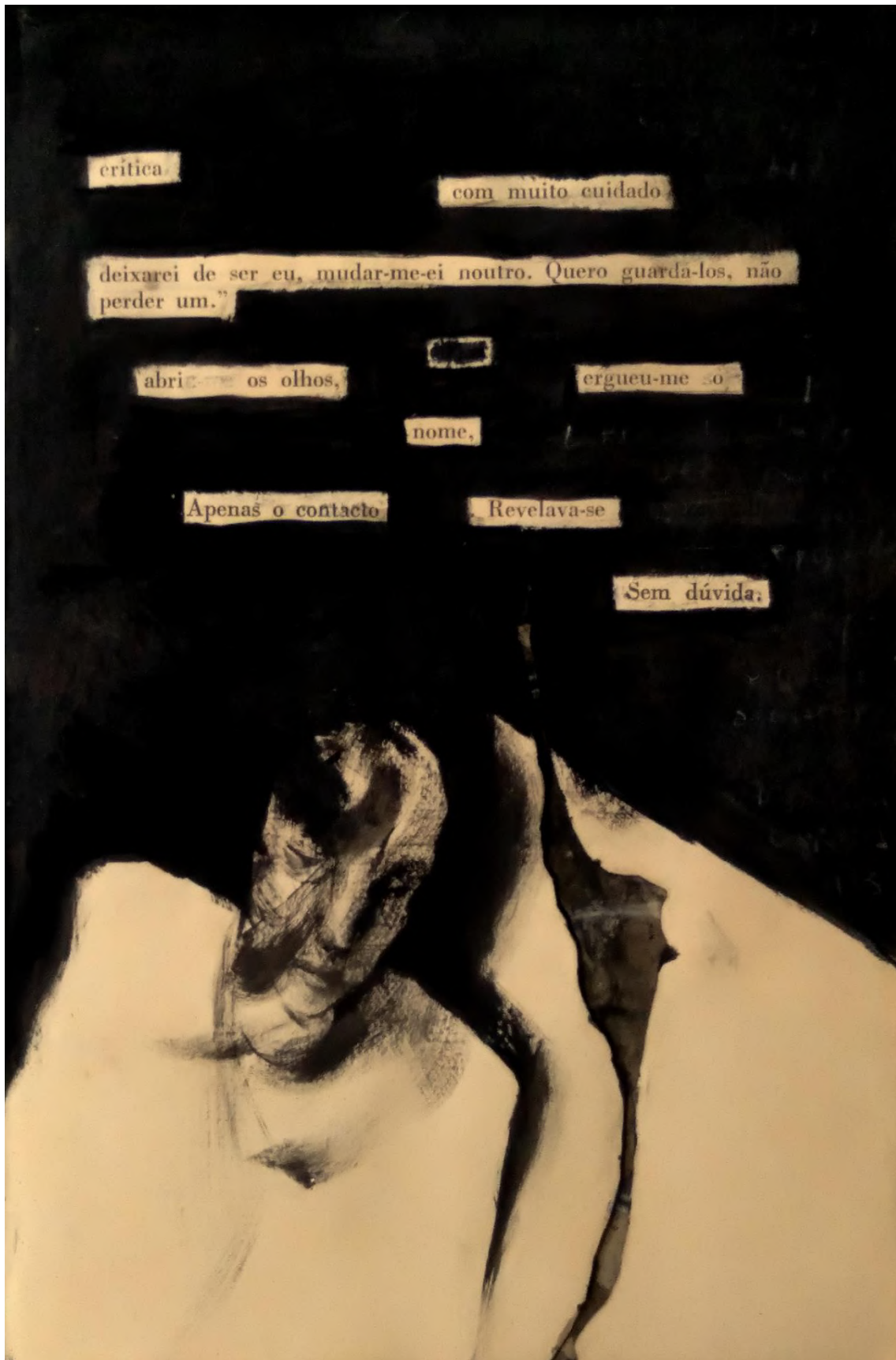
Diz-se que uma coisa exige outra quando, havendo a primeira, haverá também a segunda, sem que a primeira a implique logicamente ou a obrigue a existir. O que a exigência exige, de fato, não é a realidade, mas a possibilidade de algo. A possibilidade que se torna objeto de uma exigência é, contudo, mais forte do que qualquer realidade. Por isso, o nome que falta existe a possibilidade da palavra, mesmo que se ninguém se apresente para proferi-la. Mas aquele que no final opta por falar – ou por calar – em nome dessa exigência não precisa de nenhuma outra legitimação para sua palavra ou para seu silêncio. (AGAMBEN, 2016, p. 93)

O que caracteriza o gesto é que, nele, não se produz nem se age, mas se assume e suporta. Ou seja, o gesto abre a esfera do ethos como esfera mais peculiar do humano. [...] *O gesto é a exibição de uma medialidade, o tornar visível um meio como tal.* Ele faz aparecer o ser-em-um-meio do homem e, desse modo, abre-lhe a dimensão ética. [...] os gestos, voltados aos fins mais familiares, são exibidos como tais e, por isso, mantidos em suspensão “*entre 1431 désir et l’accomplissement, la perpétration et son souvenir*”, naquilo que Mallarmé chama um *milieu pur*, assim, no gesto é a esfera não de um fim em si, mas de uma medialidade pura e sem fim que se comunica aos homens. (AGAMBEN, 2015, p. 60 e 61)¹⁶

Dáí que a exigência, por inesgotável – “mais forte que qualquer realidade” – dê lugar não tanto ao falar ou ao calar, mas à tensão em que, concomitantemente, o gesto os mantém abertos, incessantemente remetendo um ao outro na assunção da medialidade que, em si, fere todos os domínios do saber e os desafia, nessa medida mesma, a ouvirem o que essa ferida ainda pode, sempre e apesar de tudo, dizer – uma réplica na ausência de horizonte?

¹⁶ Meios sem fim: notas sobre a política. (Trad. David Pessoa). São Paulo, Autêntica, 2016.





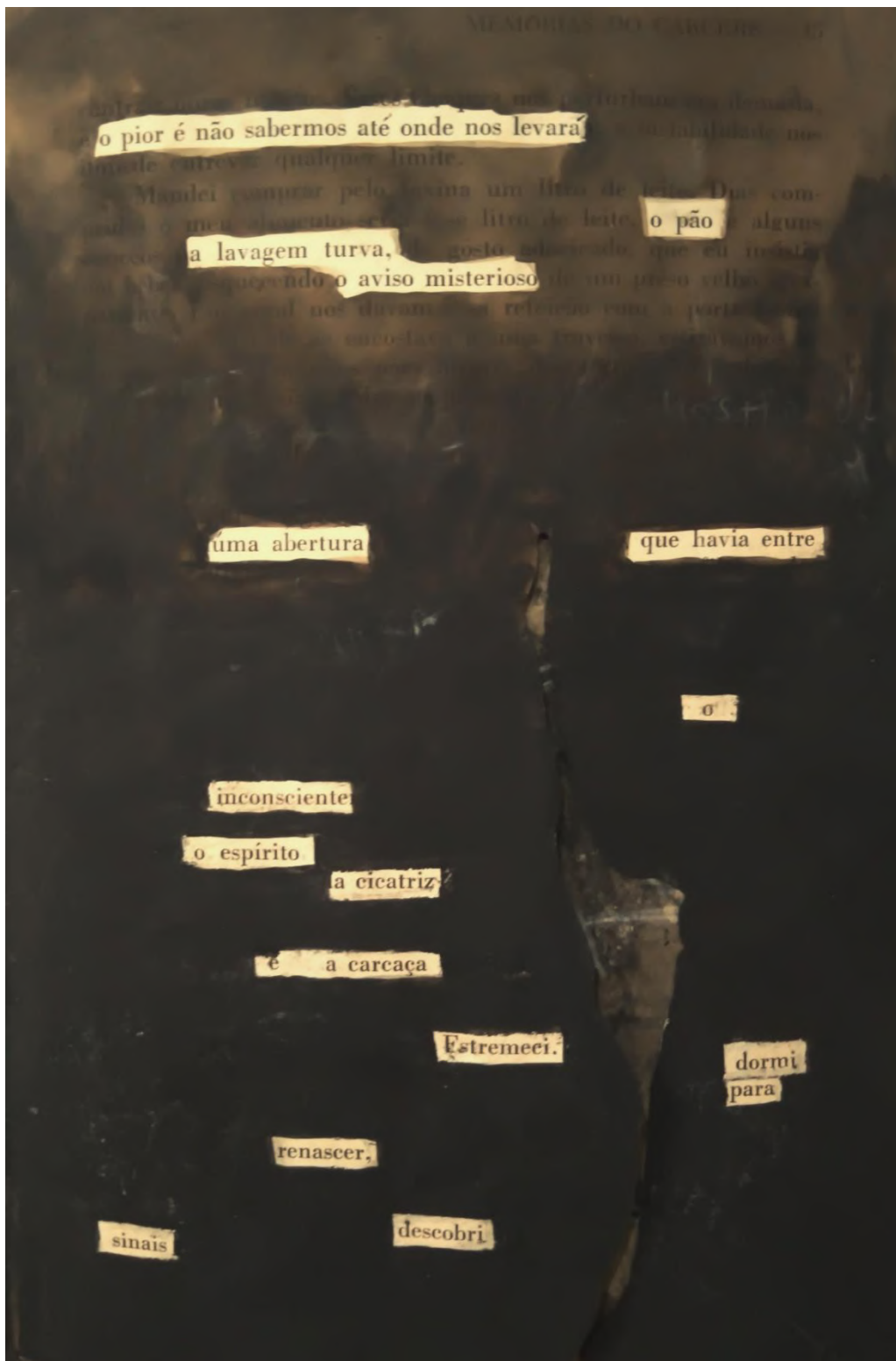
“Do que não se pode falar, deve-se calar”¹⁷, eis uma sentença que, na contundência que lhe é própria, atravessou um século, nele repercutindo como fosse a última palavra possível no silêncio que ela parece querer anunciar. Não basta, por certo, que se pretenda lhe opor denunciando a contradição performativa em que ela se implica e da qual não escapa jamais, voltando sempre adiante como o ponto final que ela mesma ultrapassa e se decompõe em reticência. (Se vista assim, seu lugar de encerramento *do* discurso *no* discurso faria jus, afinal, ao destino de um livro que se abre definindo um mundo que, mensurando-se nele apenas o encadeamento pontual do significado pela flecha do sentido, subsiste como em estado de coisa que eternamente falta a si mesmo – talvez).

¹⁷ WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. (tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; Introdução de Bertrand Russell). São Paulo, EDUSP, 2001, p. 207



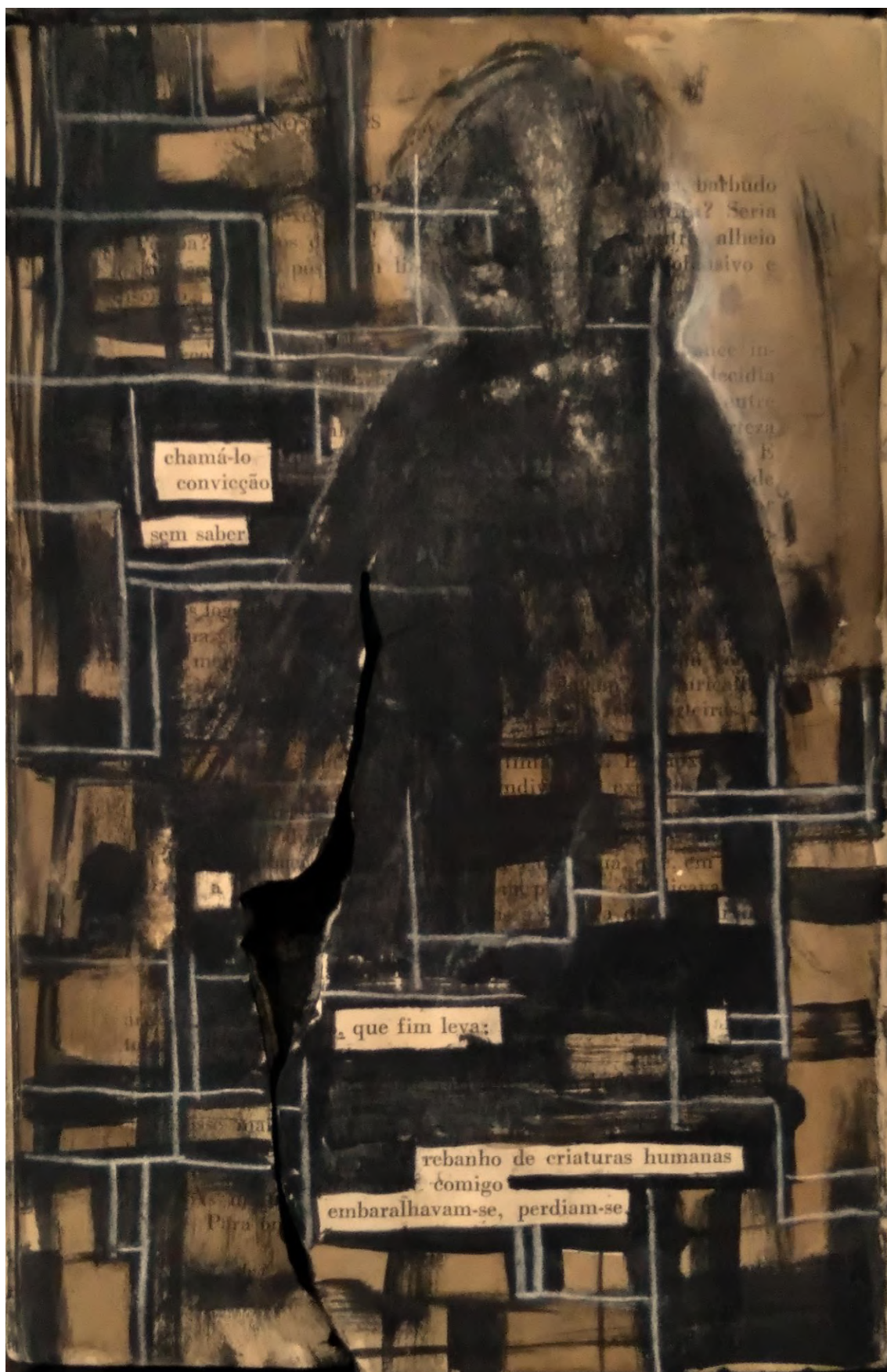
Essa sentença completa agora exatos cem anos. Que ao longo desse tempo, pelas mais variadas razões e formas, se tenha buscado lhe responder, já alerta a situação paradoxal de que talvez nada leve mais a falar do que a exigência de que se cale. A mais polêmica entre tantas dessas respostas, por certo, embora também a menos prestigiada, talvez tenha sido aquela através da qual Lukács¹⁸ pensou reter as reticências de Wittgenstein não num ponto final, mas fatal. Ao longo desse empreendimento (que mais tarde não cessará de voltar-se contra seu próprio autor e, quer pelas mãos dos revisionistas ou dos críticos de mais além, impedir-lhe o sepultamento silencioso), o livro de Lukács carrega, do começo ao fim, o peso de sua exigência; e ela é tal que, sem dúvida, fez da obra um marco na luta dos homens no tempo e contra o tempo que, ao que parece, insiste escapar aos homens.

¹⁸ Ver LUKÁCS, Georg. *A destruição da Razão*. São Paulo /Maceió, Instituto Lukács, 2020.

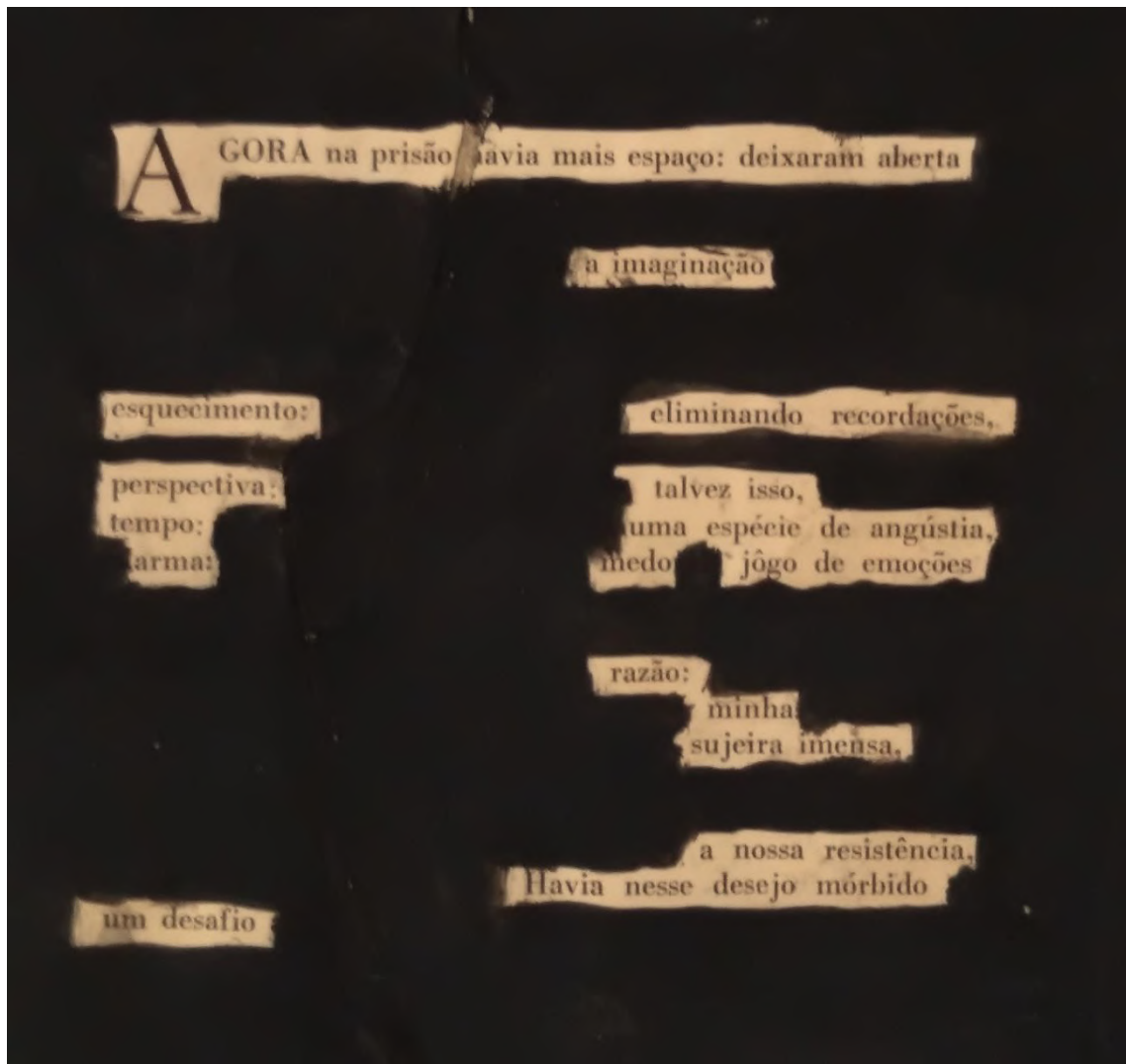


A *Destruição da Razão* carrega, enfim, a tese que se desenvolve como verdadeira “missão”, cuja exigência o título da obra vai esclarecendo, antiteticamente, à

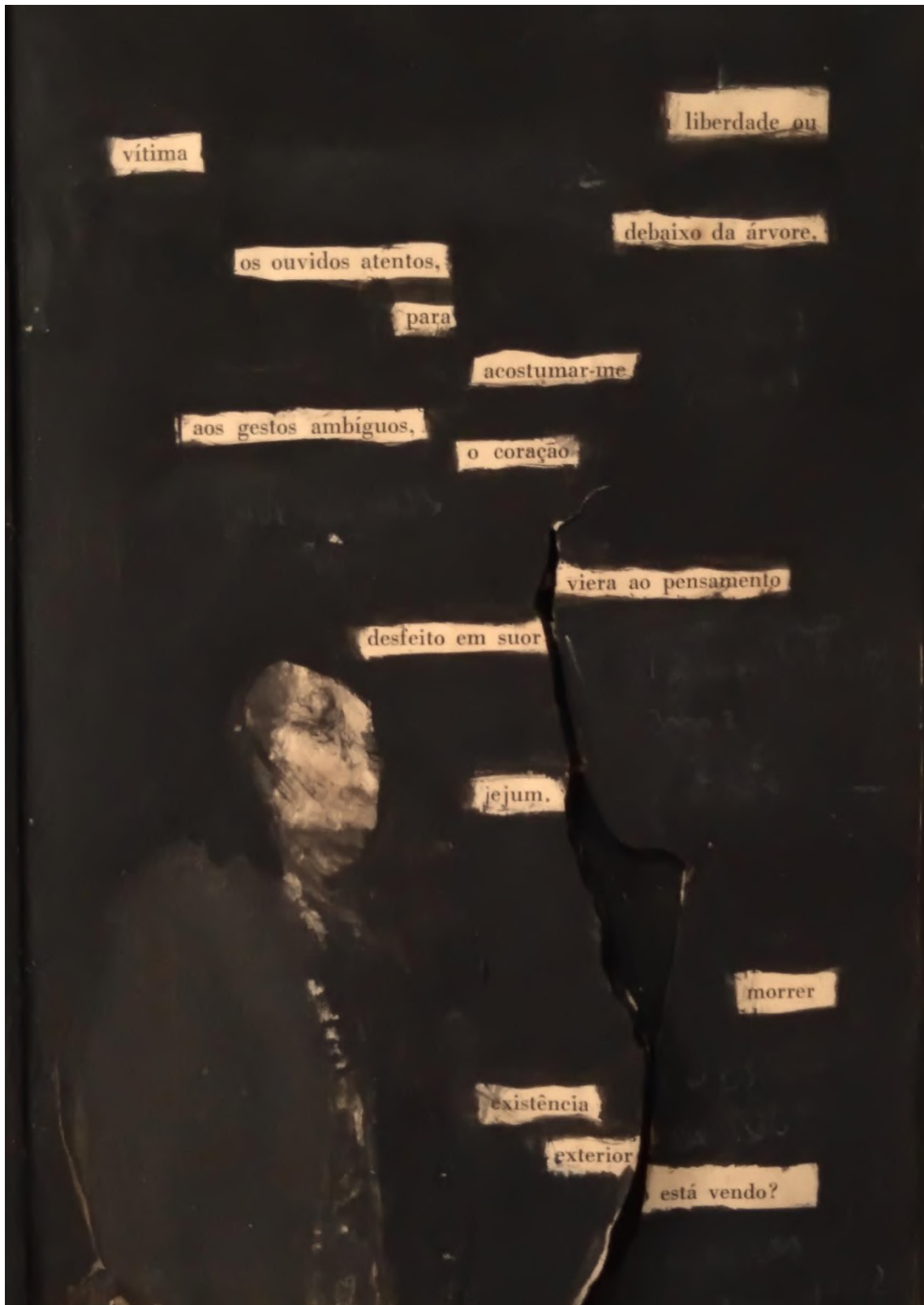
medida que o processo, pondo a cada linha a inexorável marcha da síntese, se desenvolve como a longa cruzada ao fim da qual, no encontro entre história, linguagem e sujeito, o marxismo extrairia à última palavra do *Tractatus* algo como uma confissão geral, a última declaração do condenado a uma pena que, sem dúvida, é tal que em sua capitulação a morte ou o exílio não se distinguem. A categoria histórica vê, sob o martelo de Nietzsche, o sujeito despedaçar-se e ser varrido em fragmentos indistintos para a superfície irracionalista. Deserto em que, eis a reação decadentista, é sobre a falta da história e do sujeito que se fundará, com a rigorosa engenharia do *Tractatus*, a hipóstase dos espectros. Eis a obra pela qual terá tido lugar a ressurreição positiva através da qual todas as faltas – do sujeito, dos fatos, das coisas, da história, do mundo – se convertem em exigência para edificar, laboriosamente, a possibilidade de um último reduto para a lógica que, realizando-se, visa, uma vez atingido seu cume, dispensar a escada de seu ascenso e contemplar o deserto que, circundando-a em onipresente murmúrio, a obriga a linguagem a calar – e do calar-se fazer testemunho e testamento.



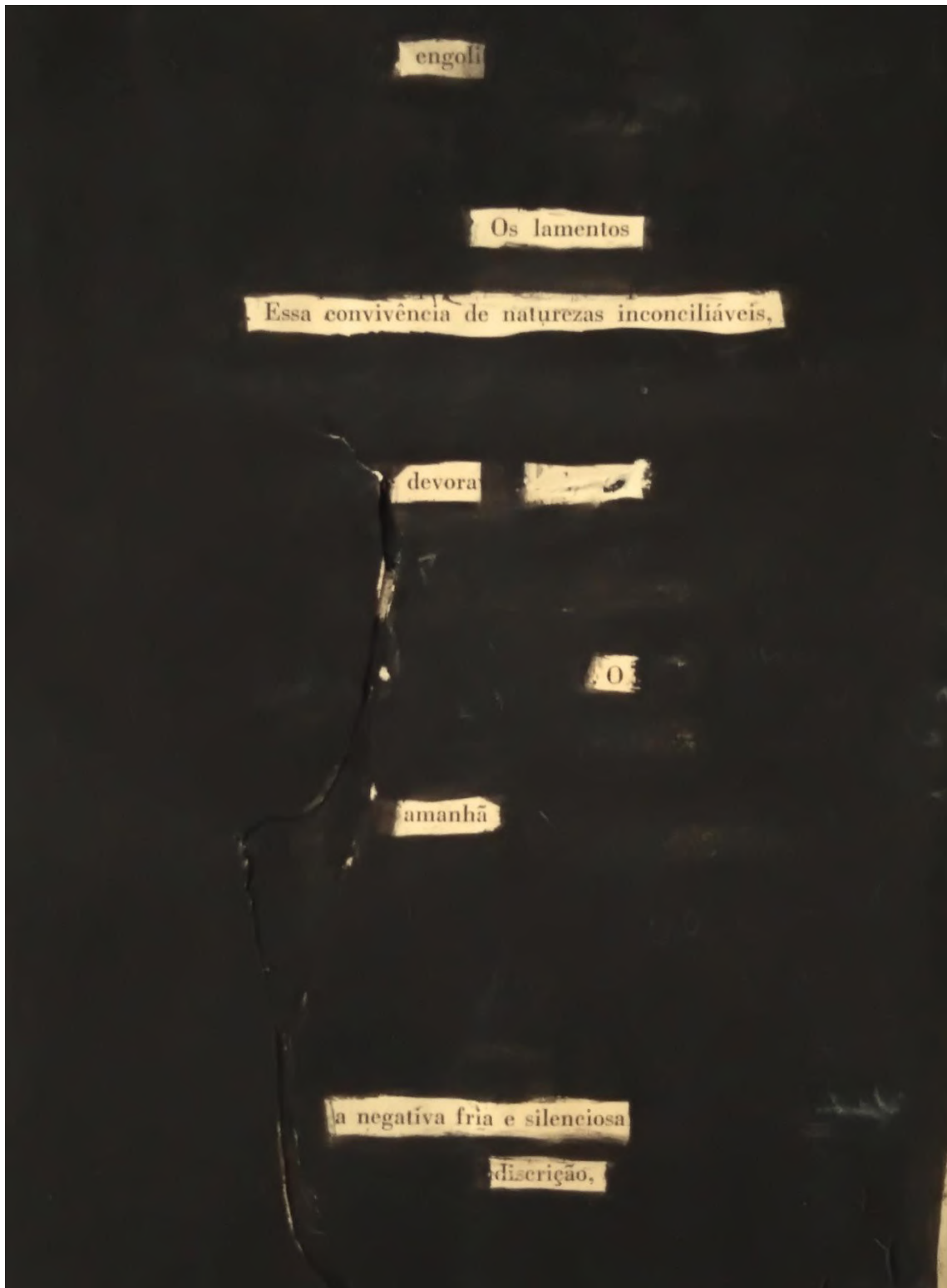
*A destruição da razão, é evidente, não nos conduz propriamente através dessa via, mas talvez lhe dê atalho. Estranha, nessa obra, é a dupla relação que Lukács estabelece com a circularidade. O húngaro, indo mais longe do que aqueles contentes em denunciar a interioridade cíclica no *Tractatus*, nos leva a pensá-lo como o giro hermenêutico da chave histórica com que o sujeito, exilado do mundo em decadência, em vão procura trancar-se – e, talvez, assegurando com uma vergonha discreta, diante da degradação muda entre palavra e comunidade, a sobrevida da exigência, distendida em sua fragilidade mesma, um o resto indizível que se prolonga em interrogação informe: *do que não se pôde falar, como se deverá calar?* E esse resto apostrofando o porvir retroage, também, até o fundo da política que, atingindo-se, não se encontra, porém ferido se expõe: *do que não se pôde calar, como se deveria falar?**



São oclusões, sem dúvida. Daí também que semelhante desvio não possa ter lugar numa obra que estabelece, de saída, sua finalidade última; como quem, tendo fixado uma bandeira em certo ponto do horizonte, depois regressa ao ponto de partida e, virando-se, refaz o caminho conhecido e o atesta. Lukács, nesse sentido, não teria buscado asseverar menos que Wittgenstein um reduto. À diferença essencial de que, por um lado, se rigorosamente este reedifica, em meio ao deserto irracional, a linguagem, mas cuja lógica inconfessável torna-a como que a última morada do dizível, testemunho do sujeito e da comunidade que faltam; por outro lado, aquele vai até esse oásis arruinado, volta à história e, para testemunhar a experiência, conforma-a ao título de uma obra cujo anúncio, eis sua síntese, revelaria predestinada essa mudez final.



Escrevo isso, mas logo me parece que se deva atenuar essa divergência em superfície para que se possa, enfim, conjugá-los na provação que lhes é comum. Quer se trate de salvar a linguagem à dispersão histórica ou, ao contrário, de salvar a historicidade às antinomias de uma crise em que a razão colapsa, em todo caso, porém, perseverando nas obras a tensão entre palavra e comunidade, é ainda a exigência de que a obra mantenha, aquém do que nela fala e além do que nela se cala, o enclave incommunicável que, salvo aos lugares da política, salva a política dos lugares – impasse sem repouso, sem dúvida; donde que a filosofia não ceda, não deva ceder às tentações conciliatórias se pretende manter-se à altura de seu próprio nome; atenta, sobretudo, ao hiato entre os dois termos que o compõem, pois tal é o espaçamento no qual a morte não cessa de se inscrever e, a cada vez ameaçando um e outro, nos coloca na proximidade insuportável de outrem – *a própria diferença*.



engoli

Os lamentos

Essa convivência de naturezas inconciliáveis,

devora

O

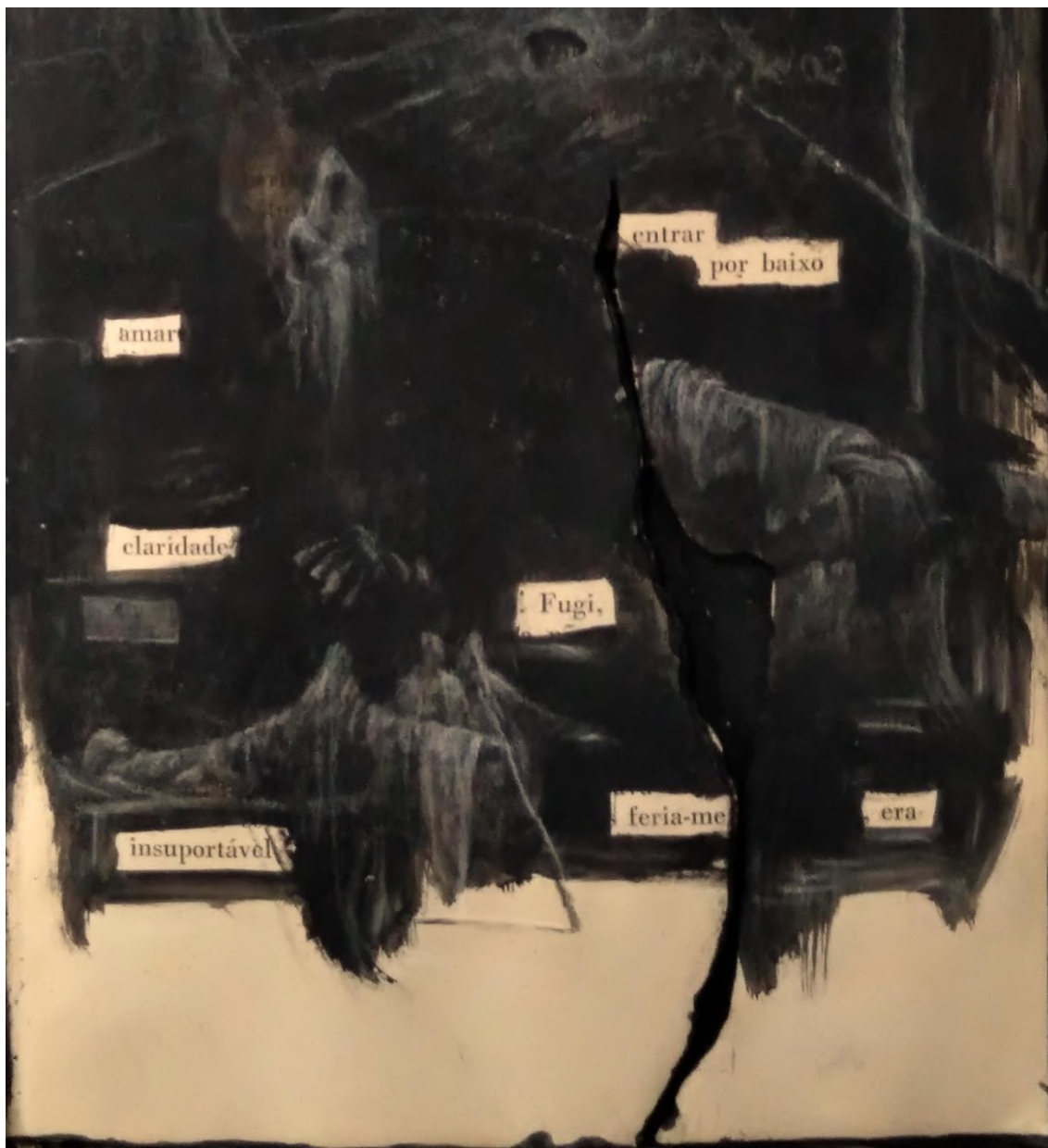
amanhã

a negativa fria e silenciosa

discrição,

(Isso talvez atenuar o espanto daqueles que, sabendo-os separados em dois territórios no campo de batalha das ideias, não compreendem – ou, o que é mais grave, recusam derrisoriamente considerar – o fato de que ambos, o austríaco e o húngaro, se reencontrassem na fronteira em que, sob o polêmico signo de Stalin, marchavam numa só fileira – tão tênue, por certo, quanto aquele hífen em que a morte se inscreve justaponto o saber e a amizade na linha de uma exigência maior que a língua, a história ou o mundo – *por quê o homem?*¹⁹).

¹⁹ A respeito da relação do austríaco com a U.R.S.S sob Stalin, ver: Witt e Stalin: <http://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/564273-como-revolucionar-a-nos-mesmos-a-politica-de-wittgenstein>.



a descrição na hora foi impossível

biografia

um borrão aumenta o mundo

acarreta uma comparação

a leviandade da conversa.²⁰

²⁰ JOURNOUD, Claude-Royet. Em *Poetas de França hoje 1945-1995* (Tradução, seleção e introdução Mario Laranjeira). São Paulo, FAPESP e EDUSP, 1996

No poema, a alusão a Wittgenstein pode ser notada pelo uso da expressão “aumentar o mundo”, termo com que o filósofo, no *Tractatus*, se refere aos problemas que excedem os limites da lógica positiva proposta na obra, e que portanto seriam “falsos problemas”, como questões éticas e estéticas, por exemplo. Ademais, Não apenas este poeta, Journoud, como grande parte da poesia francesa pós-guerra bebe em na fonte do filósofo austríaco. Geralmente, à maneira de um “confronto interno”, em que as palavras do filósofo se voltam contra si mesmas.



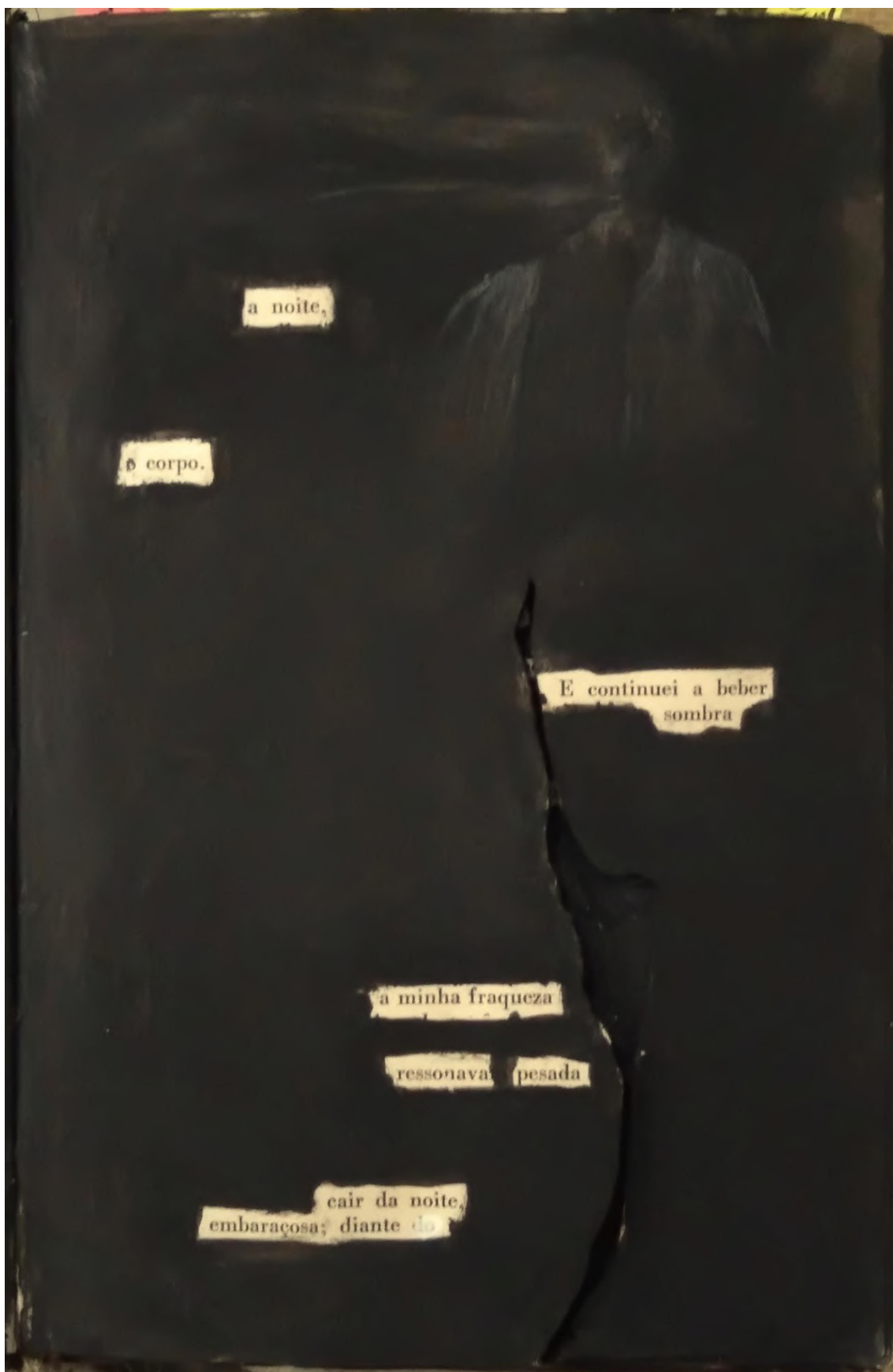
INCONFESÁVEL.

Quando chega o outono,
A sóbria claridade se mostra na mata.
Aplacados, caminhamos ao longo de muros vermelhos.
E os olhos redondos seguem o voo dos pássaros.
À noite a água branca desce às urnas tumulares. [...]

Oh, é tão sério o rosto dos mortos mais queridos.
Mas a alma alegra-se de justa contemplação.²¹ (TRAKL, p.31)

“Não entendo a poesia de Trakl, mas o tom me deslumbra, e não há nada que me dê melhor a ideia de gênio” observa, em 1914, o jovem Wittgenstein, numa breve nota contida em seus *Diários secretos*. Ano em que, aliás, a troca de cartas perfazia entre os dois soldados, o desejo de um encontro que, chegando a ter sido acordado quando ambos foram enviados ao front da Cracóvia, o suicídio de Trakl, às vésperas, viera interromper. Deste, ao amigo e fiador desconhecido, restaram as últimas palavras:

²¹ TRAKL, Georg. *De profundis* (tradução, seleção e posfácio de Claudia Cavalcanti). São Paulo, Iluminuras, 2010



a noite,

o corpo.

E continuei a beber
sombra

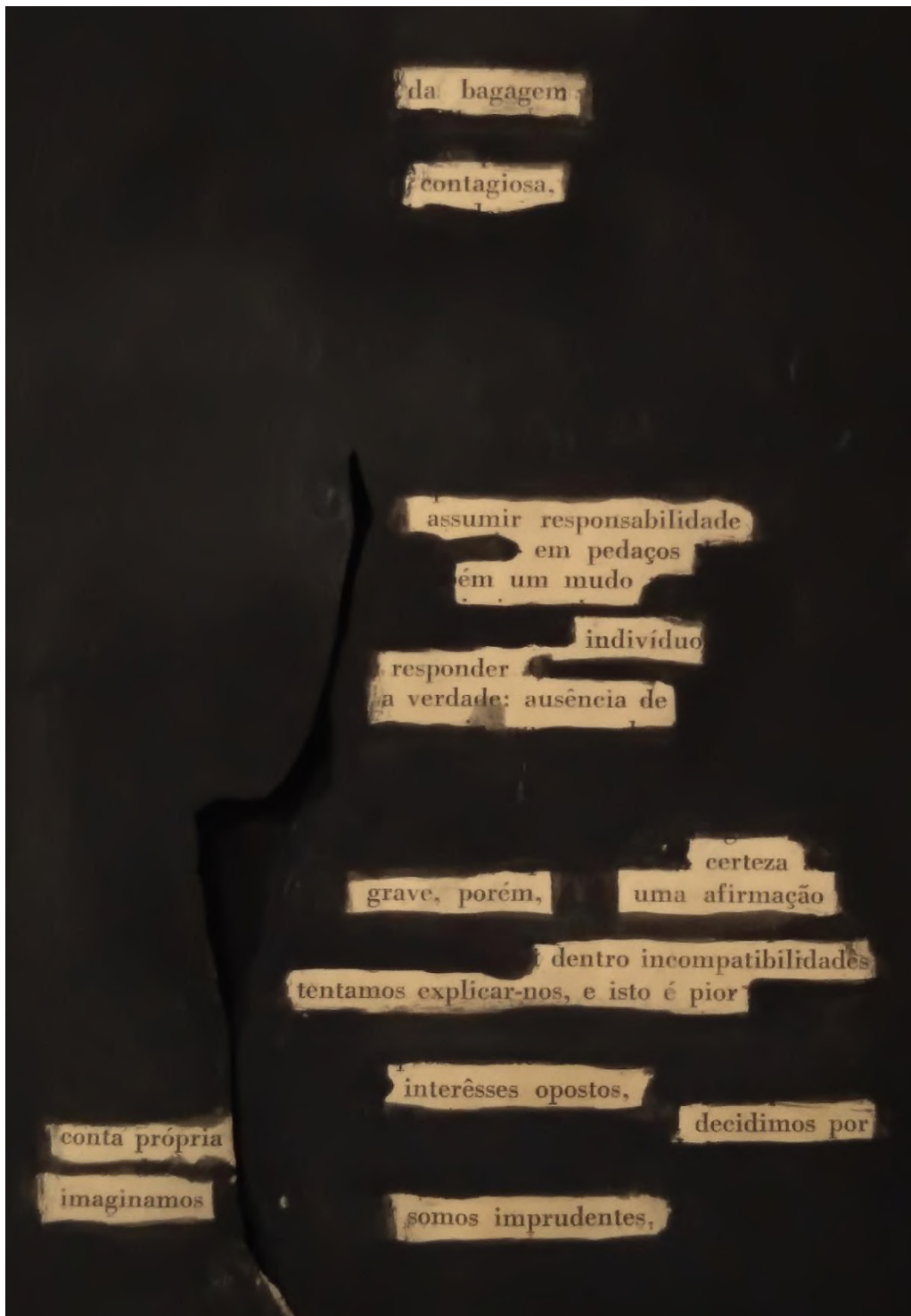
a minha fraqueza

ressonava pesada

cair da noite,
embaraçosa; diante do

Ficaria muito agradecido se me concedesse a honra de uma visita. Estou há 14 dias no Hospital de Guarnição local, no quinto setor de doentes psíquicos e nervosos. Provavelmente receberei alta nos próximos dias, para retornar ao campo de batalha. Antes que isso se decida, gostaria imensamente de lhe falar. [26.10.1914] ²²

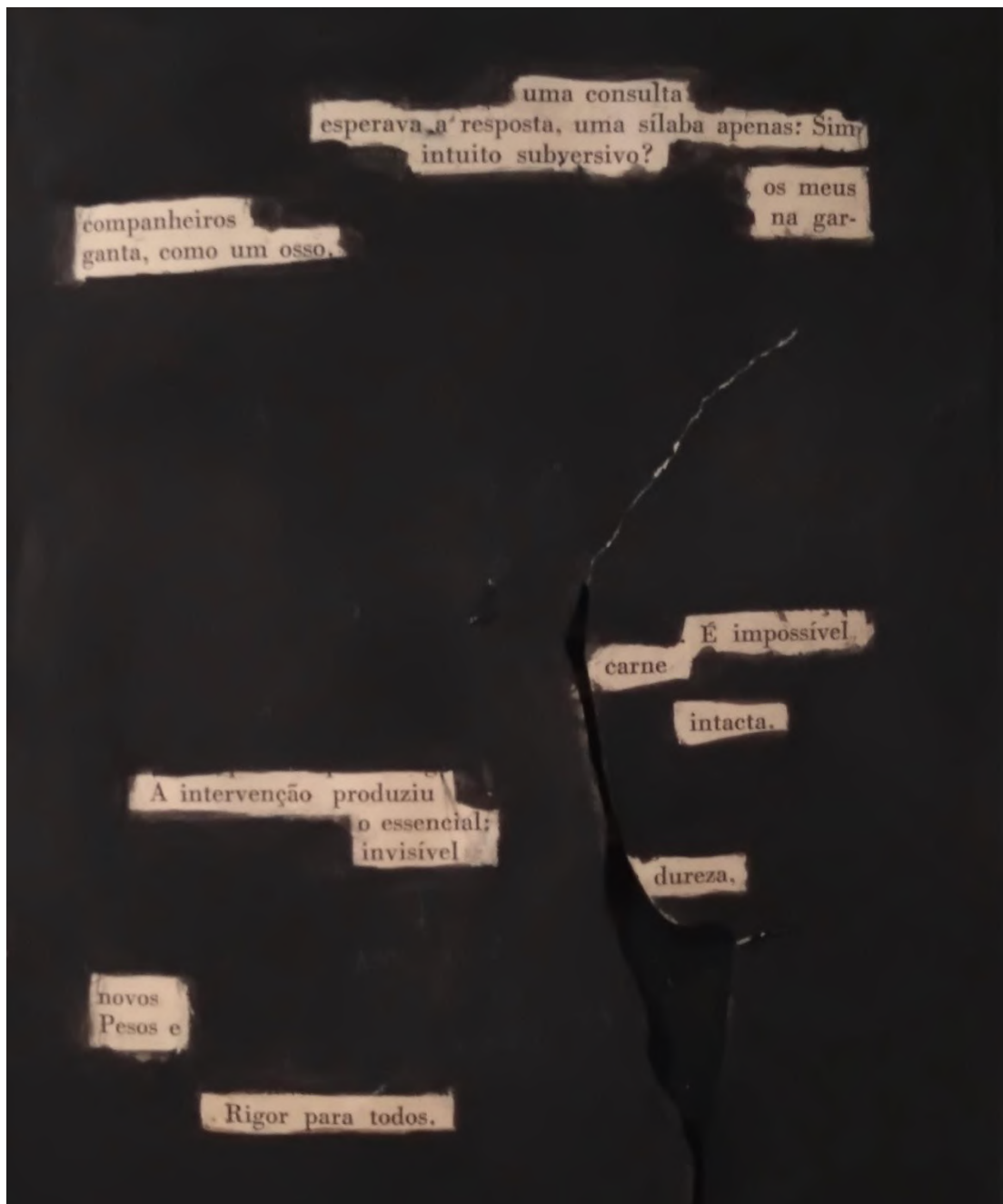
²² MARTINS, Helena de. *a escrita poética de Wittgestein, sua tradução*. Artigo publicado em Revista Brasileira de Literatura Comparada, n°19, 2011.
Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/revistas/1415577813.pdf>



Essa confissão, com abusiva correlação biográfica, borra o limite das palavras que asseguravam um destino dentro da boca, como se lhe escapasse entre os dentes a exigência que deveria permanecer calada.

Grande é o silêncio do jardim devastado,
Quando o noviço coroa a fronte com folhagem marrom,
E seu hálito bebe ouro gelado. (p. 31)

Pouco antes da nota a pouco remetida, o filósofo assim expressara o estado em que se lhe precipitava a possibilidade deste encontro jamais ocorrido:



uma consulta
esperava a resposta, uma sílaba apenas: Sim,
intuito subversivo?

companheiros
ganta, como um osso.

os meus
na gar-

É impossível
carne

intacta.

A intervenção produziu
o essencial;
invisível

dureza.

novos
Pesos e

Rigor para todos.

De manhã cedo, seguindo para Cracóvia, aonde chegaremos, parece, tarde da noite. Estou bastante ansioso por saber se me encontro com Trakl. Espero muito que sim. Sinto uma falta terrível de alguém com quem possa conversar um pouco. Sem isso as coisas também terão de se arranjar. Mas me revigoraria muitíssimo. Estive o dia inteiro um pouco cansado e tendendo à depressão. Não trabalhei muito. Em Cracóvia. Já é muito tarde para visitar Trakl hoje. [5.11.1914]

Diz-se que, em seus últimos anos, Wittgenstein convertera-se ao cristianismo, à época em que preparava as obras que acentuariam um deslocamento ainda mais radical, em relação ao eixo do *Tractatus*, que as *Investigações*, e que postumamente receberiam os nomes de caderno azul e marrom.

MEMÓRIA O CÁRCERE -

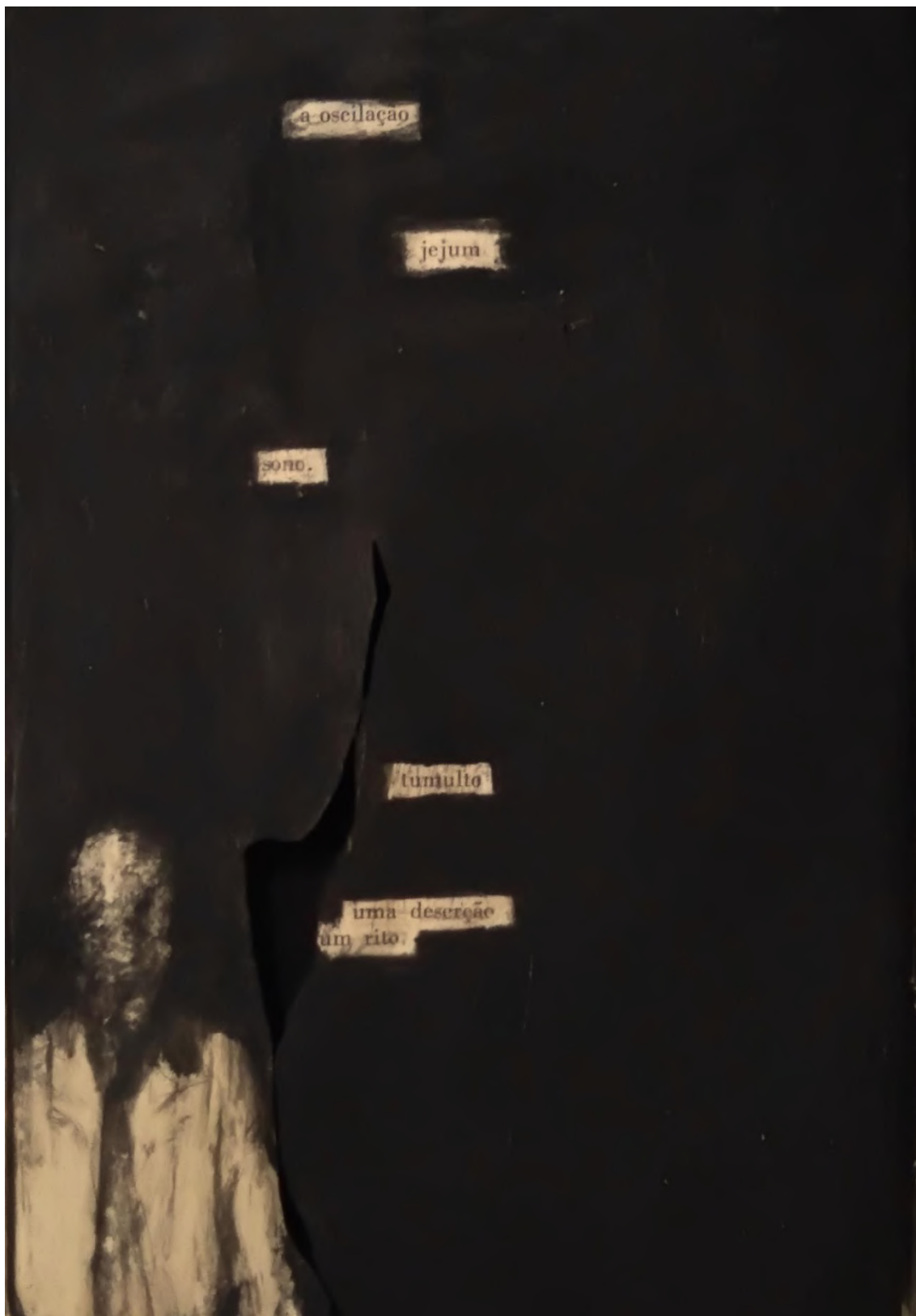
a cabeça,
 deste mundo;
 tantos presos,
 miseráveis segredos nos arrasam,
 os sofrimentos renascerao,
 horrivel é imaginarmos
 as imagens surgem com
 carne sangrenta,
 as coisas percebidas
 se ausentam, e é horrível a expressão de rosto esquecido,
 Palavras
 Um berro nos chega aos ouvidos;
 Vão matar-
 me.
 no fogo
 uma criança. Falou-me
 tentou ensinar-me a extração do
 canto
 rios, ainda senti o gosto

As mãos tocam a idade das águas azuladas
 Ou em fria noite os rostos brancos dos irmãos.
 [...]

 Belo é o Homem, e aparecendo escuro,
 Quando surpreso move braços e pernas,
 E em órbitas purpúreas rolam os olhos calmos.

Às Vésperas, o estranho perde-se em negra destruição de
 [novembro. (p.32)]

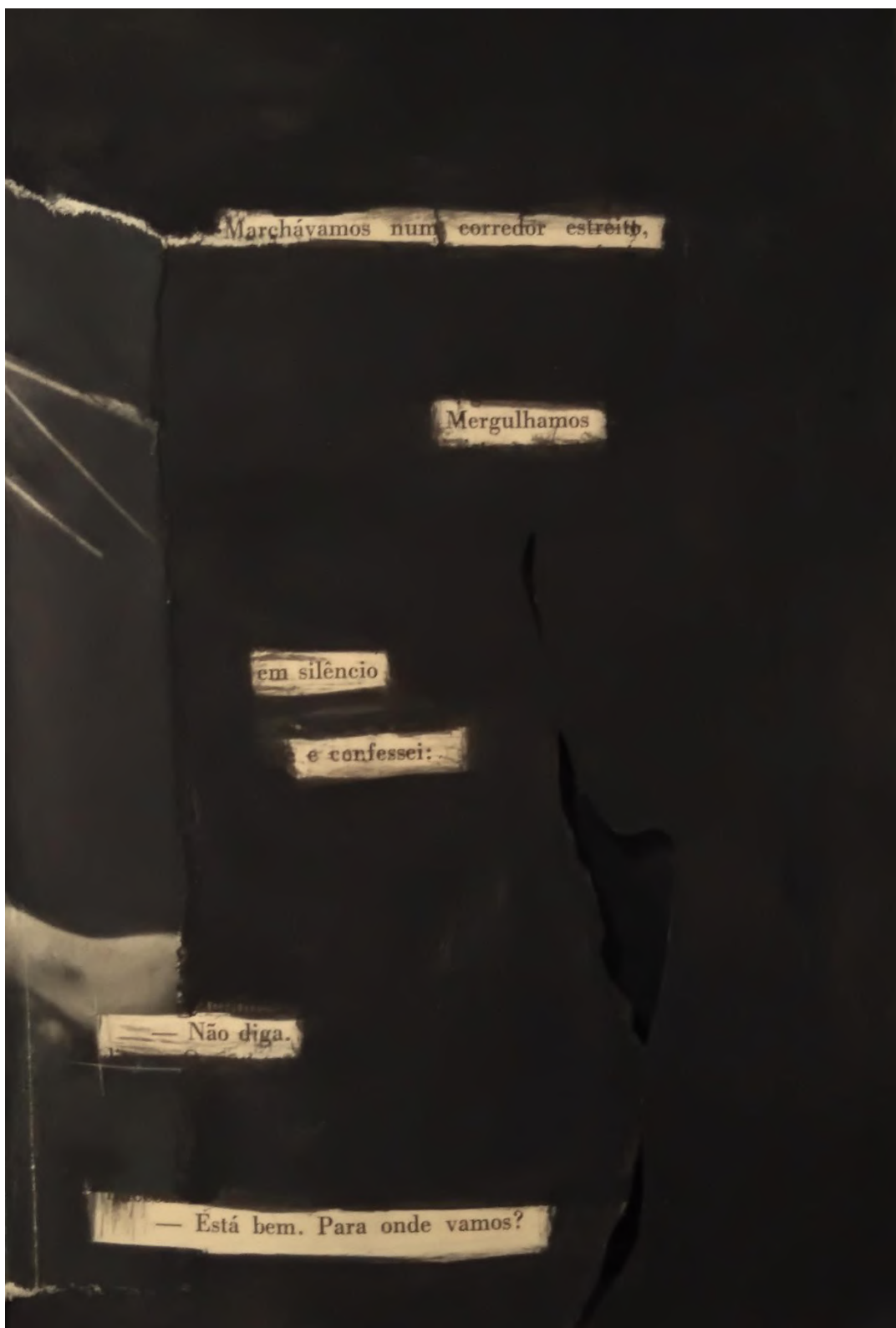
Se Wittgenstein encontrara no *tom* emudecido de Trakl o contraponto aos estrondos do campo de batalha, dificilmente lhe teria passado despercebido que as paisagens evocativas dos poemas contêm como que o prenúncio de seu suicídio, datado de 3 de novembro, quando o “gigante silêncio” por certo unira as paisagens elusivas aos campos enlutados, sob a “folhagem marrom” de seu sepultamento. Também esta última possibilidade de um encontro – por certo indeclinável, ainda que infinitamente desigual, e não tanto pelo contraste entre mortos e vivos, já bastante violento, e nem mesmo pelo fato de que aí teria lugar a coincidência entre o gesto que saúda o recém conhecido e o aceno da última despedida, mas pelo estranho encontro entre um poeta que impôs-se a mudez e um soldado que se tornaria o paradoxal autor de contundentes sentenças e prescrições de silêncio – enfim, conforme acenam as datas, Wittgenstein só toma nota no terceiro dia: “De manhã cedo, rumo à cidade, ao hospital militar. Ali me informaram que Trakl faleceu faz poucos dias. Isso me afetou profundamente. Que tristeza, que tristeza!!!” [6.11.1914]



O sofrimento de cada um, no espaço que lhe é próprio, porque o separa de si, é inacessível. Àquele que sofre falta a palavra, ninguém saberia falar por ele.



Quem abre seu coração a Deus em confissão arrependida, abre-o também aos outros. Perde com isso sua dignidade como ser humano distinto e torna-se por conseguinte como uma criança. A saber, sem posição oficial, dignidade e distância em relação aos outros. *Só podemos nos abrir diante dos outros através de um tipo particular de amor.* Aquele que, por assim dizer, reconhece que nós todos somos crianças malvadas. Poderíamos dizer: *o ódio entre as pessoas provém do fato de que nós nos isolamos uns dos outros.*



Marchávamos num corredor estreito,

Mergulhamos

em silêncio

e confessei:

— Não diga.

— Está bem. Para onde vamos?

e permaneceu calado.

Hesitou

uma corda no pescoço e

sorrindo

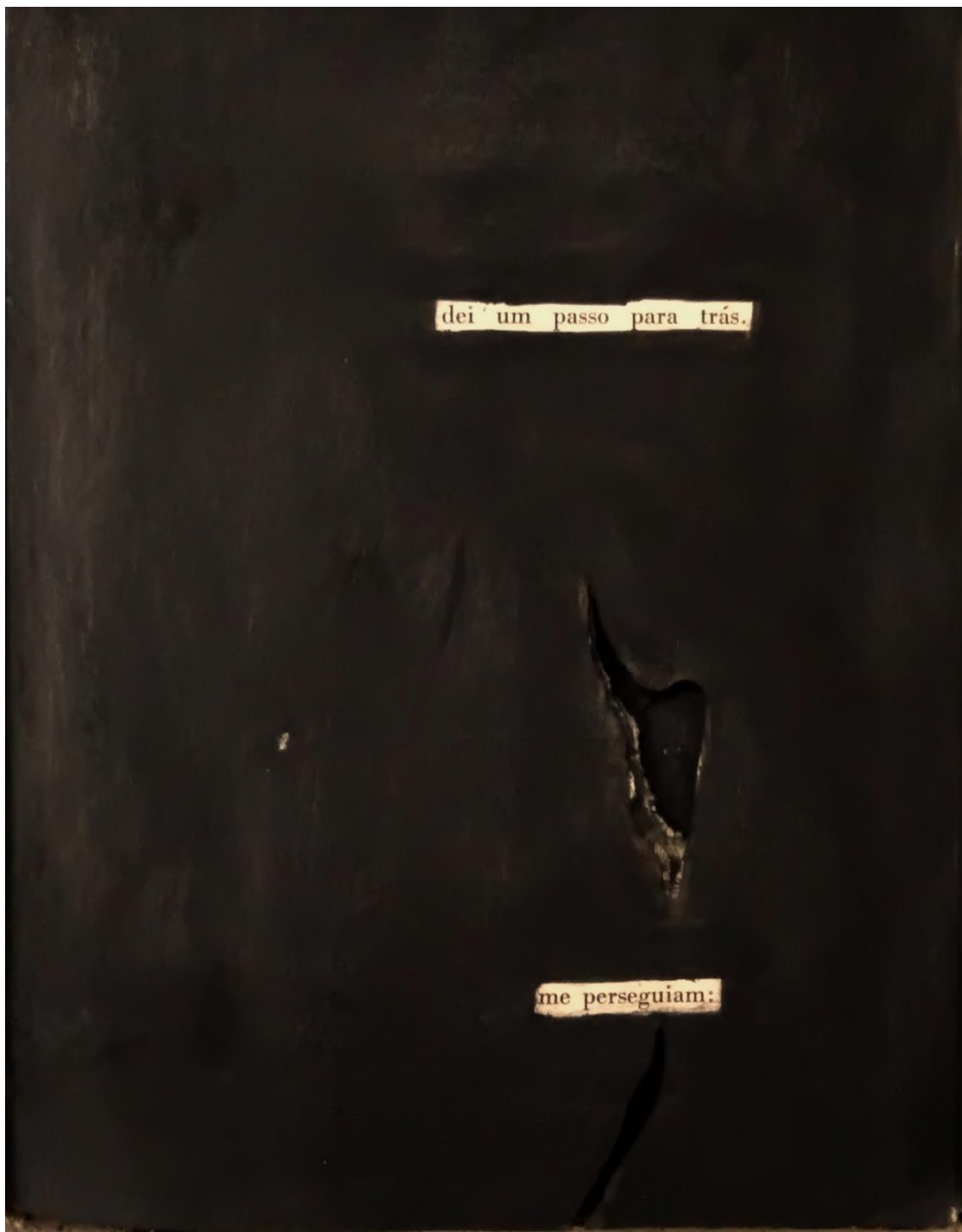
Tento lembrar-me de qualquer coisa exterior.
Não me lembro de nada.

O instinto a conversar comigo, a ver em mim

impulso
Nevoeiro
e buracos

Porque nós *não queremos que o outro nos veja interiormente*, já que lá dentro não é bonito. Na verdade, deveríamos continuar a nos envergonhar do nosso interior, mas não perante o próximo. Mesmo a maior necessidade não pode ser sentida como aquela que sente um único ser humano. Pois quando um ser humano está perdido, então esta é a mais alta das necessidades.²³ (*Observações sobre deus e ética em Wittgenstein: marciano Wittgenstein*)

²³ SPICA, M. A. *Observações sobre deus e ética em Wittgenstein*. *Ethic@ - Florianópolis* v. 9, n. 3 p. 119 – 131, Set 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2010v9n3p119/21776>





HERDAR – O TRAUMA

Um deus pode. Mas como erguer do solo, na estreita lira, o canto de uma vida? Sentir é dois: no beco sem saída dos corações não há templos de Apolo. - Reiner Maria Rilke

Em certo dia, que os anos de guerra tornam difíceis de precisar, chega às mãos do editor germânico Ludwig Von Ficker uma carta datada de 8 de fevereiro, escrita por um poeta austro-húngaro que procura responder-lhe a respeito de um desconhecido, com o qual o amigo lhe fizera ter contato:

Em resposta à sua última carta gostaria de relatar como justamente me impressionaram em Paris, em julho, os poemas de Georg Trakl; nesse meio-tempo, o destino fechou-se em torno dele, e agora fica ainda mais claro o quanto sua obra nasceu e brotou de uma fatalidade do destino. (Espero para estes dias *Sebastião*, o qual tratei de solicitar logo que vi anunciado).

Uma pequena passagem em que o Sr. se refere a ele, tomo-a muito cordialmente como prova do bem-estar lá fora do desconhecido amigo. Até a próxima,

Seu sinceramente devoto RMRILKE. (p.113)²⁴

Que o espaço da obra enfim se encontre, pela morte de seu autor, em sua súbita clareira, será isso a fatalidade? A atenção com que Rilke nos dirige, pela prudência que é própria à sua palavra, nos leva a um detalhe. A diferença a que ele nos convoca a atentar é aquela entre duas palavras bastante usuais: brotar e nascer; se a distração e o hábito nos induzem a tomá-las como sinônimos, eis o que torna estranhamente injustificado o uso que Rilke faz delas, lançando mão de ambas, avizinhand-as num estreito limiar, tão sutil que o hábito tenderia a nos dissimular o seu traço distintivo: a obra de Trakl não apenas brotou da fatalidade, mas *nasceu* sob sua marca. Ingresso inaugural no mundo, o nascimento dessa obra retinham, de saída, o signo sob o qual, mais adiante, ela haveria de brotar – a rés da lápide de quem ela batizou. Parece nos levar aí, ao espaço inaudito dessa diferença, a clareira em que o destino se iluminara por

²⁴ TRAKL, Georg. *De profundis* (tradução, seleção e posfácio de Claudia Cavalcanti). São Paulo, Iluminuras, 2010, p. 113. A próxima citação refere-se à página 45 desta edição.

sua morte. Que espécie de nascimento é esse, que sob o signo da fatalidade carrega a palavra que diz o irremediável, mostrando aquilo para o qual não há apelo? Por certo, aqui vem a guerra lançar sua sombra – mas a obra sob ela intercepta, com a poesia enlutada, as cartas que o futuro enviaria a seu tempo, antecipando aquilo que interrompe toda orientação.

Noite sagrada.

Ou quanto pela bruta mão do pai

Subi em silêncio o sinistro Monte Calvário

E em crepusculares nichos dos rochedos

A figura azul do Homem passava pela sua lenda,

E da ferida sob o coração corria o sangue purpúreo.

Oh, com que leveza se erguia a cruz na alma sombria [...] (1913)²⁵.

*

“O exército dos espectros que neles ainda vegetava era constituído de Geheimnisträger, portadores de segredo, dos quais era preciso livrar-se; já destruídas as instalações de extermínio, por sua vez eloquentes, escolheu-se o caminho de transferi-los para o interior, na esperança absurda de ainda encerrá-los em Lager menos ameaçados pelas frentes que avançavam, explorando-lhes as últimas capacidades de trabalho, e na outra esperança menos absurda de que o tormento daquelas marchas bíblicas reduzisse seu número. E, com efeito, o número foi espantosamente reduzido, mas alguns tiveram a fortuna e a força de sobreviver, e ficaram para testemunhar.” (LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes, 1990, p.9 e 10).

*

FALA TAMBÉM TU

fala por último,

diz teu falar.

Fala –

²⁵ No conjunto das citações que se segue, escolhi colocar aspas em todas elas. Para diferenciá-las, há o uso alternado do itálico, assim como a ampliação do espaçamento e o uso de asteriscos na transição.

Mas não separa o não do sim.

Dá o teu falar também o sentido:

dá-lhe a sombra.

Dá-lhe sombra bastante,

dá-lhe tanta

quanto sabes dividir em ti entre

meia-noite e meio-dia e meia-noite.

Olha em volta

vê a vida ao redor –

Na morte! Viva!

Fala a verdade quem sombras fala.

Mas então se esvai o lugar em que estás:

Para onde agora, desnudado de sombra, para onde?

Sobe. Vá Tateando.

Tornas-te mais magro, mais irreconhecível, mais fino!

Mais fino: um fio,

por onde ela quer descer, a estrela:

para embaixo nadar, embaixo,

onde vê cintilar: no ondear

de palavras errantes.

(CELAN, Paul. Cristal, 1999, p. 59 e 60)

“Narrei nas páginas iniciais de A trégua um caso extremo de comunicação necessária e malograda: o do menino Hurbinek, de três anos, talvez nascido clandestinamente no Lager, a quem ninguém tinha ensinado a falar e que experimentava uma exigência intensa de falar, expressa por todo o seu pobre corpo. Também sob este aspecto, o Lager era um laboratório cruel em que se podia assistir situações e comportamentos nunca antes vistos antes nem depois, nem em outra parte”. (LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes, 1988, p.76 e 77)

*

“Mas o que podíamos compreender? Não éramos ainda íntimos da morte; em todo caso, não da morte dali. Sua linguagem, suas obsessões estavam todas impregnadas da morte; sua calma também. Quanto a nós, ainda acreditávamos em uma possibilidade; não se morria “assim”, na hora H era possível fazer valer os direitos; sobretudo, não se podia ver um camarada morrer “sem fazer nada”.

Seus camaradas estavam mortos. Ele permanecia sozinho.

A morte ali ocupava o mesmo patamar da vida, a cada segundo. A chaminé do crematório fumegava ao lado da chaminé da cozinha. Antes de nossa chegada, tinham servido os ossos dos mortos dentro da sopa dos vivos, e o ouro da boca dos mortos há muito era trocado pelo pão dos vivos. A morte estava tremendamente entranhada no circuito da vida cotidiana.

Éramos realmente crianças”. (ANTELME, Robert. A espécie humana, 2004, p. 23)

*

“Hurbinek não pode testemunhar, porque não tem língua (a palavra que profere é um som incerto e sem sentido: mass-klo ou matisklo). No entanto, ele é “testemunha por meio destas minhas palavras”. Mas nem sequer o sobrevivente pode testemunhar integralmente, dizer a própria lacuna. Isso significa que o testemunho é o encontro entre duas impossibilidades de testemunhar, que a língua, para testemunhar, deve ceder o lugar a uma não-língua, mostrar a impossibilidade de testemunhar. A língua do testemunho é uma língua que não significa mais, mas que, nesse seu ato de não-significar, avança no sem-língua até recolher outra insignificância a da testemunha integral, de quem, por definição não pode testemunhar. Portanto, para testemunhar não basta levar a língua até ao próprio não-sentido, até à pura indecibilidade das letras (m-a-s-s-k-l-o, m-a-t-i-s-k-l-o); importa que o som sem sentido seja, por sua vez, voz de algo ou alguém que, por razões bem distintas, não pode testemunhar. Assim, a impossibilidade de testemunhar, a “lacuna” que constitui a língua humana, desaba sobre si mesma para dar lugar a uma outra impossibilidade de testemunhar – a daquilo que não tem língua.

O sinal, que a língua julga transcrever a partir do não testemunhado, não é a sua palavra. É a palavra da língua, a que nasce lá onde a língua não está no seu início,

deriva disso a fim de – simplesmente – testemunhar: “não era luz, mas estava para dar testemunho da luz”. (AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha*, 2010, p. 48)

*

“Duas maneiras de nos matarmos: suicídio ou indiferença.

Matar pelo pensamento tudo o que amamos: a única maneira de morrer. Mas apenas o que amamos. (Aquele que não odeia o pai, a mãe... Mas: amai os vossos inimigos...)

Não desejar que o que amamos seja imortal. Diante de um ser humano, qualquer que seja, não desejá-lo nem imortal nem morto.

O avaro, por amor ao seu tesouro, dele se priva. Se pudermos guardar todos os nossos bens numa coisa fechada na terra, porque não em Deus?

Mas quando Deus estiver tão cheio de significado como o tesouro para o avaro, repetir convictamente que Deus não existe. Sentir que o amamos, mesmo que ele não exista.

É Ele quem, aproveitando a noite, escura, se retira para evitar ser amado como o tesouro por um avaro.

Electra chorando Orestes morto. Se amarmos Deus pensando que não existe, ele manifestará a sua existência”. (WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*, 2004, p. 21)

*

“O intestemunhável tem nome. Chama-se, no jargão do campo, der Muselmann, o mulçumano.

O assim chamado Muselmann, como era denominado, na linguagem do Lager, o prisioneiro que havia abandonado qualquer esperança e que havia sido abandonado pelos companheiros, já não dispunha de um âmbito de conhecimento capaz de lhe permitir discernimento entre bem e mal, entre nobreza e vileza, entre espiritualidade e não espiritualidade. Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia. Devemos, por mais dolorosa que nos pareça a escolha, excluí-lo de nossa consideração. (J. Améry)

(Mais uma vez a lacuna no testemunho, desta vez conscientemente reivindicada)

Lembro que, enquanto descíamos as escadas que conduziam ao banheiro, fizeram descer conosco um grupo de Muselmann, como haveríamos de chamá-los depois, que eram homens-múmia, mortos-

vivos; e os fizeram descer conosco unicamente para que os víssemos, como se dissessem: vocês ficarão iguais. (A. Carpi).

(...) *Em todo caso, o certo é que, com uma feroz autoironia, os judeus sabem que em Auschwitz não morrerão como judeus*". (AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha*, 2010, p. 49 e 53)

*

"Esta guerra continuará além dos armistícios platônicos. A implantação de conceitos políticos seguirá contraditoriamente, em convulsões e sob o pretexto de uma certa hipocrisia consciente de seus direitos". (CHAR, René. *Furor e Mistério*, 200, p. 257)

*

"Sem mais conclusões, gostaria de prevenir uma objeção. Compreendo bem que muitos daqueles aos quais o antissemitismo causa horror desejam tornar mudo o acusador dos judeus atenuando a importância da questão que nos vem deles; protestam contra o que chamam a metafísica da questão judia; dizem que é alimentar o ódio aos judeus, uma vez que este alimenta-se de um mito que nada tem a ver com as condições reais da existência. Seria portanto necessário negar a questão todo o sentido que não fosse simplesmente histórico e pedir apenas à história que a trouxe os meios de respondê-la. Mas aqui é preciso distinguir. De um lado, observo que no fundo também os antissemitas buscam apenas livrar-se da exigência metafísica que foi colocada a todos pelo judaísmo através da existência judia, e é para melhor suprimi-la que querem a supressão de todos os judeus, quer dizer, a denúncia radical do ser-judeu. Negligenciar esse aspecto do antissemitismo é renunciar a retomar a sua gravidade, renunciar a encontrar uma de suas raízes e, também, recusa-se a ver o que está em jogo quanto, no mundo, sob que forma seja, o antissemitismo se afirma e se reforça. Mas, por outro lado, bem entendido, as relações que ligam o ser-judeu a um povo ou a uma nação determinada são também relações históricas que não deve ser consideradas fora da história e que o trabalho dos homens na história é convocado a alterar. Albert Memmi, no final de seu livro, se pergunta: "Tudo isso é passado? Penso que em parte sim. É possível que tenhamos entrado num período absolutamente novo da história que veria a liquidação progressiva da opressão perpetrada contra o judeu. Mas, além do fato que uma regressão é sempre possível, esse processo está apenas no começo. E já começou diversas vezes...". O renascimento do Estado de Israel, assim como a consciência mais viva que temos do que seja uma condição de opressão podem fazer-nos avançar nesse caminho. Entretanto, deve continuar claro que a questão expressa pelas palavras "ser-judeu" e a questão do Estado de Israel, não poderiam identificar-se, mesmo que se modifiquem uma a outra. Recordo esta expressão de Herman Chen sobre os sionistas tal como a cita sem aprovação nem crítica Franz Rosenzweig: "Esses bravos querem ser felizes". Eis uma reflexão que depois do advento de Hitler ee não poderia acolher com tanta simplicidade. É que tornou-se então manifesto que não se trata de ser feliz, mas de ser; ora, a fome, de viver implica, como diz precisamente

Rosenzweig, o dever metafísico de viver (e talvez também de ser feliz), de modo que garantir a um povo a possibilidade de uma existência livre, nem que seja pela reconstrução de uma “estadia” e talvez pelo expediente perigoso de uma reivindicação nacional, é sempre a tarefa mais urgente. No entanto, se essa tarefa ela própria – a que passa pela edificação de uma morada e, finalmente, de um Estado – responde parcialmente à questão da salvaguarda dos judeus, não pode constituir uma resposta à questão que coloca o ser-judeu e que é uma questão universal.. podemos assegurar que ela só a produz sob uma nova luz. Citarei aqui uma observação de André Neher: “Que o Estado de Israel seja religioso ou laico, que ele seja capaz de realizar-se numa separação ou numa síntese das duas dimensões (e inclusive de não ser nem laico nem religioso), isso não é da alçada dos partidos políticos, mas dos filósofos: toda a vocação judia está em causa”. Seria tentado a concluir dizendo que, na sociedade que se tenta na Palestina, sob a luta, sob a ameaça, e sob essa ameaça não menos grave que é a necessidade de uma tal luta para “a salvaguarda”, assim como nas próprias sociedades provenientes do marxismo ou liberais da servidão colonial, é a própria filosofia que se mede perigosamente com o poder, devido ao fato de que tanto umas quanto outras têm que decidir sobre o sentido e o futuro da “verdade nômade” face ao Estado”. (BLANCHOT, Maurice. O indestrutível, em *A conversa infinita: a experiência limite*, vol. 2, 2007, p. 78 e 79)

*

“Porque este caminho e não outro? Aonde leva para nos atrair desta forma? Que árvores e amigos estão vivos atrás do horizonte dessas pedras, no distante milagre do calor? Viemos até aqui porque onde estávamos não era mais possível. Éramos atormentados a ponto de ser escravos. Em nossos dias, o mundo é hostil aos Transparentes. Mais uma vez, foi preciso partir... E este caminho, semelhante a um longo esqueleto, nos conduziu a um país que só tinha o próprio sopro para escalar o futuro. Como mostrar sem trair as coisas simples desenhadas entre o crepúsculo e o céu? Pela virtude da vida obstinada, no giro do Tempo artista, entre a morte e a beleza”. (CHAR, René. “De momento em momento”, em *O nu perdido*, 1998, p. 45)

In girum imus nocte et consumimur igne (“nós giramos à noite e somos consumidos pelo fogo”). Palíndromo latino.

*

Gilles Deleuze – Parece que alguma coisa deveio madura, do lado dos palestinos. Um novo tom, como se tivessem superado o primeiro estado de sua crise, como se tivessem alcançado uma região de certeza ou de serenidade, de “direito”, que daria testemunho de uma nova consciência. E que lhes permitiria falar de uma nova maneira, nem agressiva nem defensiva, mas “de igual para igual” com todo mundo. Como você explica isso, já que os palestinos ainda não atingiram seus objetivos?

Elias Sanbar – Nós sentimos essa reação desde a publicação do primeiro número [da Revista de Estudos Palestinos, em 1981]. Há leitores que disseram para si mesmos: “Olha só, os palestinos também fazem revistas como esta”, e isso remexeu na cabeça deles uma imagem bem estabelecida. Não nos esqueçamos de que, para muitos, a imagem do combatente palestino que reivindicamos permanecia muito abstrata. Eu me explico. Antes que impuséssemos a realidade de nossa presença, éramos percebidos unicamente como refugiados. Quando o nosso movimento de resistência impôs que contassem com a nossa luta, novamente nos confinaram num imagem redutora.

Multiplicada e isolada ao infinito, era uma imagem de puros militaristas, e nos enxergavam como quem só fazia isso. É para sair disso que preferimos nossa imagem de combatentes à imagem de militares no sentido estrito.

Acredito que a surpresa que a publicação dessa revista provocou vem também do fato de que alguns devem estar começando a entender que os palestinos existem e que não servem unicamente para que princípios abstratos sejam recordados. Embora essa revista venha da palestina, ela não deixa de constituir um terreno onde se exprimem preocupações múltiplas, um lugar em que não apenas palestinos tomam a palavra, mas também árabes, europeus, judeus etc. [...]

A Palestina não é apenas um povo, mas também uma terra. Ela é o liame entre esse povo e sua terra espoliada, o lugar onde uma ausência e um imenso desejo de retorno estão agindo. E esse lugar é único, ele é feito de todas as expulsões que nosso povo vive desde 1948. Desde que tenhamos a palestina aos nossos olhos, nós a escutamos e a escrutamos, seguimos o menor de seus movimentos, notamos cada mudança que a atinge, completamos todas as suas antigas imagens; em suma, jamais a perdemos de vista.

Gilles Deleuze – [...] Você insiste nisso no livro que está preparando sobre a comparação com os peles-vermelhas. É que existem dois movimentos muito diferentes no capitalismo. Ora se trata de manter um povo em seu território e fazer com que ele trabalhe, explore-o, para acumular mais-valia: o que chamamos habitualmente colônia. Ora se trata, pelo contrário, de esvaziar um território de seu povo, para dar um salto adiante, mesmo que seja preciso trazer mão de obra de outros lugares para tal “serviço”. A história do sionismo e de Israel, assim como a da América, passou por isso: como fazer o vazio, como esvaziar um povo? [...]O movimento sionista

Elias Sanbar – Somos expulsos de um tipo particular, por que não fomos deslocados para terras estrangeiras, mas para um prolongamento da nossa “terra natal”. [...] O movimento sionista mobilizou a comunidade judia na Palestina, não para a ideia de que os palestinos iam partir um dia, e sim para a ideia de que o país estava “vazio”. Houve, claro, aqueles que, tendo chegado no local, constataram o contrário e escreveram sobre isso! O grosso da comunidade, porém, agia diante das pessoas com as quais convivia fisicamente todos os dias como se lá não estivessem. E essa cegueira não era física, ninguém era abobalhado a esse ponto, mas todo mundo sabia que esse povo, hoje presente, estava “em via de desaparecimento”, todo mundo reparava também que,

para que esse desaparecimento tivesse êxito, era preciso agir, desde o começo, como se ele já tivesse se realizado, ou seja, era preciso “não ver” jamais a existência do outro, todavia ultrapresente. Para ter êxito, o esvaziamento do terreno deveria partir de uma evacuação do “outro” da própria cabeça dos colonos. [...]

Ora, não há povo algum, comunidade alguma que possa – e felizmente, para ela – pretender ocupar imutavelmente essa posição do “Outro” rejeitado e maldito.

Hoje em dia, o Outro no Oriente Próximo é o árabe, é o palestino, é o mulçumano. E o cúmulo [...] é o seguinte: a esse Outro, cujo desaparecimento está constantemente na ordem do dia, é que as potências ocidentais exigem garantias. Ora, somos nós que temos necessidade de ser garantidos contra a loucura dos chefes militares [...].

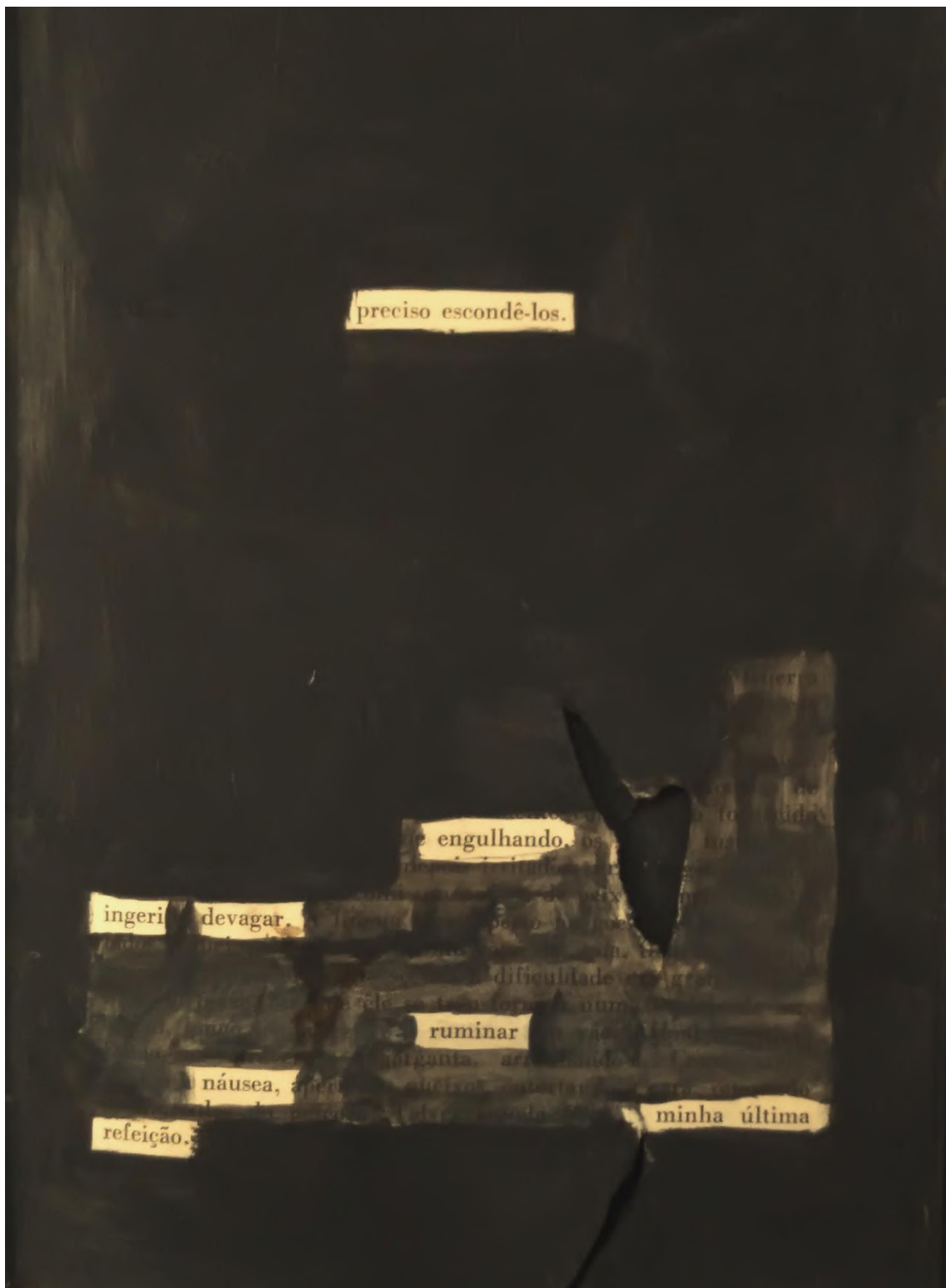
Gilles Deleuze – A Revista de Estudos Palestinos tem seu manifesto, que se encontra nas duas primeiras páginas do nº 1: somos “um povo como os outros”. É um grito cujo sentido é múltiplo. Em primeiro lugar, é um chamado, ou um apelo. (DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*, 2016, p. 204 a 207) ²⁶

²⁶ Esse texto foi concluído algumas semanas antes da recente conflagração entre Israel e a Palestina, cujos resultados desastrosos a puseram no lugar da mais sangrenta batalha desde os confrontos de 2006. A iminência da queda de Benjamin Netanyahu pode assinalar a possibilidade de uma virada em favor dos palestinos, que também poderão contar, pelo que as pesquisas em torno eleições dos próximos dias indicam, com apoio mais sólido do Irã, caso a era reformista de Haussam e Zarifi se confirme. Por fim, gostaria de assinalar que esse texto saúda a memória do general iraniano Qasen Soleimani, morto num atentado promovido pelo complô euro-americano cerca de um ano atrás.

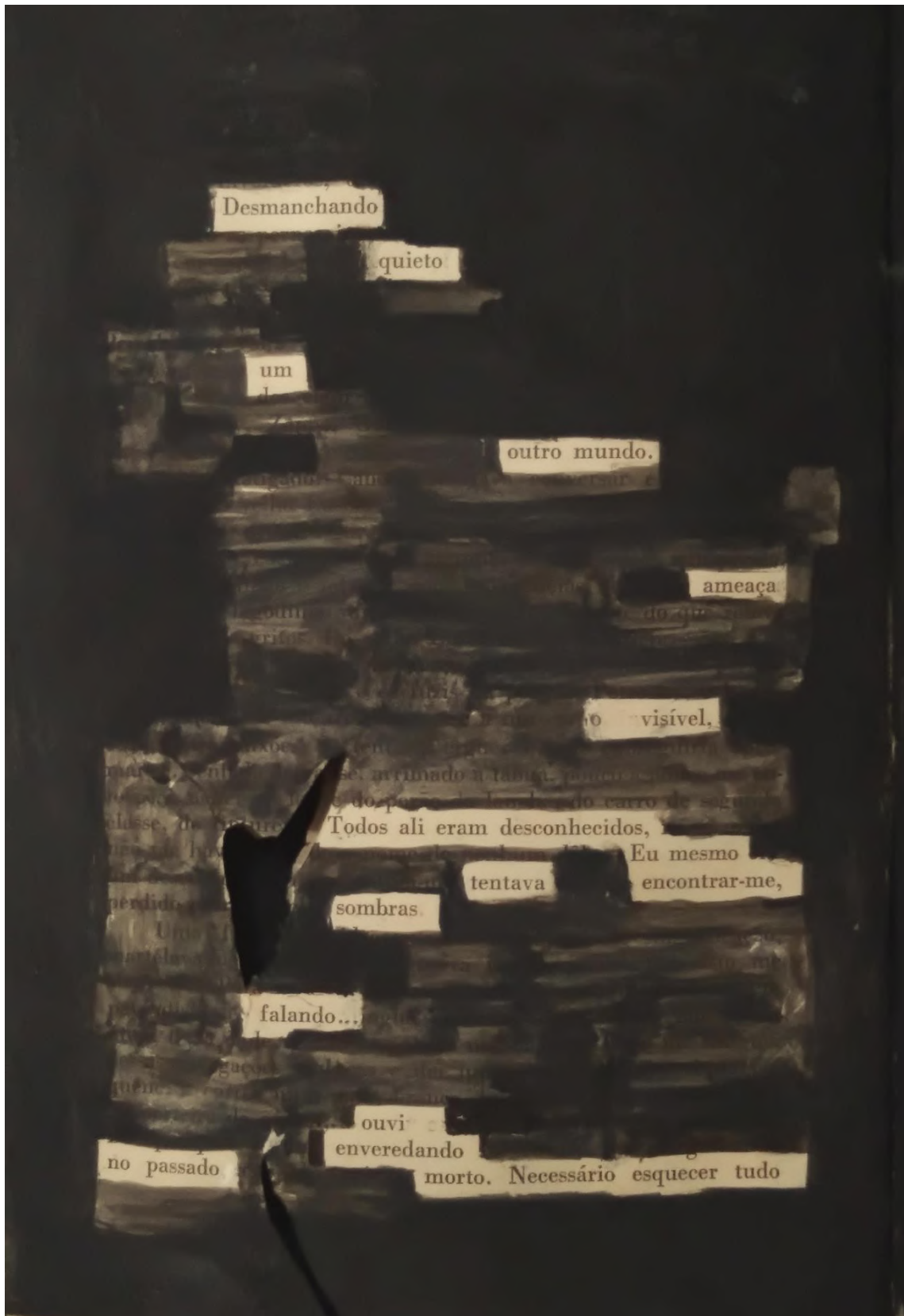
SEM RESTO

0. Impróprios, os corpos sobreviventes restam consignados à justiça do testemunho. Estão, por assim dizer, sob a guarda de um *ethos* do confisco.

1. Alguém que no seu ato de fala tem, por alguma razão obscura, a palavra tomada, já não pode ser ouvido nem compreendido pelo outro, mas tão somente percebido pelo gesto em que permaneceu suspenso – na tomada de decisão que se cinde mas interrompe a separação.



2. Deslocado ao não-lugar do discurso, o sujeito que então desapareceria por fora, no entanto resta, ainda visível, como o traço de sua impossibilidade suspensa.



Desmanchando

quieto

um

outro mundo.

ameaça

visível.

Todos ali eram desconhecidos,

Eu mesmo

tentava

encontrar-me,

sombras

falando...

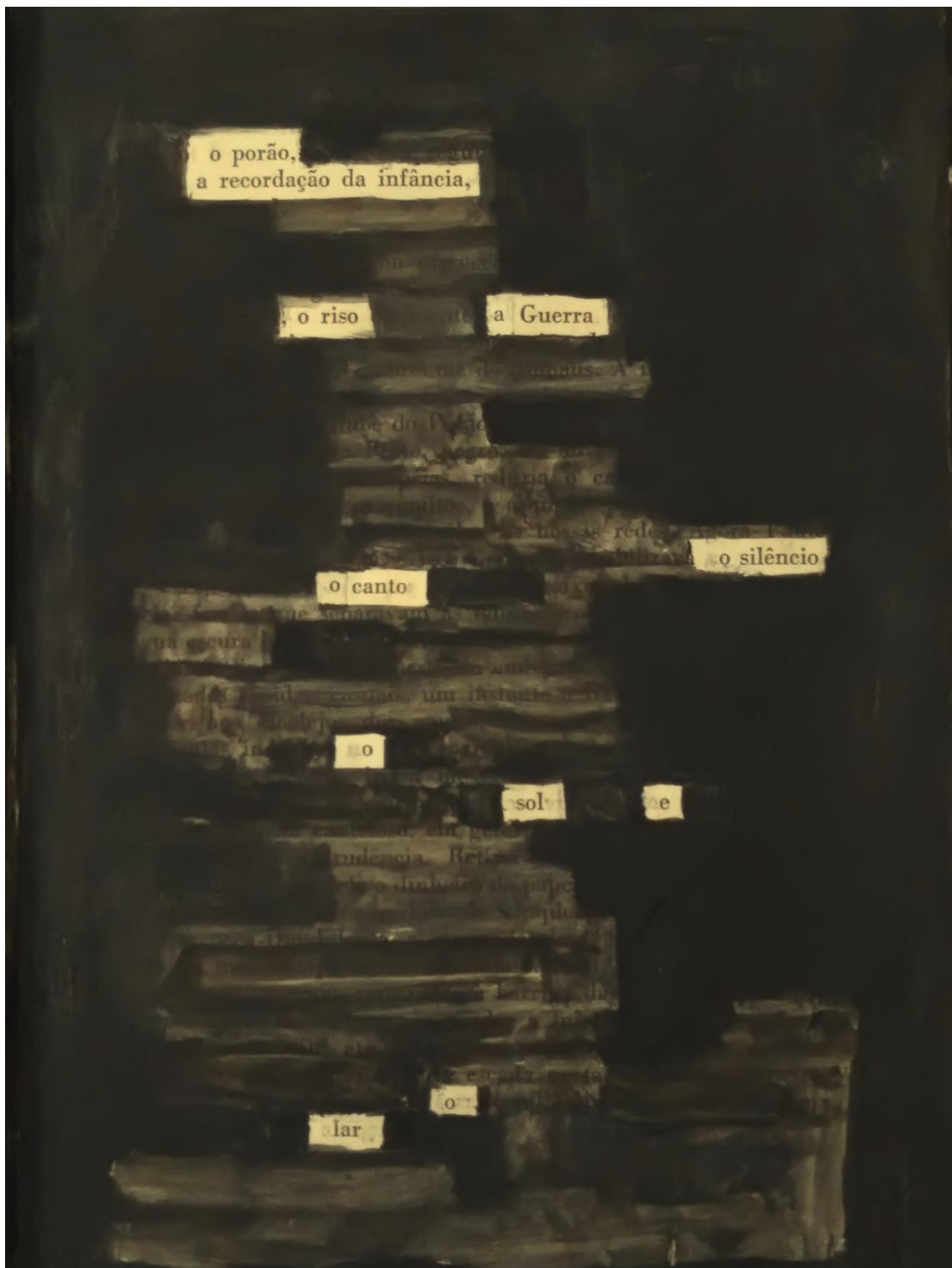
ouvi

enveredando

no passado

morto. Necessário esquecer tudo

3. Ele está, a um só e mesmo tempo, no não-lugar cindido entre a impossibilidade de aparecer e de desaparecer.



4. Entre duas impossibilidades, o que o traço restante sublinha é o esforço do testemunho.





INTRODUÇÃO GERAL À
SAGRADA ESCRITURA

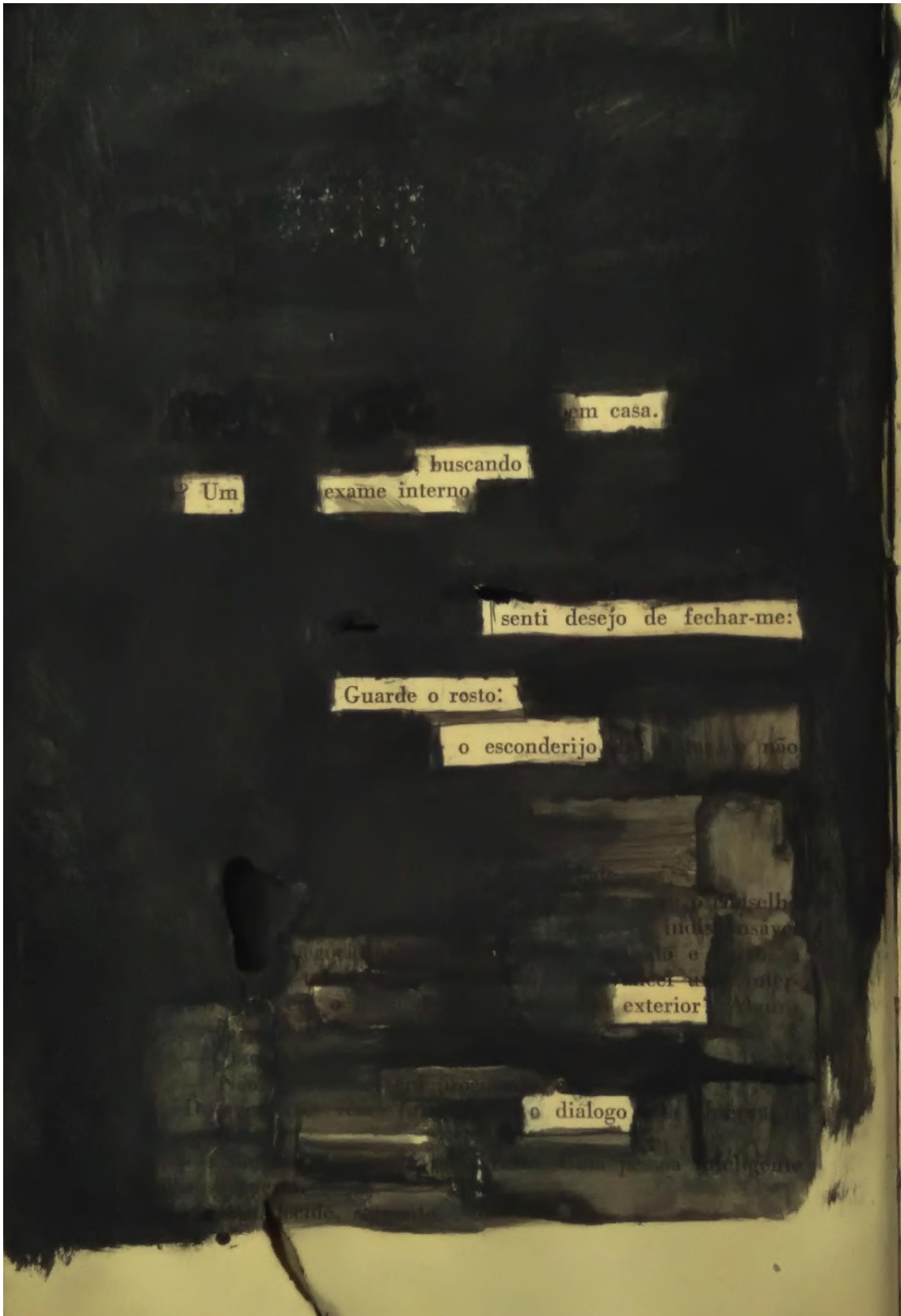
PROLEGÔMENOS



NOMES COLETIVOS DA SAGRADA
ESCRITURA

W. VAUGHAN, CO.

5. De fato, para que houvesse algo como um testemunho sem resto, o sobrevivente deveria desaparecer num afogado que aparece tomando-lhe a voz e dando, ao mesmo tempo, sua mudez.

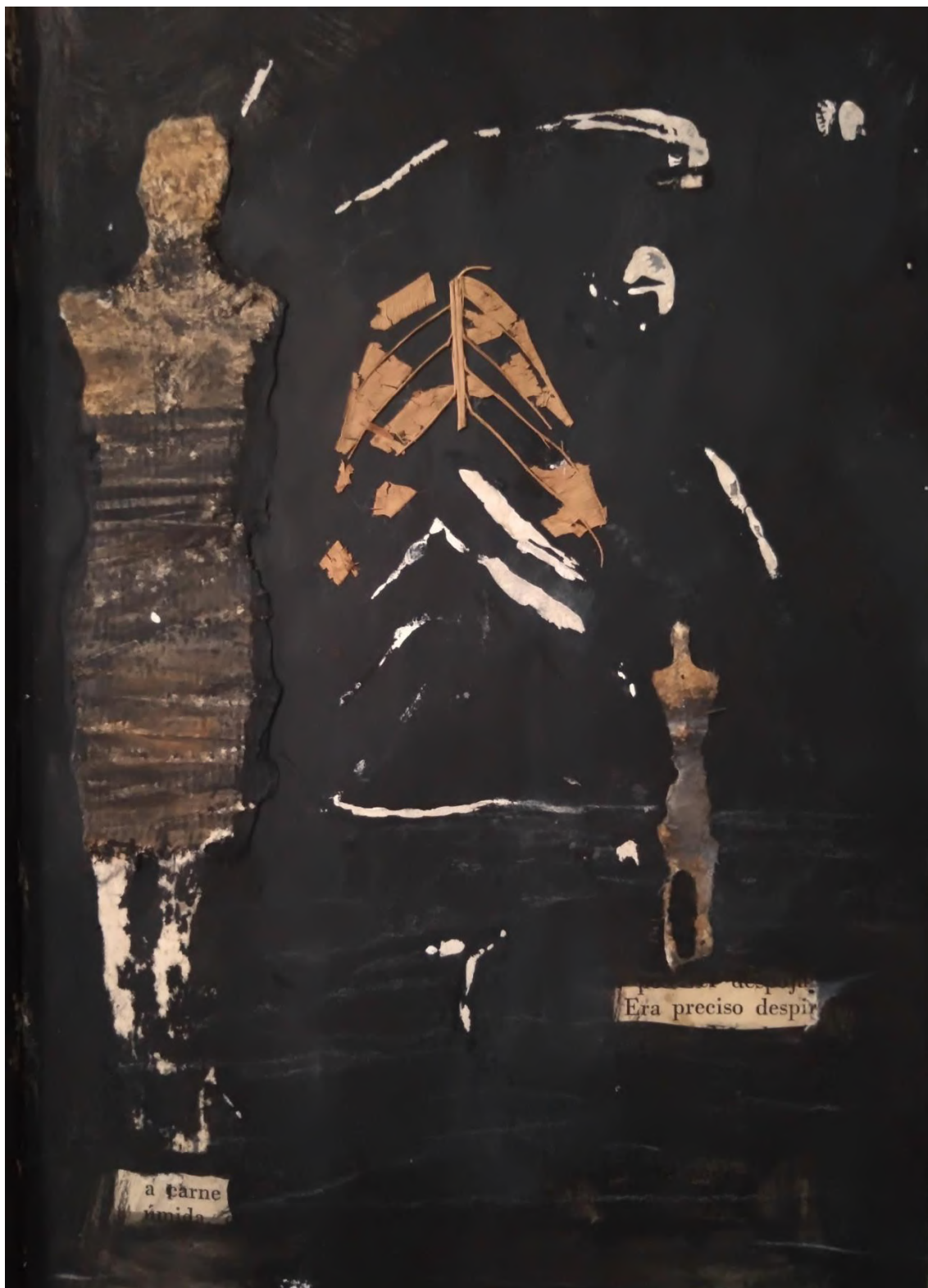




6. Se o afogado, por definição, nada pode tomar, aquilo de que ele precisa é então oferecido (pelo sobrevivente) a. alguém que já nada pode receber. Do mesmo modo, porém mais gravemente, o afogado nada podendo dar, aquilo que dele o sobrevivente precisa só lhe pode ser tomado.



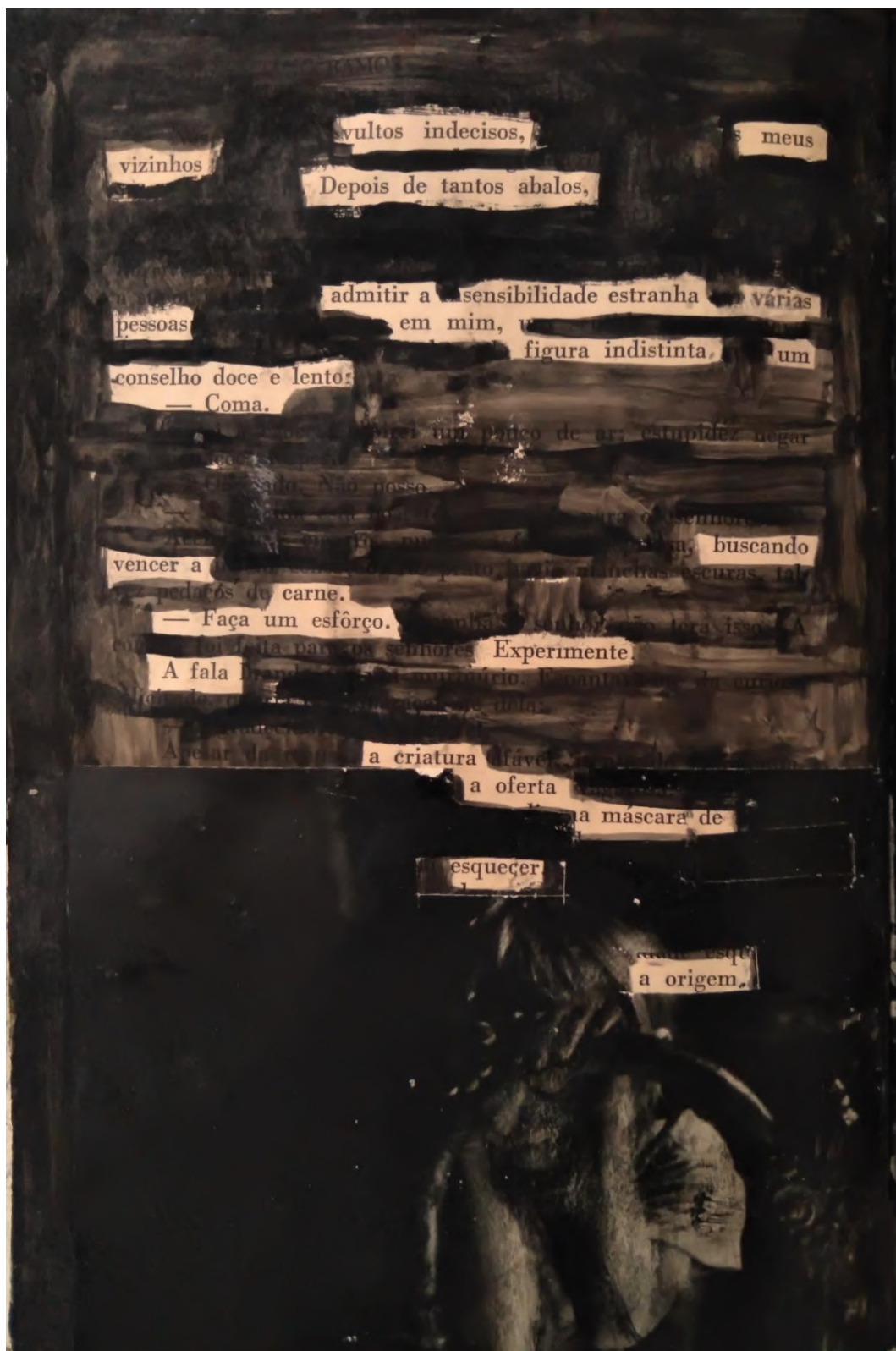
7. Àquele a quem tudo falta, ele nada pode dar; daquele que nada tem, ele não pode senão tomar.



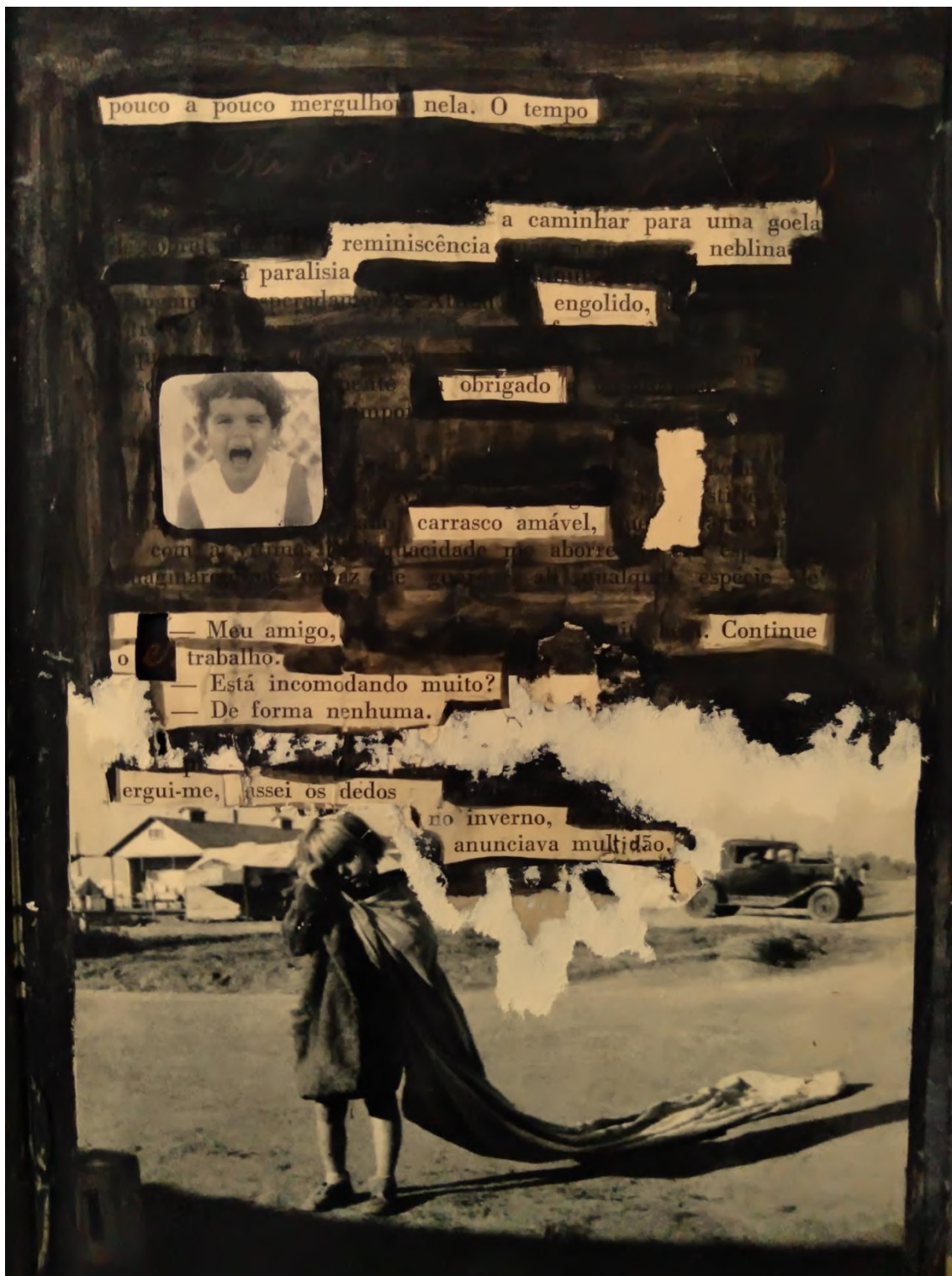
a carne úmida

Era preciso despir

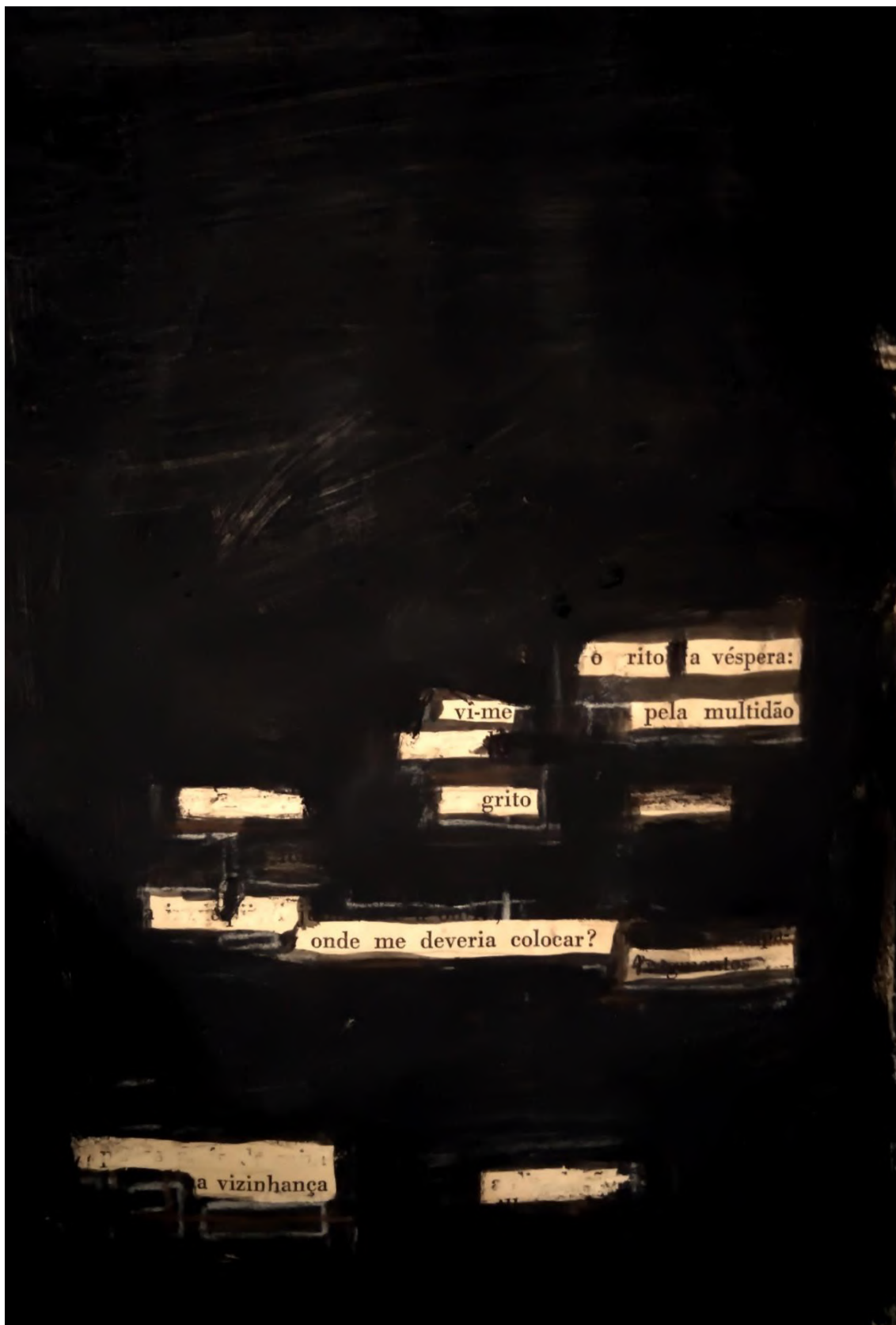
8. Entre a absoluta impossibilidade do dom e a inelutável necessidade de expropriação, o que o não-lugar do testemunho então confessa, antes que a testemunha tenha tido lugar, é o fim do Direito e da religião nele – tal que a justiça fosse aí, por assim dizer, o que prescreveu.



9. Pela cesura do dar e do receber, alijado nos dois sentidos do dom, o ir-e-vir da testemunha assim traça, do exterior, justamente, o círculo da salvação.



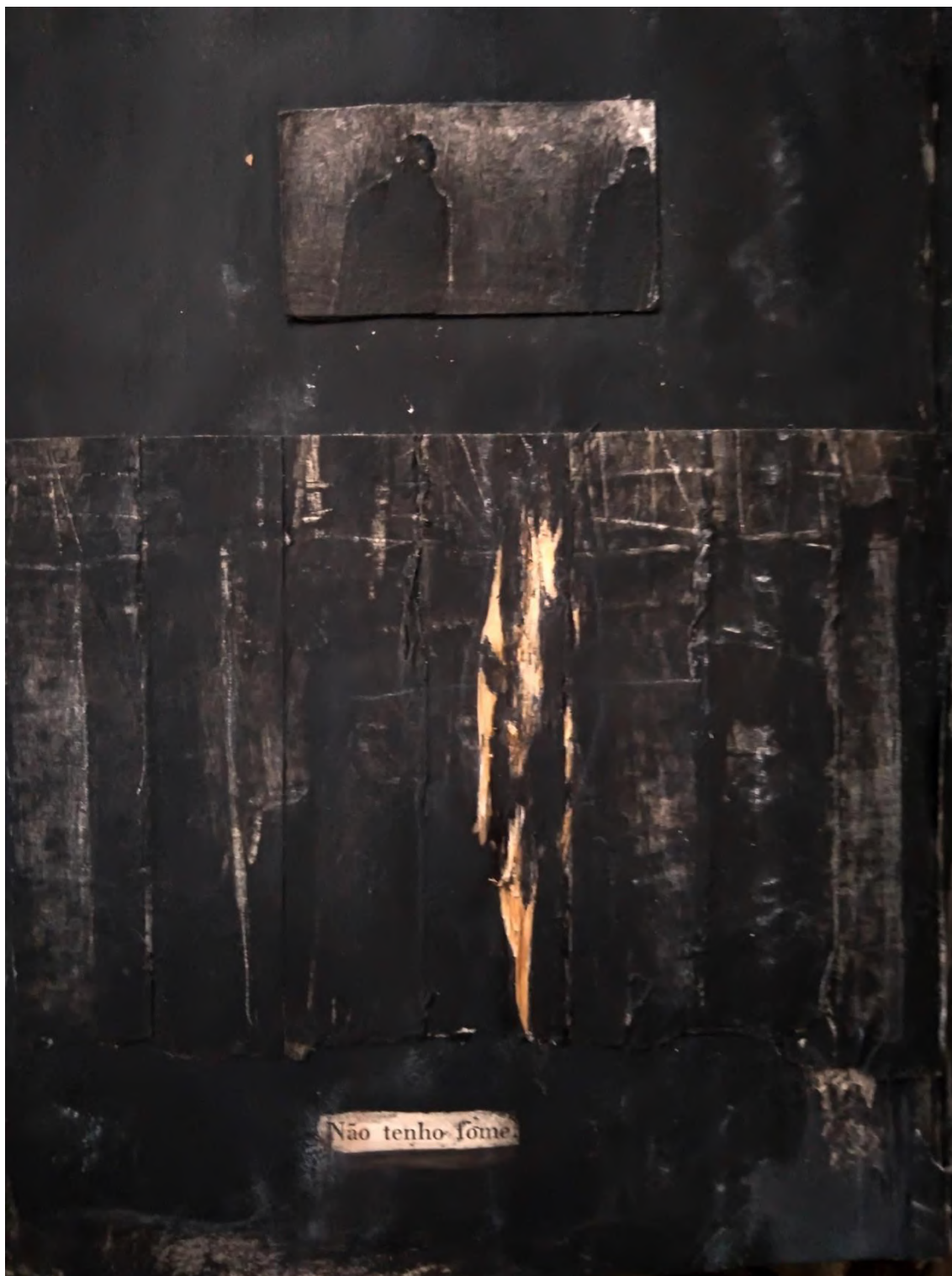
10. Prescrita, a injunção que volta àquela boca não testemunha aí senão uma contrição irremissível. Mas encoberta por um corpo, ainda a ela consignado.



11. Insalvável, a boca que profere o testemunho é a cova para sempre aberta do expropriador que assim lhe consigna a palavra.



12. No obscuro rumor do testemunho, o afogado coincide com o sobrevivente na claridade de uma dupla sentença: culpa irremissível/ pena absoluta.



NEM EXTREMA UNÇÃO

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, ao menos em intenção e concepção; o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, o caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem da urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente.

Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação.

Primo Levi – *É isto um homem?*²⁷

²⁷ Abaixo, reproduções de páginas não sequenciadas dos livros de artista *Os cárceres da memória* e *Os subterrâneos do ano*, respectivamente.





nunca tive intenção de arranjar outro ofício, não sei nada. Só sei roubar.

Diversos profissionais corroboravam esse juízo severo, sustentavam a opinião de que esta criatura, eram em geral os que tinham o excesso de ambição e de técnica superior.

Queriam dar a impressão de realizar trabalho perfeito. Não se misturavam com os indivíduos comuns, e o natural expansivo esperava-os. Obtive lapis, papel, comecei de novo a tomar notas, embora fôsse quase certo jogá-las fora.

— O senhor, perguntei, você sabe que eu tenho interesse em ouvir as suas histórias?

— Sei. Vossa mercê vai me botar num livro.

— Quer que mude seu nome?

Eu queria que sáisse o meu retrato.

Logo se esquivava, e eu então engrandecia os talentos de meus companheiros:

— Mas, vossa mercê está perdendo o seu tempo, amigo. É um verdadeiro. O pouquinho que faço, abocordo com o senhor. Já me deu uma taxa de valor trinta e duas entradas na casa de Detenção. Aqui vossa mercê tem muitos honrados. Conhece Paraíba? É um homem tem cabeça, tem respeito. E São Neres? Melhor qualidade. Procure Marcelle, ele sabe de tudo que é profissional. Vossa mercê fala com ele numa língua que ele não entende, que ele não sabe e não entende a nossa língua.

Logo depois do exame desses tipos, Paraíba era um homem alto, cheio de lábias e sorriso; gesto grande, voz curta e graves, uma bêsta, vinda a nacionalidade portuguesa, com influência do Governo mandavam buscá-lo. Um dia não se chamava o terceiro indivíduo. Tinha no peito uma tatuagem magnífica, e eu me aproximei dele. Vestia um calção de algodão, estava se fregado a carregar tijolos. Estendeu-se na areia, as mãos debaixo da cabeça, estêve alguns minutos olhando o céu. Virou-se e cobriu o rosto com as mãos e indagou lento, carinhoso e gutural:

— Como é que se vai virgir daqui?

Fingiram não ouvi-lo, o homem renovou a pergunta, e eu

Quando a manha caminha e
 que a minha fala apenas, a an
 O branco verbo é visto vindo

E

dissolveu-se

Um momento ha na vida, de
 em que o poema vê tudo, viu
 e a si mesmo, na cêra em que
 sob o fogo dos ceus, consum

Ha nas ^{fomes} ~~formas~~ dos tempos, um
 umas vicissitudes, fados, as

Ha tempos em que o canto se
 sob o ^{sibilo} ~~ar~~ de cassandra

Vejo morrer, o' ceus, em de
 meus membros, minhas viscer
 sob as rosas de lava que

A escrita
e história

e

amarfanhada, triturada, suja, inteiramente de acôrdo com o lugar onde funcionava. Encontrei nela, inexplicavelmente, o que me acompanhara e tentei decifrar

Descobri

nua e bárbara, a vida

uma enorme fôrça que se esvai

de ouvir o rumor do vento

na

voz

Essa coisa era vista e

cava na obra

a

fuga. Aquêles homens

entregam-se,

a divagações

por serem primitivos

e não sabemos quando

A imaginação

viva, tão forte que êle

fala

os encanta

a verdade

A respeito dos meus livros nada sei

ninguém

pode

passar sem comer.

deixou-me

a razão, era preciso

o estômago. Assim

a noite chega

fica em meu poder,

faminto

Realmente

pensar

me dava nojo.

me indignei e enojei.

afastar-me

mas em qualquer parte

de olhos

não me deixava em sossego. Queria

surgia

pelo avêssó.

. Distanciava-me e ao cabo de minutos estava na ronda

Inquietei-me: era impossível sustentar

Tentei reagir

chegava-se de manso,

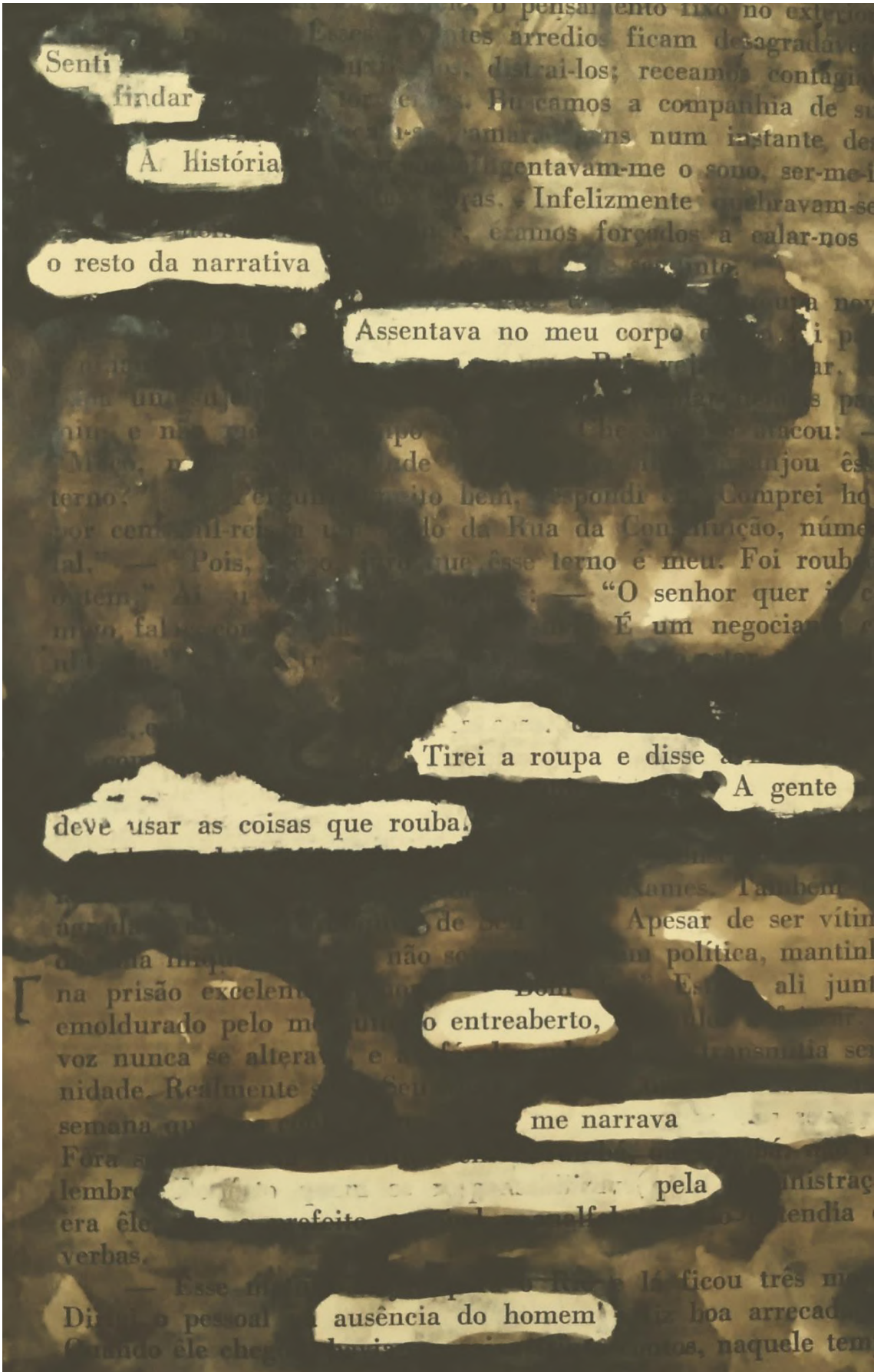
me seguia,

novo ao sol

e necessitei recorrer de







Senti

findar

A História

o resto da narrativa

Assentava no meu corpo

Tirei a roupa e disse

A gente

deve usar as coisas que rouba.

me narrava

pela

ausência do homem





sentado na cama, tal ocorrência não me atrasava para o espirito. Demência. Apesar de ter vivido muitos anos no sertão, convivendo com gente meio barbara, nunca me viera precisão de recorrer ao museu. De fato os pobres museus se haviam atrofiado; impossível extrair deles o valor necessario, mas gastos numa repartição, no exame de provas, noites consumidas no lento-arranjo de frases, o espirito curvo, estirado definitivamente em organico. Ao chegar, firmava-me com dificuldade, a arrastar a perna trôpeca para a mesa ausente da mesa onde me deviam, um prato de fôlego, um caldo inopido e ralo, e um tres rodellas do venoura, sentar-me arrejado, e uma semana de jejum completo, mais de uma semana, e o futuro. Nessa infeliz situação bamba, tratava-me a um bicho forte, habituado aos rales das fazendas, era estúpido.

Abria-me em desespero, não me dava a toa; com certeza os meus golpes não tinham efeito. O moleque, não, nem se occupava em revidar, e a coisa dele consistia em procurar segurar-me os braços, e eu lançaria ao chão. Tive consciência disso, por isso não me poupara e limitei-me a fugir, e a defender os dedos de ferro. A carne que colera junto, e a minha estapafúrdia.

— Não posso deixar o seu...
lento passo aito sem dúvida...
me. Mas o rapaz...

...
...
... dura
... até sin-
... generoso.
... me ao
... o disparate, o homem
... me favor, e admi-
... modo. Tinha um coração
... hábitos de animal. Enfim
... todos nos animalizávamos depressa.

...
... imundície as vezes de...
... no latrina, já não nos
... quando, sem motivo apa-

...
... em coações e injúrias.

...
... renaram-se depois quase
... me...
... em posição.













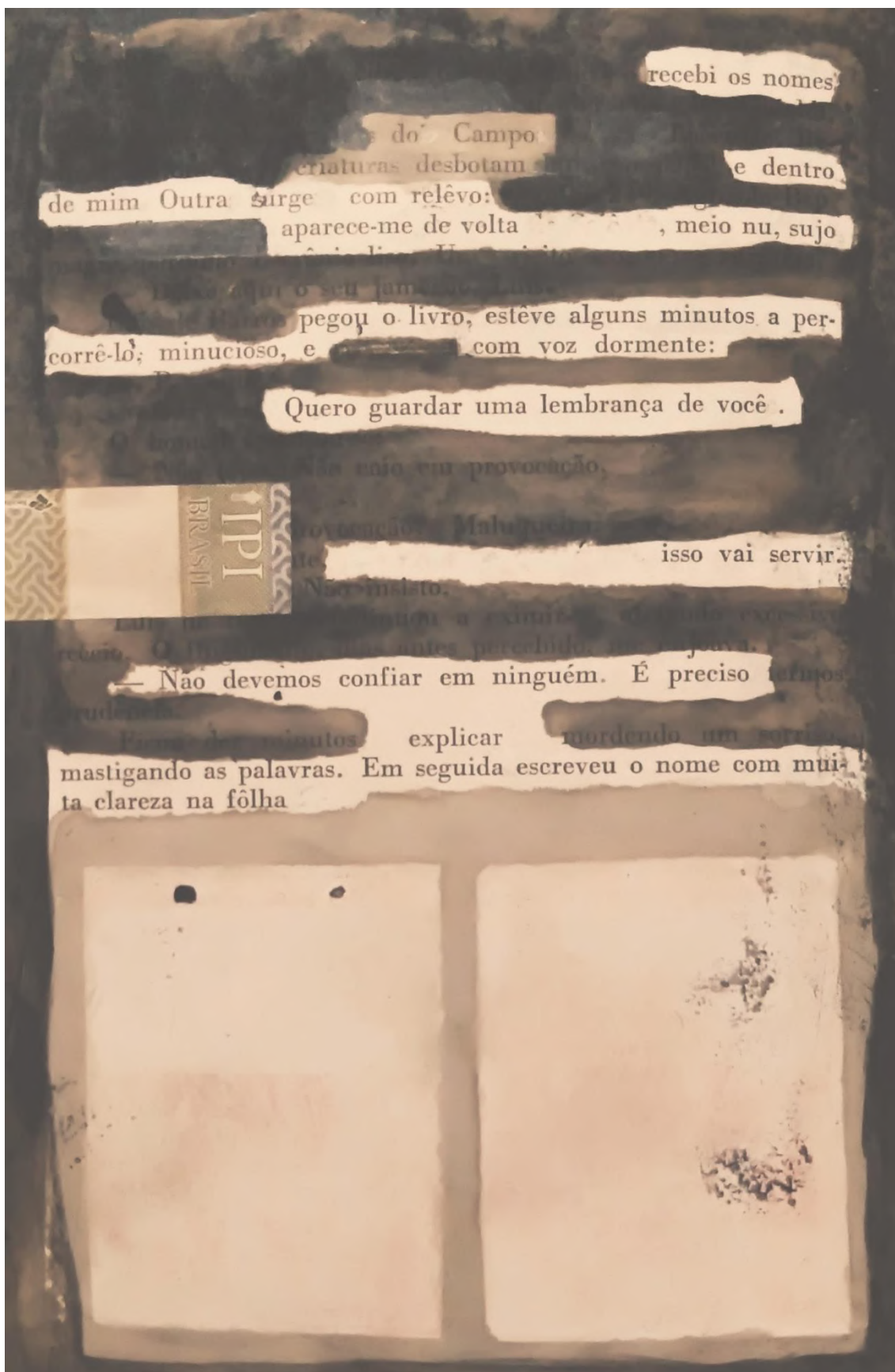
nossos instintos

Barulho de passos

Quantos crimes

para aguentar-se











Desconfie de todos.
O senhor está cercado

Eu sou o

Lembra-se?



MEMÓRIAS DO CĂRCERE — 221

brincadeiras de Apporelly, e depois de ouvir ao Hermes, as
divagações do Gil, não lhe ficou a impressão de inutilidade in-
dição. [...] junto a mim, [...]
jornal mencionava: a tarde [...] me dissera: —
entre [...] deste país.”
[...] alguns. Havia pelo
[...] saltava, embora me es-
forçasse por arrear [...] desgosto conhecer aquê-
le miserável.



enfermos incapazes de fuga... da

senti o prazer de achar-me só;

As células vizinhas estavam

silenciosas,
feito

a minha cólera impotente de testemunha

a lembrança:

subir uma escada

de náusea
a desfazer-se

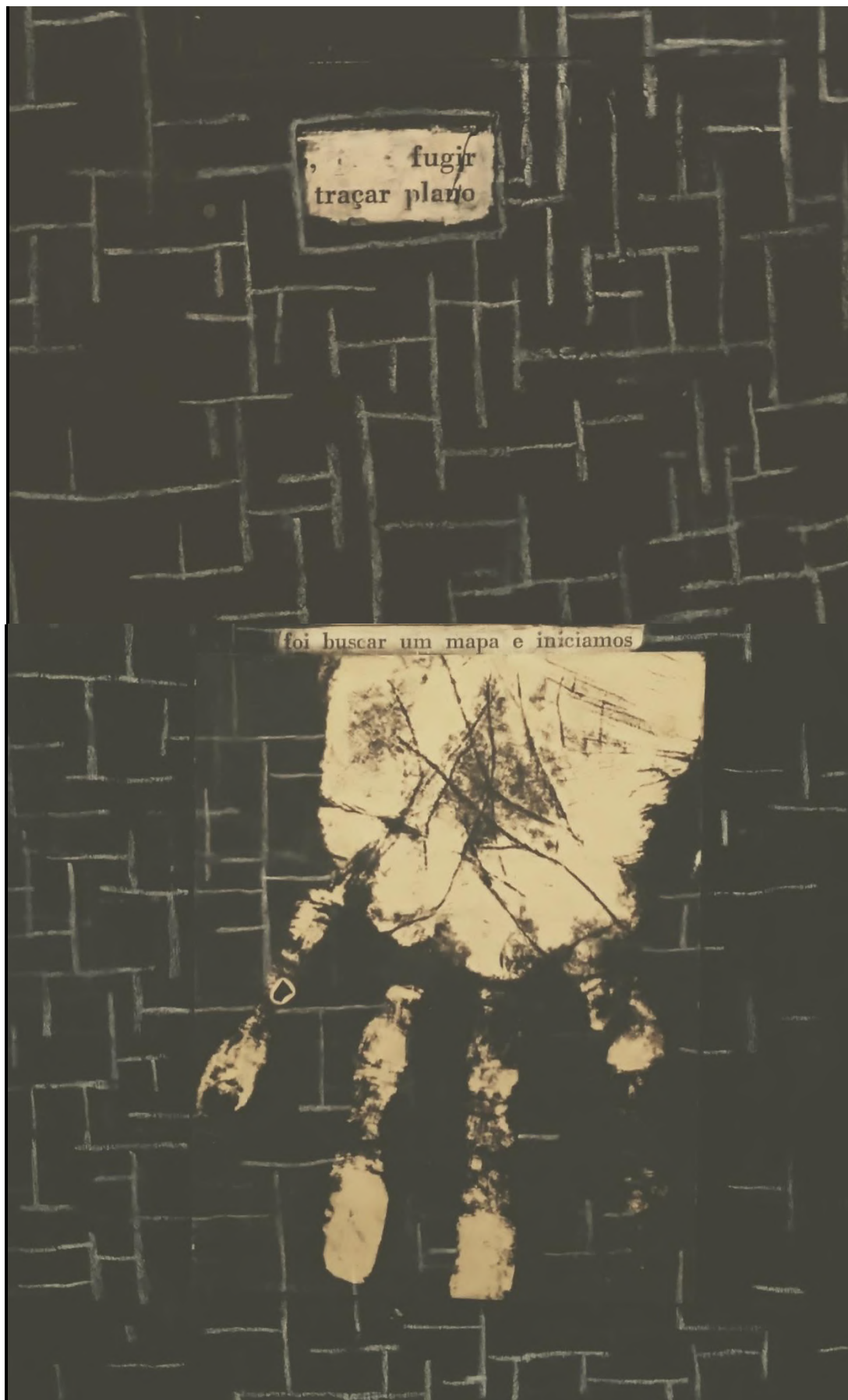
porque
um livro

pulsa

tanto? Recordação: o caminho

um

erro



fugir
traçar plano

foi buscar um mapa e iniciamos



a obra, pesa tudo,
e rouba o sono às palavras
Um
fora recomposto
e emendado. Um crime difícil,

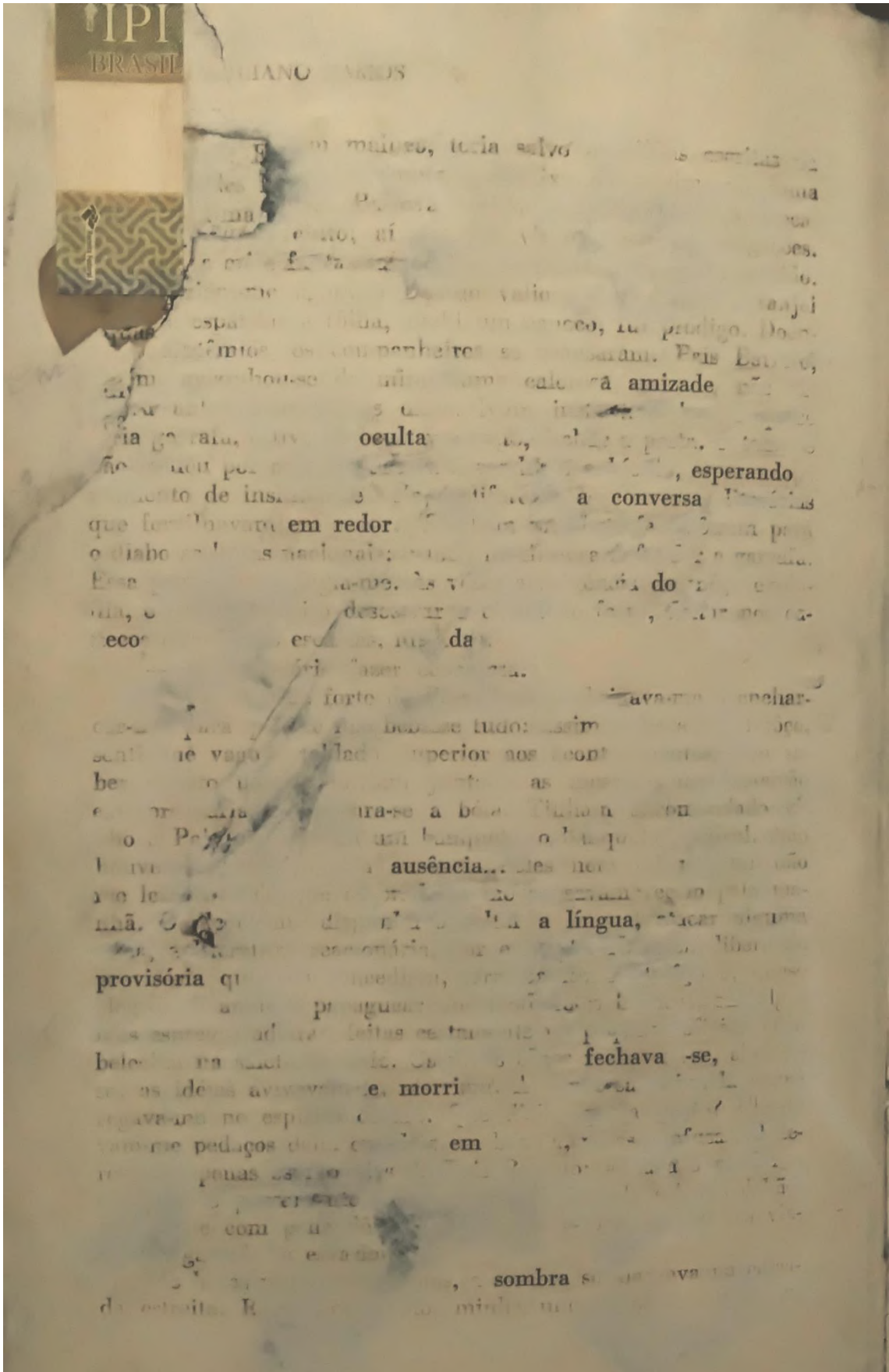
Essa longa passagem
falhas essenciais, essenciais,

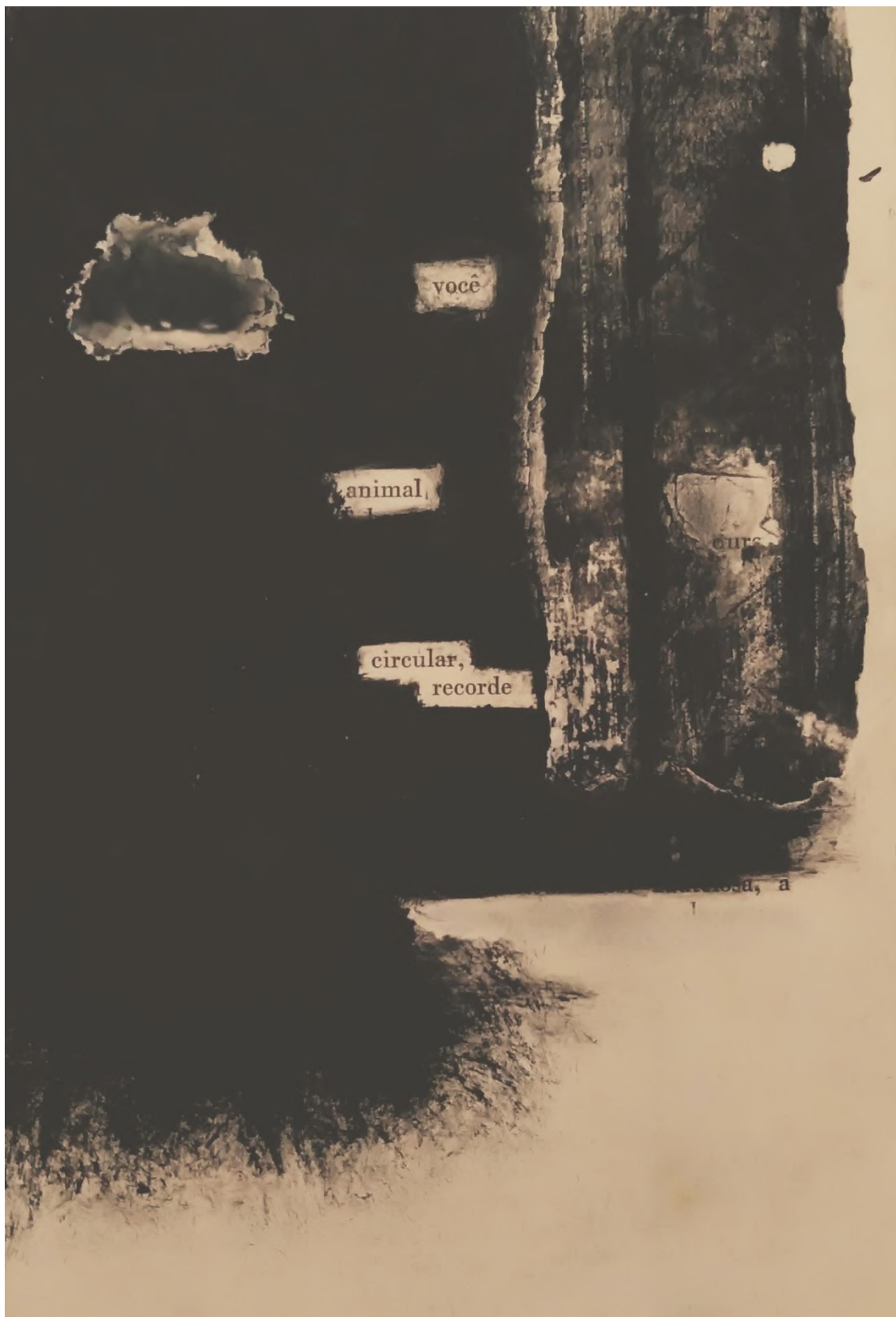
afaste
comentários, certamente
ruins: se os autor
entredita
uma virgula
deslocada

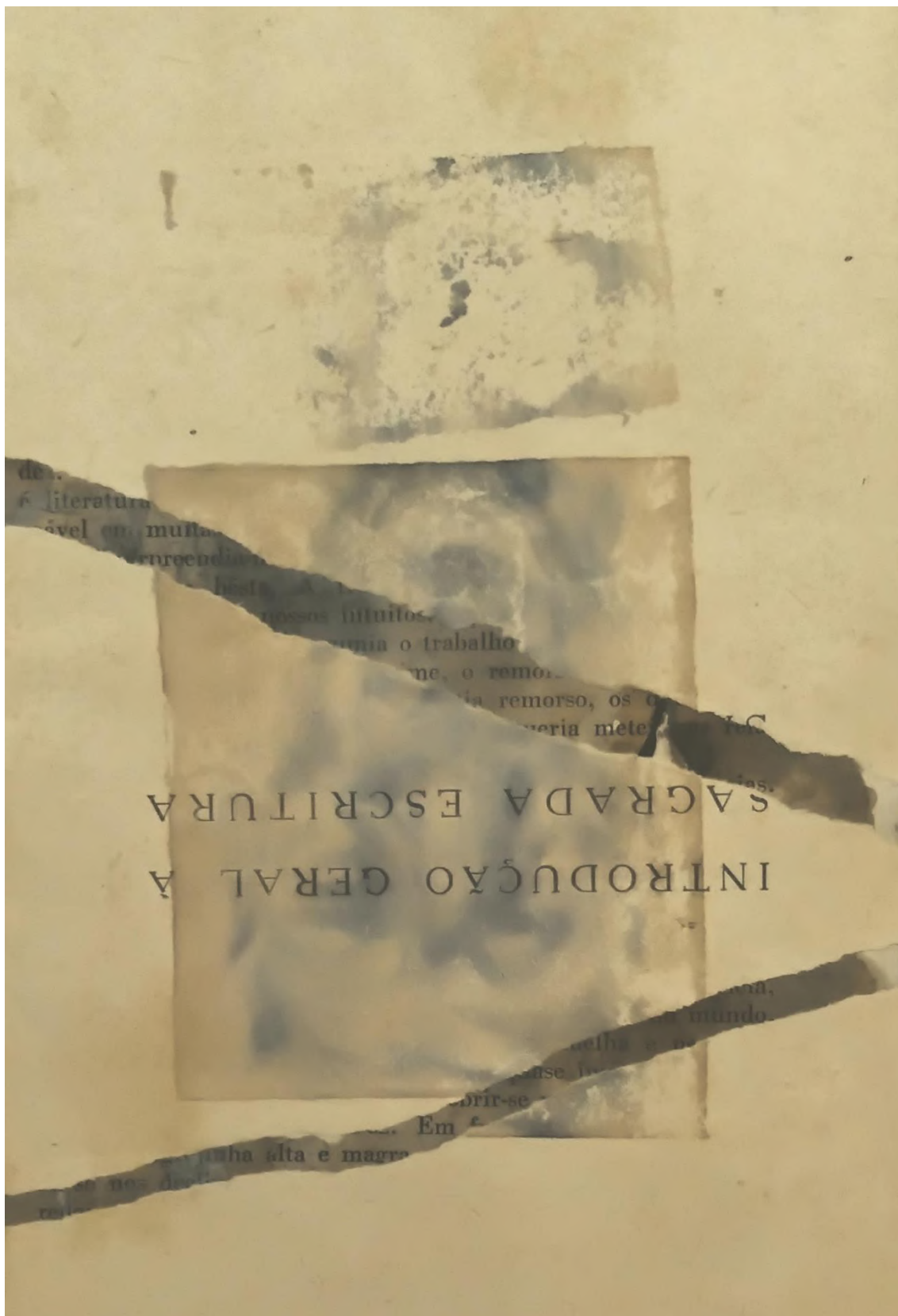
na revisão,
Vi nos
Artesão me a fixar
burguesia e burguesia
varam e a dar a palavra e o crime. Ninguém
referiam de
A história
história
ela, ali na cadeia a mas me sur,
tudo me insensível
bece, minha-me de todo
ninguma relação tinha comi
farmose rova do. Ao ler
clão e densidade

minha
produ
cos.
um escrito
Outro me
debaixo do









— Mas, caro amigo, o que deseja você que eu escreva?

pois tudo silenciou; preciso

ruína

seguir

a

prometida
te não divulgado.

um favor celes-

reconhece a letra do pai?

Meu caro filho,

Minhas fôrças têm diminuído nestes últimos dias. Por certo

já é tempo de preparar a

espera

e a mais prolongada

noite

será a

pronúncia:

o mal se faz ouvir.

te-á

*(Sendo, como és, romancista, ser-
um pretexto para te apresentares.)*

“Não procures ver-me;

estou

em poucas palavras e

próximo da grande partida,

*“P. S. — Não deixes transparecer que
nua. a desconhecer-me*

conti-

Órfão...

Dei uma vista de olhos no teu último livro:

é imperdoável.

”

Não se podia negar: o último livro

é

onde o seu

nome

respirou

a

sombra

do mundo

e a insônia,

vela

seu

gemi-

do.

— Quer saber, meu pai, do meu livro?

(Houve um longo silêncio)

— Espero que você se vá!

— Aceito os fatos.

Mas

meu pai

êste livro,

fala

em sua

contraposição

?

— . . . mente você não escreveu o livro.

Êle me dá a entender que escrevi *O Ar*
para entrar na academia.

— E mesmo que fôsse
você entra

depois,

por todos os lados.

emocionante.

com uma hipocrisia

Uma pena como a vossa

nos ameaça.

— Meu amigo . . .

Você está-se tornando

a provação de outrem,
a páginas
que se entrega a esse desabafo
dentro do cora-
ção,
a consolar
uma terrível
dúvida
sobre a sinceridade
do pensamento,
e
da mão
é sua correspondência
num papel a cada
eco

"Meu caro pai,

"Encontrei sua noite; a ma-
nhã me
confiou
provar minha dedicação."

essa criatura debai-
xo do ressentimento, vela a sua
feza.

"É-me penoso ver suspeitado pelo senhor
que"...

Não. Era melhor assim:

"Pensa o senhor que eu dou-me a esta
probidade literária que".

A frase não vinha.
senti que
colocá-lo no
papel

enevado
olho e
sobram
os lábios traídos,

— Mas o que é o amigo? Pensa
que o seu último livro é realmente
o outro ?

— Creio que o outro é o que
está aí

diante dêsse desabafo, sentindo
os argumentos para a sombra
ou ao eco

(a humanidade
permanece
fora de
contato)

No momento saí
com o traje adequado. Se

um não sei quê

induz

me

a palavra é

para o Beco

e

sua inquirição:

Que relação poderia ter

o
escrever

e o pai ?

Seu
nome

cedia lugar à

a abertura
do patamar:

vão um empurrou a
ninguem me

abria-se

Que relação poderia ter

o
escrever

e o pai ?

Seu
nome

cedia lugar à

a abertura
do patamar:

vão um empurrou a
ninguém me

abria-se

o fundo.

— senhor

?...

— O Sr.

mora aqui

?

— Êle saiu.

E

o que tem a dizer-lhe?

— Era uma...

eu lhe queria pedir

a

voz

não

ter...

... e o

perdão por

— Há uma tal

sordem aqui:

deixe,

a

voz

recobrar

o

ruído

afastando-se um pouco

57

lhe escreverei. ?

o que

conservo os olhos fechados

e
a
voz muda

— Preciso fazer uma confissão,

meu último

recurso...
esta noite

a menos,

aqui

e

agora,

ainda...

Deus, Confesso que não sei

c

o

n

f

e

s s

a r

silêncio...

— Qual é, então, o trabalho que me quer confiar? — o eco

alega que o texto
não seria m...

— Confesse

que

desnortou-se.

— Confesso que

tive de

refazê-lo.

— Nada mais há que fazer; queime o caderno.

— Se o estivesse ainda...

— Já me vinguei: ouço... é seu último
livro.

— Não é um livro

sou

o amigo do

não ser

Confesso lhe que

... Eis-me

sou

a mão delicadamente

grande

— Sofrerá um dia por ela.

— Quando já fôr tarde demais

— Diverte-se

em escrever?

— Não escrevo...

me

des

escrevo

em

resto:

na

outra

voz,

que

sagra o livro

ao

retoque

e

o

ama:

sem

compreender: corrigir

significa

orar

É esse direito de
escrever

a raspadura.
— E há o que raspar na sua vida?

...
calo

...
'confesse que
não confessaria.'

disse

ninguém dentro de mim ou

da
pergunta
...

Quer saber quem é ?
seu amigo

cujo nome.

Já

não mais,
professor

este nome a partir do dia e
o lugar

para ajudar a confiança
e me ligar

a uma aposta

do último

passo

na

fé

É como des-enhar aquilo que
não se é capaz

a composição
no outro.
de todos nós.

ditado nele.

Eu tinha acre-

tive com ele uma conversa ínti-
ma; mas fugi

em companhia de meu

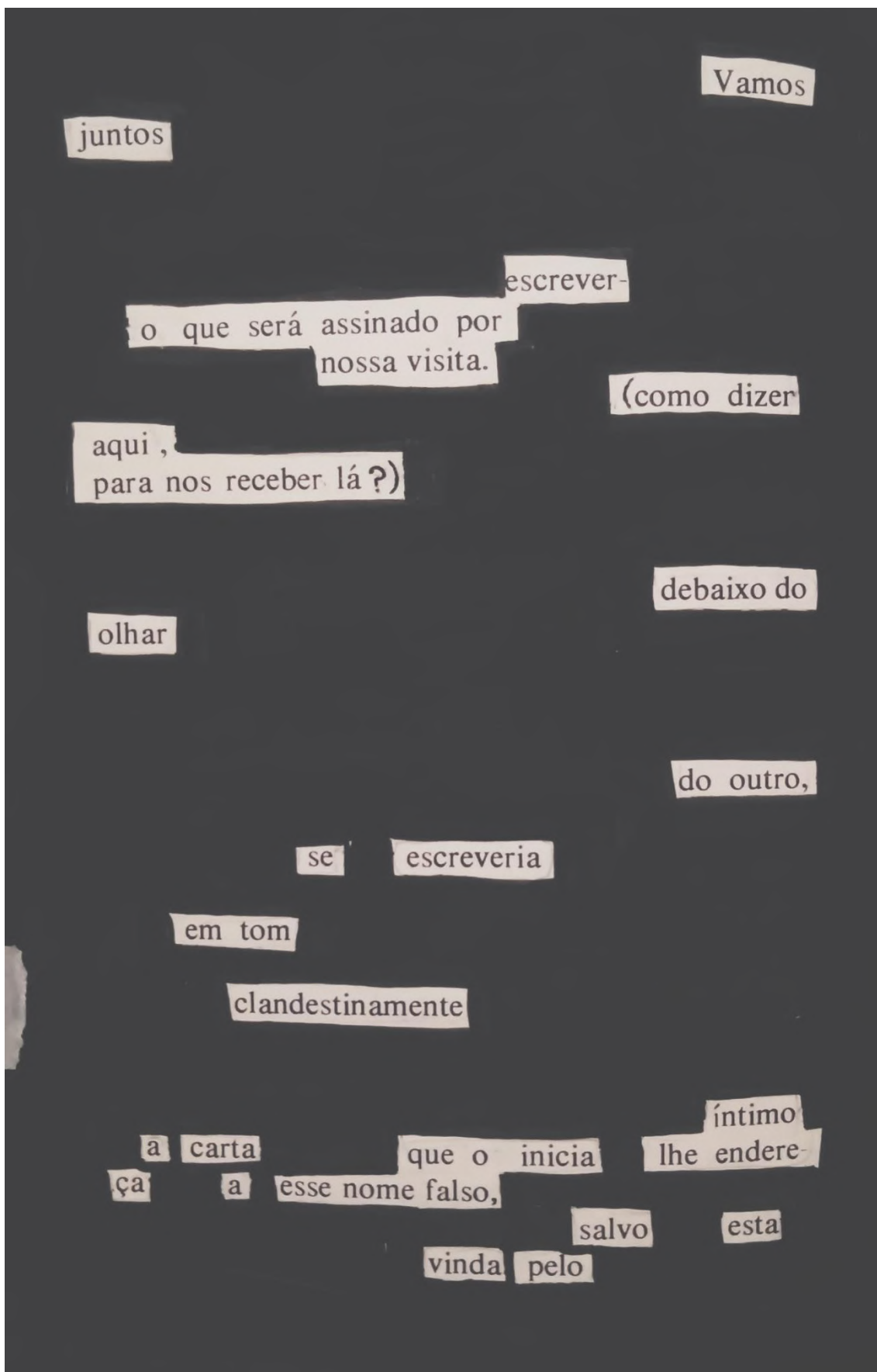
fim. Pressinto que

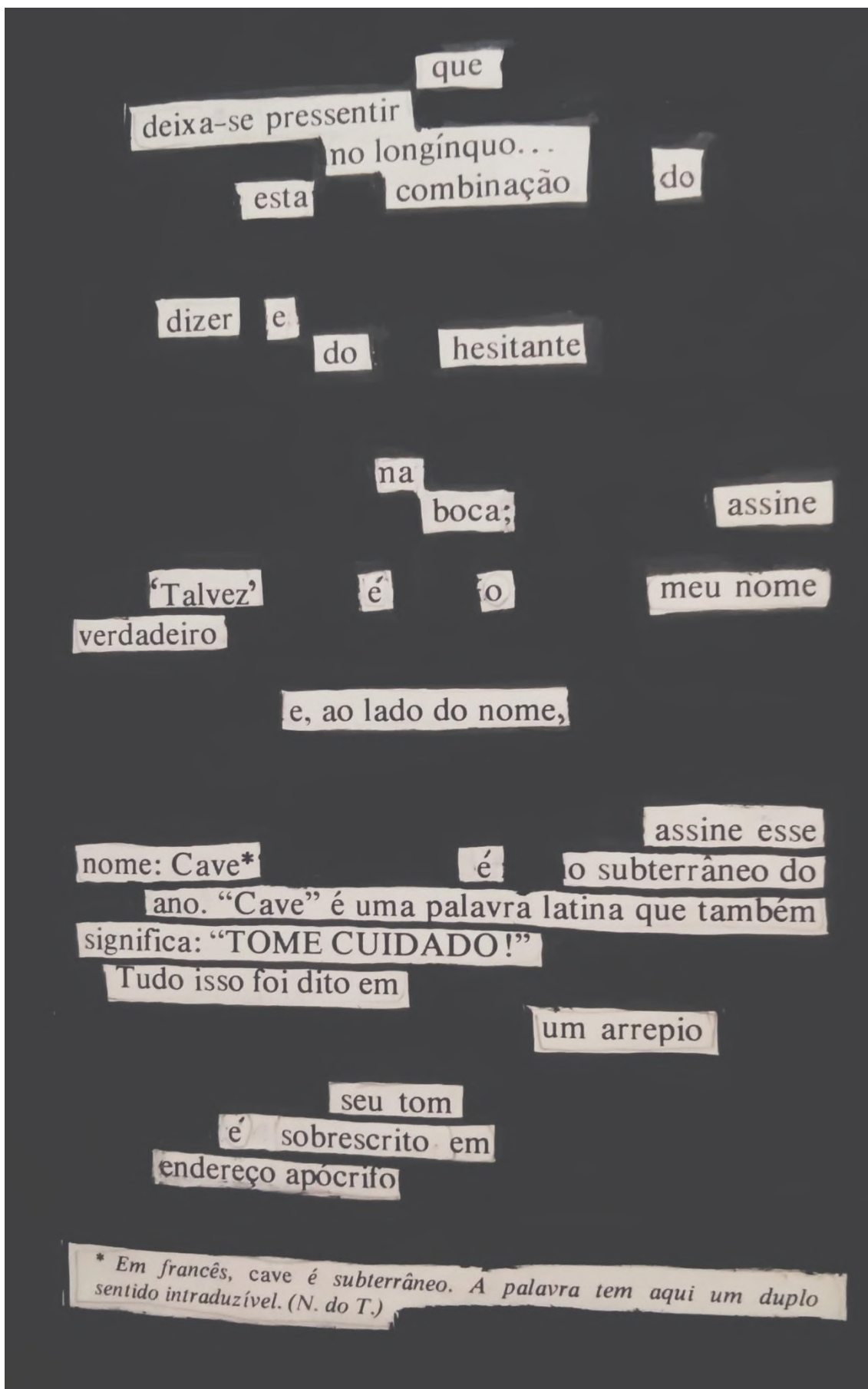
minha vida,

se

tinha deixado

apagar: eco





agora separemo nos.

Vamos combinar o encontro

na

falta

Adeus! adeus...

— Bendito seja o

que
murmura

sozinho

fadiga,

deixara

a grande

a noite,

se

confessar

no corpo

e recobria-o

com

o que você pensa.

Porque, afinal, desde que

o ser
não

é
o
ser

a

causa profun-

da

diz

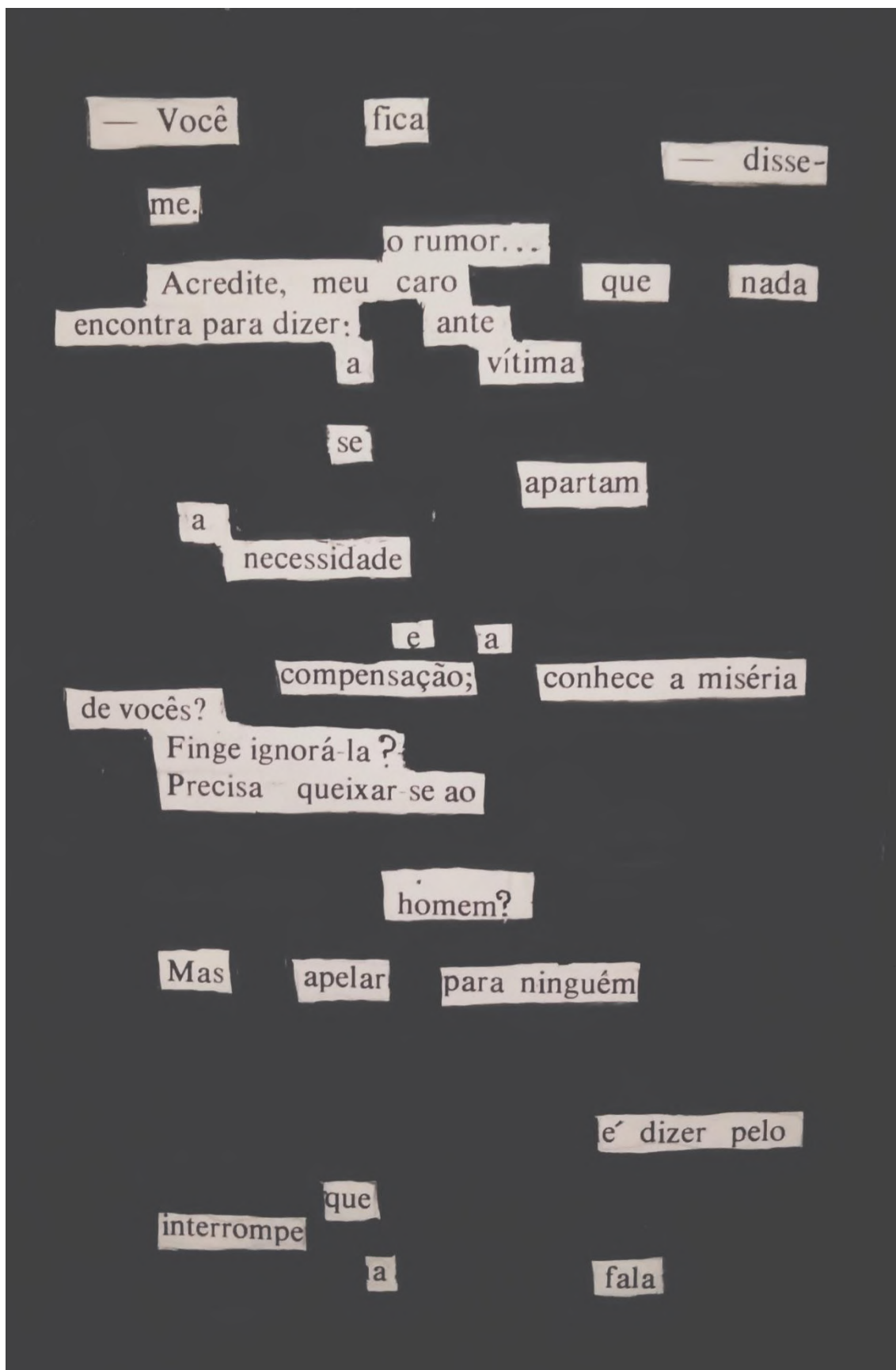
como

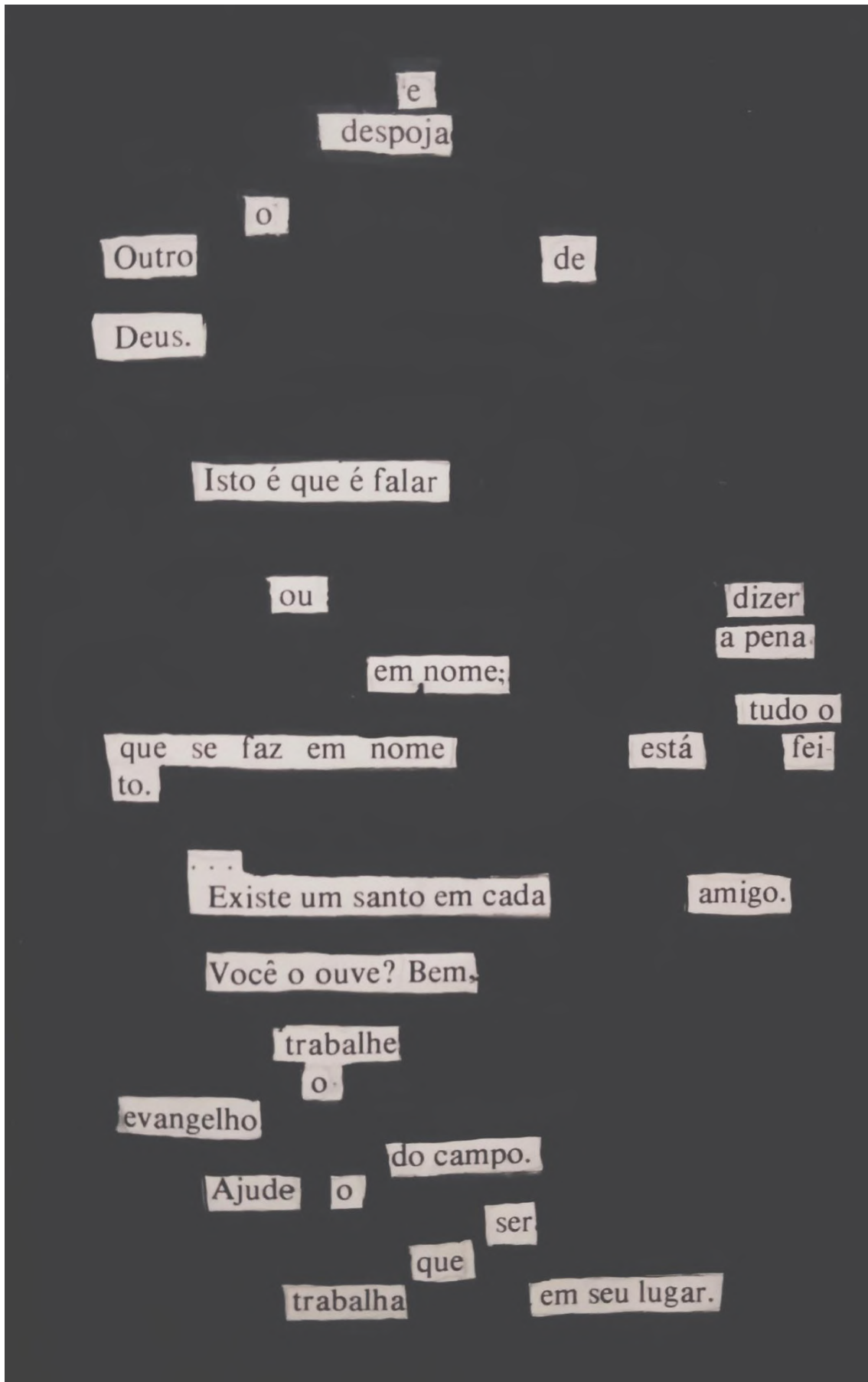
repetisse a pergunta.

com o rosto e o corpo cobertos

no

enterro.





em escrever homilias

Contente-se

à vergonha,

que

traz o *Pèlerin*

como

um canto de

quem

furou os olhos

e insiste

em

experiên-

cias

de

pobres animais

na

Igreja

em

pó: o bem é cego !

Cego,

meu irmão, ilumina

o

compromisso com

nossa fé:

se

dirija

para

o 'ainda--sempre'

o
agora que leva uma súplica ao
não... a sua conversão
a tal negação

passa o
estômago

e
volta
sobre o novo livro que preparo:
O Ar

É um livro falho; explicar-
lhe-ei por que, quando estiver em estado de
compreender e
viver em
Silêncio.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Os subterrâneos do ano (livro de artista) – guache sobre papel, 21x14cm.

Páginas: 14, 16, 19 – 20,22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 53, 56, 58, 60, 62, 64, 68, 70, 71, 255-281.

Enclave (livro de artista) – guache, pó de argila e pó de café, 30x20cm.

Páginas:76, 78, 80, 82, 84, 86, 88, 90-93, 95-96, 97, 99-100, 102-106, 108, 110-111, 113, 115, 117, 119,122, 124, 126-127, 129, 131.

Os cárceres da memória (livro de artista) – guache sobre papel, 20x15cm.

Páginas: 138-139, 140-141, 142-143, 147, 149, 151, 153, 155, 157, 159, 161, 163, 165, 167, 169, 171, 173, 175-176, 178-179, 190, 192, 194, 196, 198-199, 201-202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218-255.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre a política*. (Trad. David Pessoa). São Paulo, Autêntica, 2016.

_____. *O fogo e o relato*. São Paulo, Boitempo, 2016.

_____. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha*. São Paulo, Boitempo, 2010.

ANTLME, Robert. *A espécie humana*. Record, Rio de Janeiro, 2013.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*, vol. 2. São Paulo, Escuta, 2007

Bíblia: Novo: Testamento, Os quatro Evangelhos. (Trad. Frederico Lourenço). São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

_____. Vol. II *Novo Testamento. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. (Trad. Frederico Lourenço). São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

_____. Vol. III. *Antigo Testamento. Os livros proféticos*. (Trad. Frederico Lourenço). São Paulo, Companhia das Letras, 2019

Bíblia sagrada: edição pastoral (Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin), São Paulo, Paulus, 1990.

CAMPOS, Haroldo de. *Bere'shit: a cena da origem*. São Paulo, Perspectiva, 2019.

CHAR, René. *Furor e Mistério*. (Trad. Margarida Vale de Gato). Lisboa, Relógio d'água, 2000.

_____. *O nu perdido* (Trad. Augusto C. Borges). São Paulo, Iluminuras, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*. Editora 34, São Paulo, 2016.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Paz e terra, São Paulo, 1990.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rocco, Rio de Janeiro, 1988.

LÖWY, Michael. *Sobre o conceito de História*” (trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin e Marxos Lurtz Müller). São Paulo, Boitempo, 2005.

LUKÁCS, Georg. *A destruição da Razão*. São Paulo /Maceió, Instituto Lukács, 2020.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. (Trad. Francisco Fontanella).São Paulo, Boitempo, 2006.

JOURNOUD, Claude-Royet. Em *Poetas de França hoje 1945-1995* (Tradução, seleção e introdução Mario Laranjeira). São Paulo, FAPESP e EDUSP, 1996.

WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. Relógio d’água, Lisboa, 2004.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. (Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; introdução de Bertrand Russell). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

TRAKL, Georg. *De profundis* (tradução, seleção e posfácio de Claudia Cavalcanti). São Paulo, Iluminuras, 2010.

VIRGÍLIO, Públio. *Eneida*. Tradução por Tassilo Orpheu Spalding. Cultrix, São Paulo, 2004.